3 1761 07041837 1

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Ottawa

http://www.archive.org/details/camilocoel00coel

CAMILO

Tipografia Universal — Rua do Diario de Noticias, 78 — Lisboa

A. DO PRADO COELHO

Professor efectivo
do Liceu de Pedro Nunes

CAMILO

LIVRARIAS AILLAUD & BERTRAND
PARIS — LISBOA

LIVRARIA LELO & IRMÃO
PORTO

LIVRARIA FRANCISCO ALVES
RIO DE JANEIRO

1919

LIBRARY
NOV 03 1969
UNIVERSITY OF TORONTO

DO AUTOR:

O Ensino do Francês, pelo Método Directo, na Instrução Secundária, Porto, Imprensa Moderna, 1912.

Ensaios Críticos, Lisboa, Livrarias Aillaud & Bertrand, 1919.

PQ
9261
C3Z6435

A MINHA MULHER

I

O HOMEM

«Se tivestes o tacto de respirar num livro, aqui e ali, o coração do autor, achá-lo-ieis...»

CAMILO — *Duas Horas de Leitura*

Na noite de 22 de Novembro de 1886, num momento de desespêro supremo, Camilo Castelo-Branco escrevia:

«Esta deliberação de me suicidar vem de longe como um pressentimento. Previ desde os trinta anos êste fim. Receio que, chegado o supremo momento, não tenha a firmeza de espírito para traçar estas linhas. Antecipo-me à hora final. Quem puder ter a intuição das minhas dores não me lastime. A minha vida foi tão extraordinàriamente infeliz, que não podia acabar como a da maioria dos desgraçados. Êste abismo a que me atirei é o *terminus* da vereda viciosa por onde as fatalidades me encaminharam.

Quando se ler este papel, eu estarei gozando a primeira hora de repouso».

Quatro anos depois, sempre minado de angústias insuportáveis, prêsa de obsessões doentias, de idéas fatalistas, o grande romancista matava-se. Essas palavras de Camilo são talvez das mais expressivas de quantas empregou na sua «biografia de lágrimas». Êsse estado de extremo desânimo, essa exacerbação do seu temperamento excessivamente nervoso datavam já de longos anos, e, em especial, de 1861, dessas noites infindáveis e sempre álgidas da cadeia da Relação do Porto. Aí, a maior paixão amorosa da sua vida caíu na «voragem do desengano». Aí, as primeiras ameaças do mal dos olhos lhe encheram o espírito das mais terríveis e perseguidoras apreensões que infelizmente saíram certas e o vieram a precipitar no suicídio.

Aí, também, um pesado fardo de responsabilidades e encargos novos o fez curvar sôbre a mesa de trabalho, como um forçado.

«Eu inclinava o peito crivado de dores sôbre uma banca para ganhar, escrevendo e tressudando sangue, o pão de uma família. A luz dos olhos bruxuleava já nas vascas da

cegueira. E eu escrevia, escrevia sempre». (*No Bom Jesus do Monte*).

A paixão da produção, da criação, e a consciência imperturbável do próprio valor impediram que perdesse a confiança em si, no poder do seu esfôrço, e determinaram-no a afogar no trabalho as angústias do momento e o negro pressentimento de muitas outras. O trabalho o salvou, por muito tempo, nas suas mais lancinantes e cruciantes crises. Disse de uma delas: «Se eu então me deixasse cravar da guerra do desespêro, morria.»

Estimulado por essa ânsia de afugentar preocupações, de amortecer as dores, de se salvar, num estado de hiper-sensibilidade, se identificou, na cadeia da Relação, com seu tio Simão Botelho, que no mesmo cárcere penara, e de quem fez herói dêsse belo romance, composto dum jacto de inspiração, em quinze dias, «os mais atormentados da sua vida», o *Amor de Perdição;* e as amarguras que lhe faziam «tressudar sangue» embeberam-se, engolfaram-se nessas páginas palpitantes, esbraseadas, com que mais nenhuma outra alma vibrou talvez tanto como a do potente criador das inolvidáveis figuras de Mariana e de seu pai.

De todo êsse alvoroço de alma lhe advi-

nha uma visão mais penetrante da realidade, um sentimento mais intenso dos sofrimentos alheios, uma idealização mais poética da vida circunstante, uma noção mais perfeita das condições artísticas da criação (1); e, a par, percebia, com inexprimível satisfação, que as energias físicas se lhe decuplicavam.

Aludindo a uma dessas horas bemditas, informava Ouguela: «Nunca senti o meu espírito tão lúcido, a fantasia tão fecunda, e o esfôrço tão inquebrantável». E exultava por ver que a pobreza era «vencida pela energia do trabalho»; e convencia-se, num doce misto de tristeza e de vaidade, de que «a prisão é muito aborrecida aos felizes da sociedade e aos que não teem asas com que a alma lhes esvoace para longe».

O mesmo prazer honesto e nobilitante de vencer pelo trabalho árduo os atritos de toda a espécie e as depressões do ânimo reçuma destas evocações, incluídas no

(1) «Uma tempestade da vida, que em Outubro de 1860 se repercutiu nas abóbadas do cárcere, parece ter depurado o talento de Camilo como num crisol de torturas.» (A. Pimentel — *O Romance do Romancista*).

Amor de Salvação: «Isto (o ser a cadeia da Relação o menos conveniente dos paradeiros para o homem de gostos impermanentes em objecto de aposentadoria), sem embargo, não impedia que esta minha tão querida pena, tão amiga confidente daquelas trezentas e oitenta noites — de Janeiro tôdas, que lá a dentro dos congelados firmamentos de pedra reina perpétuo inverno, e giam as abóbadas, não sei se lágrimas, se sangue, se água represada nos poros do granito — não impedia, vinha eu dizendo, que a minha pena, com o seu incansável fremir sôbre o papel me aligeirasse as noites, e aos assomos da alvorada me convidasse para a banca do trabalho, que foi o meu altar de Graças ao Senhor...»

Amarrado ao trabalho «para ganhar o pão de uma família», encontrava no seu amor à criação, no seu prazer imenso, inesgotável de derramar a alma ulcerada pelas suas obras, a máxima compensação de todos os infortúnios, o adorado lenitivo a todos os males.

«Apesar de tudo — exclamava —, se morrer com a corrente do forçado, hei de morrer contente.» (Carta a Ouguela).

Em 1865, Camilo escrevia a Gomes Mon-

teiro: «Eu trabalho há três anos, incansàvelmente, a ver se consigo morrer sem dívidas, dívidas contraídas em cinco anos de infortúnio que se vão prolongando pela vida fora».

Tinha o mais legítimo orgulho em considerar-se um trabalhador. Quando, em 1890, já não podia trabalhar e teve de aceitar o auxílio oficial, justificava-se plenamente: «Logo que eu aceitei do Estado uma pensão é que eu não podia trabalhar e manter a minha laboriosa independência de quarenta anos.» (Carta a Oliveira Ramos).

Era ainda o mesmo homem que dissera, em 1861: «O homem que trabalha não pede nem aceita esmolas, e, se a pedisse ao Rei, julgava-me tão humilhado como se a pedisse ao ínfimo dos homens». (A Pimentel — *Os Amores de Camilo*).

Ao amor do trabalho veio juntar-se o dos filhos. Dizia: «Os filhos são os que explicam o milagre da vida dos pais desgraçados». (Carta a Ouguela). E ainda: «Olho para estas crianças e tremo de as deixar». (Carta ao mesmo).

O trabalho foi-lhe sempre, por via de regra, manancial de alegrias, de confortos morais. Mas os filhos, não. Jorge, demente incurável,

e Nuno, dissipador incorrigível, deram-lhe enormes desgostos, aumentaram-lhe o tédio, o horror de viver.

Foram todas essas máguas, foi o falecimento de amigos dedicados (1), em cujas mortalhas sentia que se lhe ia de envolta a vida, e o do «filho do seu coração», Manuel Plácido, que lhe expirou nos braços com dezanove anos apenas, e o de Maria Camila, a netinha estremecida, com dezasseis meses, treze dias depois da mãe, que o levaram a encarar mais firmemente a morte, «como uma redenção», e lhe causavam, por fim, a ina-

(1) «... Eu estou vendo na parede fronteira a esta mesa uma galeria de homens que amei e todos são mortos. Um era José Augusto da Silveira Pinto, morto no naufrágio do vapor *Porto*, em 1852; outro foi José Augusto Pinto de Magalhães, que aí morreu na travessa de Estêvam Galhardo, e cuja história podes ler em um livro meu, intitulado *No Bom Jesus do Monte;* outro foi José Júlio de Oliveira Pinto, morto em duelo; outro era José Barbosa e Silva, muitos anos deputado... O último de esta série de mortos era José Cardoso Vieira de Castro. Ámanhã fazem-se-lhe exéquias no Porto. Irei assistir. Tenho a alma afogada em lágrimas e não posso chorar. Leio as cartas últimas dêle, que me rasgam o coração. Estou muito sucumbido». (Carta a Ouguela).

petência ao trabalho, quando mais carecia dêle como único meio eficaz para alívio de tantas dores. Há uma página admirável que bem revela quanto a nostalgia dos mortos queridos se tornou para Camilo numa obsessão. O Padre António d'Azevedo, irmão do médico Francisco José d'Azevedo, cunhado de Camilo, foi um dos guias espirituais do romancista, através de tôda a sua vida (1).

«Em 1881, fui a Vilarinho. Cheguei ao anoitecer. Bati na primeira porta à entrada da aldeia... Logo adiante estava o presbitério. O sino deu as nove badaladas das trindades. Pareceu-me ouvir Padre António dizer em voz soturna as palavras que lhe

(1) Em *A Lira Meridional*, contou recordações da infância: «Vivi dois anos com êste prior (na casa de Vilarinho da Samardã). As nossas camas estavam no mesmo quarto. Ensinava-me latim e música de canto. Ele era um belo barítono em cantares místicos... Antes de saber traduzir o *Eutrópio*, pronunciava correctíssimamente a prosa e o verso. Padre António fazia-me psalmear com êle os versículos do *Breviário*, alternadamente. Rezávamos, ao romper d'alva, *matinas*, depois *laudes*, à noite *vesperas* e *completas*...» E noutro lugar do mesmo livro: «Uma vidraça do nosso quarto não tinha portadas. Êle queria ver o re-

ouvira proferir, com as mãos postas, durante dois anos, àquela hora: O *anjo do Senhor anunciou: Maria concebeu por obra e graça do Espírito Santo*... Cuidei que o via e ouvia. Era êle a esperar-me. *Em pessoa ou em memória aqui me encontrareis em qualquer tempo.* Lá estava. Fui ao quarto onde dormíramos. Toquei em alguns dos seus livros. Sentia nas mãos a frialdade dum crânio. Meu sobrinho mostrou-me uma *Arte da Língua Francesa,* em que eu, aos quinze anos, escrevera não sei que parvoíçadas sentenciosas. Senti-me oprimido, doente, arrependido de ali ir levantar os fantasmas de uma numerosa família morta. Noite cerrada,

---

pontar da aurora. Quando a lua nascia por alta noite, eu acordava, às vezes, e via-o sentado no seu leito banhado de luar, rezando os doze mistérios, por umas contas monásticas.» Não se deve tomar à letra o que Camilo, às vezes inconstante e frívolo, escreveu no vol. II das *Memórias do Cárcere,* àcêrca do Padre António d'Azevedo: «... alma de Deus, missionário fervoroso que me podia ensinar tanto latim, tanta virtude, e só me ensinou princípios de cantochão...» — O exemplo prestigioso da santa unção do prior havia de assistir-lhe, pela existência fora, nas horas de tormentas morais.

saí de Vilarinho, e, ao passar, de novo, rente com o presbitério, ouvia-se o estridular das cigarras, e o frémito dos morcêgos, que se esvoaçavam à volta do campanário.» (Prefácio de *A Lira Meridional*).

* * *

Quando Camilo, na noite de 22 de Novembro de 1886, disposto a pôr termo à vida, escreveu, julgando-se: «Não deixo nada. Deixo um exemplo» —, dava balanço ao porfiado, por vezes espantoso labor de tôda a sua existência, e pesava as circunstâncias da sua terra que considerava haver descido ao «raso lamaçal» da ignorância, da estupidez, da cómoda indiferença, do cínico egoísmo. Êle, que tão sensível era a manifestações de simpatia e aprêço, chegou a ter o maior desprêzo pelos juízos que lhe teciam, e sentenciava-os com uma dureza, às vezes bem justificável, por evidentemente inéptos. Numa carta a Ricardo Jorge, dizia: «Li o artigo do Barradas em que me chama o Vítor Cousin — o chefe do eclectismo português. Palavra de honra, meu amigo, diabos me levem se eu sabia que era aquilo! Um

dêstes dias, um jornal de Barcelos chamou-me o Henri Heine, outro daí até me chamou Gerson e Quevedo: não sei o que dizem Lamego e Trancoso sôbre o ponto.» (Visconde de Vila-Moura — *Camilo Inédito).*

Extremamente inteligente, êle sabia bem quanto valia, não o cegando nunca tolos desvanecimentos. Também, ao mesmo passo, conhecia quanto valiam os outros, não o desorientando os preconceitos correntes, e apreendendo o êrro, a insânia dos outros com a mais perfeita lucidez crítica.

Observador sagaz das produções alheias, depressa e fácilmente lhes descortinava os defeitos.

Apreciando a *Relíquia,* de Eça de Queiroz, em quem Camilo reconhecia a «estofa dum grande escritor», lamentou que êste romancista fizesse que o sonho da Paixão de Jesus de Nazaré, «a alma esplêndida do livro», «um sonho de transcendente ascese,» fôsse sonhado pelo «pulha Dom Raposo, desbragado garoto», e classificou tão triste idéa de «histerismo da imaginação», «nevrose do talento» (A. Cabral — *Camilo de Perfil).*

E, àcêrca de *Os Amores de Júlia,* de José de Sousa Monteiro, opinou: «Não será com êste livro que o autor grangeia 300 leitores.

Nunca se foi mais ao arripio da corrente do gôsto público. Em 1986, ninguêm dirá que êste livro saiu contemporâneo de Flaubert» (*Ibid.*)

Estas críticas eram, em geral, lançadas à margem dos livros, de fugida, no momento da leitura.

Depois de ler o seguinte passo dos *Opúsculos* de Herculano:— «Obedeci: o meu espírito caíu no mundo presente, presente na sua mais rigorosa data, uma noite péssima do mês de Novembro do ano do Senhor de 1842... Ao longe, a fita alvacenta da estrada coleando por entre os linhares e milharais, refrangia de quando em quando o luar fugitivo da superfície alagada das baixas...» — Camilo comentou: «Linhares e milharais em Novembro! Que agricultor!» (A. Neves — *Camilo Castelo-Branco — Notas à margem em vários livros da sua Biblioteca).*

Exigente, como se vê, para com os outros, era-o necessàriamente consigo mesmo. Se o feitio moral de Camilo fôsse menos avesso a seguir os preceitos e normas das escolas literárias, se fôsse mais capaz de submeter-se às regras de uma disciplina qualquer, ainda de ordem puramente espiritual, teria profundado mais no estudo dos processos magistrais de Balzac, cujas obras conheceu,

mas que parece não ter sabido apreciar, em tôda a sua verdade e beleza.

Alguma coisa da arte balzaquiana passou, todavia, sem dúvida, para o romance de Camilo; e onde essa influência melhor se notará é nos romances e novelas mais friamente concebidas e compostas, que escaparam ao domínio absorvente das paixões.

Quando os sentimentos, em febril exaltação, tomavam o passo aos lavores da técnica, que requerem vagares e meticulosidades, impossíveis em tais estados de espírito, o ardor das comoções era a essência e a directriz soberana de tôda a criação. Então, obliterava-se no artista, com freqüência, o seu sentimento da humanidade e a intuição dos efeitos estéticos a produzir; e, contudo, não reprimindo tais comoções, antes deixando-as irromper à solta do íntimo d'alma, fá-lo-ia, não raro, por amor à própria verdade.

Já ao publicar a folha avulsa *Maria! não me mates que sou tua mãe!* haveria reconhecido a grande fôrça de que dispunha. (T. Braga — *Esbôço Biográfico*, 1916).

O critério artístico de Camilo tinha grandes afinidades com o de Garrett.

Lembra-me, a propósito, o caso que Gomes de Amorim conta do autor do *Frei*

Luís de Sousa. (*Memórias Biográficas*, t. III). Tendo-lhe acabado de ler os capítulos *Última Comunhão* e *Religião, Poesia e Morte*, do romance *Helena*, o eminente poeta, voltando para o seu admirador os olhos húmidos, exclamou: «— Deixemo-nos de ilusões! Se o escritor atinge a verdade, é êle o primeiro a senti-la. Tôda a vez que você escrever para o teatro, e se arripiar ou comover com a combinação de qualquer lance, creia que está no bom caminho. E pense sempre mais em preparar efeitos para a plateia geral, que é sincera nos seus sinais de aprovação, do que para a superior, gafa e saciada, que em vez de sensibilidade lhe dará palavras, quando não calúnias».

Foi no sentir a verdade dolorosa das suas criações literárias que Camilo afogou as aflições da sua alma transida. A arte foi-lhe, pois, amparo e refúgio (1), mas no seu culto

(1) Em *A Filha do Doutor Negro*, declarou: «Há um médico celestial que Deus põe à beira de cada enfêrmo das doenças perigosas do espírito: não médico, antes anjo deverei chamar-lhe, anjo que sustem nas mãos condidíssimas a urna dos bálsamos, colhidos nas flores do Evangelho. É o *Trabalho*».

esgotaram-se-lhe energias físicas, do que resultou o agravamento da anemia, e, concomitantemente, do pessimismo que lhe fazia ver «em tôda a parte, o tédio, o asco das coisas e das pessoas». (Carta a Ouguela), nessas crises de «intercadência negra» que supunha ser o ingresso na demência. Há um testemunho eloqùente dessa angústia do trabalho: «... Quando posso refugiar-me no trabalho, tenho horas de refrigério; mas, concluído um livro, vem uma reacção de anemia nervosa que me deixa inerme para a luta com a desgraça. Daí veio, meu amigo, a descrença profunda que me devastou a alma. Conto com poucos meses de vida e chego a alegrar-me, quando olho para essa extrema e única evasiva. Preciso descansar e deixarei de trabalhar para morrer.» (Sena Freitas — *Perfil de Camilo Castelo-Branco*).

Êste sentimental — eu ia qùase a dizer: êste nevropata — difícilmente poderia ter sido um verdadeiro sábio, um investigador profundo de qualquer sciência, um frio analista do homem e das sociedades (1). A sua

(1) Não esqueço os estudos que consagrou a Camões, a Gil Vicente, a D. Francisco Manuel de Melo, a D. Francisco de Portugal, ao marquês de

cultura mental foi, por isso, caprichosa, irregular, ao sabor das suas curiosidades de auto-didata; e as suas idéas e sentimentos sôbre política, religião, arte, etc., tiveram, como era natural, as mesmas flutuações, as mesmas vacilações, os mesmos arrebatamentos do seu espírito, de tendências acentuadamente doentias. O homem possuia, de ordinário, a consciência das suas fôrças e das suas fraquezas; e é essa consciência que, através de todas as vicissitudes, estabelece e mantem o equilíbrio da individualidade.

Em carta a Sena Freitas, àcêrca da tradução que êste fizera dum livro de Féval, *Os Jesuitas*, Camilo escreveu: «Pelo que respeita à substância do livro, revê ali o ex-

---

Pombal, e a outros, insertos na *Bohémia do Espírito*, nas *Noites de Insónia*, no *Curso de Literatura Portuguesa*, acompanhando os romances *Eusébio Macário* e *Corja*, etc. Precipitado no apurar e no inferir dos factos, apaixonado na visão crítica e na elaboração construtiva, a erudição do romancista, copiosa em assuntos históricos nacionais, não atingiu, por via de regra, a segurança exigível. Prometeu estudos sôbre o Prior do Crato e sôbre a história da Parenética portuguesa, mas não chegou a cumprir a promessa.

romancista dos *Fanfarons du Roi*. Muito declamatório, romântico ainda e descuidado do tom da piedade e da clave histórica. Não lhe perdôo que êle faça falar por sua bôca Inácio de Loiola, desde pág. 96 até 132. Vislumbres de romancista afeito a dar corda à parlenda dos seus personagens. Santo Inácio devia falar com a chaneza dos *Exercícios Espirituais*. Antes me quero com a simplicidade do Ribadenera, biógrafo principal do santo. O inverosímil é um atentado em história, e história de tamanho sujeito». (Sena Freitas — *Perfil de Camilo Castelo Branco).*

Nos instantes de serenidade, era assim, de uma inteligência límpida como um cristal. Porêm, quando a misantropia o invadia, o scéptico, o pessimista, numa indignação que não poderia fingir, agarrava no látego da sua crítica biliosa e azorragava uns e outros, o país inteiro. «Eu não olho a sério para nada disto. Não vejo aqui senão o engodo ao *humour*. Nos países perdidos a coisa é assim. Morreu há poucos anos o Philarète Charles que deixou um livro póstumo — a *Psicologia Social*, onde vêm êstes dizeres que parece entenderem-se comnosco: *País que não tem literatura está mor-*

to. O que a tem má, frenética, depravada, contínuo plagiato, ou de rebotalhos senis, apresenta o sintoma hipocrático da próxima agonia. Surge então a contenda entre falsos clássicos e falsos românticos. Luta de furiosos e idiotas. Se isto não é com Portugal, deve ser com os esquimós ou com os peles-vermelhas». (Sena Freitas — *Ibid.).*

Como poderiam deixar de ressentir-se da influência dêstes fogosos ímpetos do temperamento as suas idéas gerais?

Desabafando, quando não chorava, ria-se (1).

Êle definiu, numa página imortal, o *humour*, o seu *humour*, «essa fada bemdita que me urde as chalaças...»

«O rir... do animal filósofo não é a casquinada saloia do bípede implume de Platão que vaga à toa e à tuna, sem casta de filo-

(1) Não raro, com o esfôrço de sorrir, nos forçados motejos, ainda mais despedaçada sentia a alma.

«Mas tu, sorriso, que provas?
Que é bem mais doce o chorar!»

(Nostalgias).

sofia nenhuma. Há aí um gargalhar que a sciência denominou *espasmo cínico* ou *de cão,* um exibir das arcadas dentárias até os condilos. É o carácter bestial da canalha. É o que os ingleses chamam rir de cavalo — *horse laugh.* Há também o rir chamado *sardónico,* o rir duns que comeram o fabuloso rainúnculo da Sardenha. Ora entre nós os que desta arte destampam gargalhadas não comeram rainúnculos, é gente embuchada de feijão branco e orelha de cevado. Essa hedionda deformidade caracteriza estupidez qùase sempre malévola; corresponde ao espojar-se, se o rir é méramente bruto, e ao escoucear, quando é bruto e máu. Não riram assim Demócrito, Aristófanes, Esopo, Petrónio, Aretino, Gil Vicente, Erasmo, Sterne, Rabelais, Charron, Molière, Voltaire, Tolentino, Byron, Heine...—É preciso ter chorado para imortalizar o riso, no livro, na estrofe, na sentença, na palavra...» (Introd. de *A Mulher Fatal).*

* * *

Camilo, sem deixar de ser, no íntimo, por tôda a sua vida, um aristocrata, um homem sempre em busca de pergaminhos que enal-

tecessem a sua jerarquia (1), foi propenso, como revelou em vários dos seus romances, às correntes democráticas, igualitárias. Provam-no, por exemplo, as palavras do general Noronha, o senhor do Paço de Gondar, pai de Ângela *(Os Brilhantes do Brasilei-*

(1) «... Vinte anos depois de escrito o *Amor de Perdição*, planeando escrever a crónica dos *Brocas* (alcunha universitária do avô paterno) pedia ao Visconde de Sanches de Baena que lhe desse alguma informação dos antepassados daquele seu avô, Domingos José Correia Botelho, e da sua mulher, cujo apelido *Caldeirão* lhe despertava curiosidade». (A. Pimentel — *Notas sôbre o «Amor de Perdição»)*. Pelo estudo do sr. Pedro de Azevedo, *Os Antepassados de Camilo*, sabe-se que Domingos José Correia Botelho, pai de Simão Botelho, o protagonista do *Amor de Perdição*, não era «fidalgo de linhagem», nem «um dos mais antigos solarengos de Vila Rial» e sua mulher não era filha dum capitão de cavalos e neta doutro, nem foi dama da rainha D. Maria I, nem tinha «uma série de avoengos, uns bispos outros generais», como se afirma nesse romance. Também o pai de Domingos Botelho não foi Fernão Botelho, mas Manuel Correia Botelho, escrivão. E o bisavô paterno de Simão não foi «Paulo Botelho Correia, o mais valente fidalgo que dera Traz-os-Montes», mas sim Domingos Correia Botelho, picheleiro, arrematante das rendas do concelho.

ro): «Todas as gerações são históricas... A geração da plebe francesa, da minha mocidade, é a mais histórica de quantas houve... Eu casei com uma pastora dos rebanhos dos meus caseiros. Chamava-se Josefa Salgueiro. Amei-a como se ela descesse dum trono para me receber. Ao mesmo tempo que a pastora morria de dor por me ver ferido, a imperatriz da Rússia era uma devassa, e a raínha de Portugal era... a espôsa do sr. D. João VI...»

Francisco da Costa, em o mesmo romance, repudia o título de conde «— Um operador de cataratas *conde!* Meu querido amigo! não queira vossa excelência afugentar de mim os doentes pobres que precisam dos meus serviços. Os enfermos indigentes que teem um colmeiro de palha como leito não ousariam chamar à sua caverna um conde. O pobre que se chama simplesmente *Francisco* folga e alegra-se de poder chamar *sr. Francisco* ao irmão que lhe faz a receita. O título, que vossa excelência pode sem custo e com muitíssimo proveito dar ao marido da condessa de Gondar, é permitir que ela pague do seu bolsinho ao boticário as receitas que eu mande aviar, e dar-ma também como auxiliar na cura

dos pobrezinhos que adoecem de fome e frio».

Francisco da Costa, exaltando a pureza da honra e os extremos da virtude de Ângela, diante do pai desta, numa tocante scena, admirávelmente preparada, é bem o mesmo homem de coração. «... Eu, marido dela, defendo-a perante seu pai... Eu, operário pobre, cirurgião nestas pobres montanhas,... exalto-a, porque ela é a companheira da minha vida honrada, será sempre a graça divina que cobre do ouro da alegria estas paredes nuas...»

Então, Camilo, não prevendo que viria a ser visconde, fazia barões os *brasileiros* ridículos: um é barão da Silva, outro de Mendes Guimarães, outro ainda dos Choupos, outro, finalmente, de Vilar de Amores.

À política — entenda-se: a baixa política da nossa terra — e aos políticos, que a cultivam, fazendo dela logradoiro das suas ambições e vaidades, não dava quartel o romancista.

Apreciava-os, julgava-os, como quem não tinha cataratas nos olhos, nem tão pouco dependências ou compromissos que o impossibilitassem de falar claro e de cabeça levantada. E assim era, com efeito. Na no-

vela *O Filho Natural,* põe na bôca do abade de Pedraça, o conselheiro do futuro deputado Vasco Pereira Marramaque, as seguintes palavras:

«— Adquira-me os regedores com peitas... Êstes versos (1) são de profética e perpétua serventia em Portugal. Tão preparados estamos hoje para o sistema representativo como em tempo de Camões. Que anda V. Ex.ª aí a desbaratar pérolas de eloqüência por êsses lameiros? Querer meter idéas sociais na cabeça dêstes lavradores, é querer furar o badalo daquele sino com uma verruma (e apontava para a tôrre). Isto aqui são varas de porcos que se movem para onde as puxa o instinto da bolota. Bolota, sr. Vasco, bolota, e nada de palavras! Pois V. Ex.ª persuade-se que pode haver um deputado escolhido pela inteligência de eleitores que não teem um mestre escola? Nós, minhotos desta corda de Basto, demos fé de que não reinava D. Miguel, quando os frades despiram os hábitos e os capitães-mores as fardas;

(1) Aludia aos versos dos *Lusíadas* (VIII, 52):

«Por manhas mais subtis e ardis melhores,
Com peitas adquirindo os regedores.»

porêm, quando por aqui se alastraram os executores da fazenda, dissemos aos realistas que acendessem as luminárias, porque

> D. Miguel chegou à barra,
> Sua mãe lhe deu a mão,
> And'á cá, meu querido filho,
> Não queiras constituição.»

E em *A Caveira da Mártir:* «Tinha outrosim (um pseudo Fr. António de Castro, por 1724) *ungùento para almorreimas* de exímias virtudes. Naquele tempo, ainda as *almorreimas* podiam ser *exímias*. Depois tirou-se o adjectivo às mesmas e grudaram-no aos patriotas — *patriotas exímios*, verdadeiras e importunas hemorroidas dos intestinos do Estado.»

Também contra os parlamentares o seu humorismo foi implacável. Nos *Narcóticos*, e sob a epígrafe *O Macaco e o Elefante*, o autor regista que se não propõe fazer um apólogo. «Os apólogos tinham graça quando prevalecia a hipótese de que os irracionais não articulavam discursos.» Da estreia de um deputado diz: «Conhecia-se interiormente grávido de patriotismo, cachoavam-lhe as idéas no cérebro; mas sentia-se sem gramática. Chegou, no delírio da sua aluci-

nação, a imaginar que no parlamento era necessário saber a língua portuguesa.» (*O Filho Natural*).

Calisto Eloy, em *A Queda de um Anjo*, comentava assim o que via no parlamento: «Não sei, por ora, de qual dos lados da câmara se fala pior a língua pátria. Tenho ouvido os quinhentistas à la moda, e os galiparlas. Todos ressabem a ervilhaca; uns estão gafados de francesias, outros tresandam nos seus dizeres a bafio que os bons seiscentistas registaram. Carecem de cunho nacional êstes homens. O mau português principia a sê-lo, desde que mareia a pureza de sua língua. Deem-me portugueses de língua e eu me bandearei com êles, como com portugueses de coração...»

As seguintes palavras de Calisto Eloy são ditadas pelos mesmos sentimentos: «... a mim faz-me tristeza contemplar a ribaldaria com que os belfurinheiros de missangas e lantejoulas adornam a língua de Camões, despojando-a dos seus adereços diamantinos. A pobrezinha, trajada por mãos de gente ignara, anda por aí a negacear-nos o riso, como moura de auto, ou anjo de procissão de aldeia. Se acerta de lhe pegarem os farrapinhos abrochados de folha de Flan-

dres em algum silvedo, a mesquinha fica nua, e nós a còrarmos de vergonha por amor dela. É forçoso... que a linguagem castiça vá com a pátria a pique? À hora final da terra de D. Manuel, não haverá quem lavre um protesto em português de João Pinto Ribeiro, contra os Iscariotas, Juliões, Vasconcelos e Mouras, que nos vendem?»

É ainda Calisto Eloy quem no parlamento profere estas considerações sôbre o estado do país, já então angustiador para uma consciência patriótica: «O que eu vejo?... É a indústria agrícola de Portugal devorada pelas fábricas do estranjeiro; é o braço do artífice nacional alugado à escravidão do Brasil, porque a pátria não lhe dá fábricas; é o funcionário público prevaricado, corruto e ladrão, porque os ordenados lhe não abastam ao luxo em que se desbarata; é o julgador dos vícios e crimes sociais transigindo com os criminosos ricos, para poder correr parelhas com êles em regalias; é a mulher de baixa condição prostituída, para poder realçar pelos ornatos sua beleza; é a aluvião de homens inábeis, que rompe contra os reposteiros das secretarias, pedindo empregos e conjurando nas revoluções, se lhos não dão.»

Camilo, atento à perversão moral progressiva da sociedade portuguesa, terá previsto a crise terrível por que o país havia de passar; e o seu conhecimento experimental dos homens levava-o a assinalar, como o maior dos males, o perigo máximo, êsses *patriotas exímios,* de que falava, com repentes juvenalescos, comparáveis aos de Herculano, escrevendo, nestes pinturescos termos, a Garrett: «... a quem tenho asco invencível é a êsses patuscos que todos nós conhecemos e que, sem uma única virtude, sem uma única idéa elevada ou generosa, figuram nesta terra pelos dois títulos com que nela se faz fortuna: por tolos no mundo das idéas e por velhacos no mundo da vida prática.» (Gomes de Amorim, *Memórias Biográficas,* t. II).

Em todos os ramos da actividade, ei-los, de facto, enxameando, os sem escrúpulos, habilidosos, ardilosos, audaciosos, sempre que lhes é preciso, acotovelando os outros, cheios de si, impondo-se como modelares, arrogantes e ciosos das suas pessoas, reputando-se imprescindíveis, cultivando o reclamo, criando rodas de protectores, que lhes valham nos lanços apertados, e de amigos que os incensem, apegando-se à po-

lítica ou aos políticos, para se guindarem a mais requestadas e dominadoras situações, ou para se poderem manter indefinidamente nas que uma vez alcançaram. É um *tira-te tu para eu me pôr*, a tôda a hora. Contemplam-se os que vencem e descrê-se da competência. E, no meio de tudo isto, as consciências abastardam-se cada vez mais, o scepticismo alastra-se e vai agravar a inércia geral.

* * *

Camilo, cobrindo os amorosos de uma auréola de vítimas irresponsáveis, criou-os dentro da sua concepção do amor e retratou-se neles. Êle é Guilherme do Amaral, o sedutor de Augusta, em *Onde está a felicidade?* Êle será mais tarde também o P.e Francisco Xavier, de *A Caveira da Mártir*. Como Guilherme do Amaral, o romancista teve amores com uma costureira, com quem viveu em uma casinha cercada de árvores, no Candal, povoação fronteira do Porto, em 1855 e princípios de 1856. Como o P.e Francisco Xavier, o romancista teve relações amorosas com uma religiosa professa, Isabel Cândida Vaz Mourão, do convento de

S. Bento da Avè-Maria, do Porto, que serviu, a instâncias do escritor, de segunda mãe à filha havida dos amores com Patrícia Emília.

Tendo conhecido «vinte e uma variedades de mulheres» — como afirmava, comentando o dizer de Stendhal: «Há só vinte variedades de mulheres, e, logo que se conhecem duas ou três de cada variedade, começa o fastio» —, o autor do *Amor de Perdição* era cheio de complacências para com as faltas, os crimes de Guilherme do Amaral. Dir-se-ia que, justificando-o, pretenderia justificar-se. «Guilherme do Amaral nunca fôra tão sincero. O seu coração, crença, esperança, e orgulho, estavam neste prospecto de ventura, talvez mentiroso como todos os prospectos com grande recheio de promessas. Se êle se enganar, a culpa não é dêle; culpai a inconseqüente natureza! Se ela mente, como pode ser responsável a vítima? Não basta ao homem ser atraiçoado por ela? Quem perde senão o pobre sonhador de venturas impossíveis? Julgam-no máu, porque o infeliz não encontra o gôzo duradouro que a imaginação lhe impõe? Condenam-no, por que êle se devora em paixões incessantes, e envelhece na mocidade? Inju-

riam o sequioso viajante no deserto, porque não encontra uma gota de água?» E, dirigindo-se aos moralistas: «... dai-nos uma figa de azeviche para afugentar o demónio da tentação; trazê-la-emos devotadamente sôbre o espírito fraco, o espírito maleável que se presta a tôdas as formas, êste camaleão íntimo que varia de côr a cada novo raio de luz dos últimos olhos que o fixam. Corrigi os defeitos do sistema nervoso de Guilherme... Moralistas, quando tiverdes descoberto o processo de encadear o espírito, devereis erguer um cadafalso para os infames voluntários, que arremessarem a mulher ao abismo...»

De longa data, Camilo tinha de penitenciar-se, em consciência, de desvarios amorosos, que terão enlutado várias almas de mulher, vítimas dos «defeitos do sistema nervoso» do audaz conquistador. Num artigo que precede a *Harpa* do *Scéptico*, explicou assim os motivos determinantes da sua tentativa de suicídio, em Agosto de 1849: (1) «Por êsses tempos que eu choro...

(1) O sr. António Cabral demonstrou que é esta a data, e não a tão vulgarizada de Julho de 1847. (Veja-se *Camilo Desconhecido*).

de saùdade--não!... — que eu choro, porque me revivem as dores surdas e despedaçadoras das chagas da alma, que de lá me restam... por êsses tempos, lutavam-me duas paixões furiosas no espírito estreito, acanhadíssimo, para duas tamanhas paixões como essas eram!... Eu devia sacrifícios tremendos a uma mulher que me estremecia de adoração cega, descomposta, e... caprichosa... (1) Não sei se a amava por êsses tempos, como deveria amá-la sempre; é certo que outra mulher havia aí no mundo tão fascinadora, tão déspota dos seus encantos e da sua posição social, que eu, reptil orgulhoso, ousei erguer-me do rasto dos seus pés, para guindar-me à altura do seu vôo de anjo. Essa mulher... ouviu-me... Deverei escrever aqui uma verdade amarguradíssima que a consciência me diz?... Amou-me... É uma história de muitas misérias impossíveis numa vida só, e essa apenas estreada!... Quem sabe se êste livro será todo de ela e para ela? É o meu segrêdo, sacrossanto como o mistério da hóstia e do cálice. Rojei-me aos pés dessa mulher; acurvei-me,

(1) Segundo o sr. Paulo Osório *(Camilo)*, essa mulher era Patrícia Emília.

anulei-me em tôda a soberbia do falso oiro do meu orgulho — amei-a perdidamente! Mas a mulher dos tremendos sacrifícios ressentiu-se, delirou, desmandou-se até ao incrível duma vingança senhoril... Era uma serpente de ferocidade, como fôra um anjo de amor! Foi augusto, solene e grandioso de santa resignação o aspecto com que suportei dissabores incompreensíveis! A âncora maldita do suicídio encorajava-me de brios de infeliz por entre parceis de quantos infortúnios ressaltam de uma vida tempestuosa. Determinei matar-me...»

O algoz diante das sacrificadas sofre com «santa resignação» as insânias das pobrezinhas! Dentro da concepção camiliana do amor, as supliciadas devem até, reconhecendo-se vítimas da fatalidade, de que os seus algozes são agentes irresponsáveis, não apenas isentá-los de culpas e perdoar-lhes, mas ainda, como verdadeiros mártires, orar a Deus por êles!

Eis como termina uma carta, dirigida pelo P.e Francisco Xavier a Catarina, carta através da qual se sente a alma amorosa do romancista, caprichosa e ousada: «Perdoa-me, se esta carta é mais um trago de fel que eu verto no teu cálice. Ajoelha, minha

adorada e santa sombra do passado, ajoelha, e oferece a Deus êsse calix, em redenção do teu verdugo». *(A Càveira da Mártir)* (1).

José Augusto Pinto de Magalhães, o marido de Fanny Owen e íntimo amigo de Camilo, pensaria e sentiria do mesmo modo. A sua típica paixão e morte, ultra-românticas, com tudo quanto revelam de extremamente mórbido, pertencem ao domínio dos casos averiguadamente patológicos.

Dum dos albuns de José Augusto chegou a dizer Camilo: «Êstes documentos provam a que miséria o *romantismo* de há trinta anos podia levar dois desgraçados com o cérebro vazio e o coração cheio de asneiras». E, contudo, julgo inegável que muitos dos amorosos do romancista, que o próprio romancista, apesar de mais materialista em amor que o pobre amigo dementado, teem com

(1) O processo de Camilo, como criador, foi, na essência, sempre o mesmo: evocar a idade das ilusões, reviver o passado, repartir a sua alma por seres originais, ressuscitar aqueles que conhecera, cobrindo-lhes os esqueletos de roupagens novas, ao sabor da fantasia e das necessidades da criação artística. Êle o disse, no Proémio do t. I das *Noites de Insónia:* «... Vou ao jazigo das minhas ilusões, exumo os esqueletos, visto-os de

êle essenciais afinidades, em vários aspectos de sentimento.

Qualquer dos amorosos de Camilo teria escrito estas lancinantes expansões d'alma, lançadas ao papel por José Augusto, em um dos referidos albuns, com o pensamento embebido na memória de Fanny, já falecida: «Anjo do Céo! a tua memória será de ora avante para mim a cousa que eu mais respeitarei neste mundo! Crê-me, por aquele amor que me tiveste, eu nunca em minha vida farei cousa com que te ofenda! Hei-de ser-te grato pelo que foste para mim!... Em todos os dias da minha vida te pagarei um tributo de saùdade... e tu em prémio pede ao Céo que eu seja digno de ti, para que um dia expiando as nossas faltas possamos ser felizes diante de Aquele que nos criou! Êle é bom e é justo: tirou-nos a fe-

truões, de príncipes, de desembargadores, de meninas poéticas à semelhança das que eu vi, quando a poesia era o aroma dos seus altares. Visto-me também das côres prismáticas dos vinte anos, aperto a alma com as garras da saùdade até que ela chore, abraçada ao que fui. E, depois, neste festim de mortos, conversamos todos; e eu, no alto silèncio da noite, escrevo as nossas palestras».

licidade, mas não há-de ser para sempre! Não, anjo, eu creio-o, e esta fé há-de amparar-me neste mundo, onde me deixaste tão triste e tão infeliz! Perdoa-me, anjo do Céo!...» (1)

Na linguagem da derradeira carta de Teresa de Albuquerque a Simão Botelho estão implícitos sentimentos afins, ressalvada a diferença das situações, e os termos não teem tonalidade menos viva, como arrancos do coração a sangrar.

Também Camilo, quando se viu precipitado na «voragem do desengano», desiludido do seu amor a D. Ana Plácido, teria subscrito, como imagem fiel da sua alma torturada, êstes arrebatados dizeres de José Augusto: «A *mulher* que me inspirou desceu do trono onde a elevava a religião do amor!! O sentimento não sofre modificações; o prisma que nos dá o muito que a mulher não tem é filho das ilusões — e essas perdem-se, quando vêmos rastejar no lôdo as cândidas asas da casta pomba, que devia pairar tão alto, como a imaginação abrasada pelo amor! Foste um anjo que apareceste,

(1) Veja-se o livro do sr. António Cabral — *Camilo Desconhecido*.

amei-te e cuidei amar-te sempre! A minha adoração confundiu-te! Não fizeste como o *anjo mau!* Êle abateu-se pelo orgulho e tu pela humildade!! Compreendes? Não te posso amar *no nivel a que te baixaste!*»

D. Ana Plácido foi amada por Camilo mais pelo soberbo corpo que tinha, do que pelos primores de espírito que ostentava. O romancista pinta nos *Anos de Prosa* a beleza física de Raquel, que é a própria D. Ana Plácido: «Raquel tem vinte e quatro anos. É encorpada, mas a robustez não desdiz da gentileza. Não tem atitude alguma de estudo, e parece escultural em tôdas elas... Num baile foi que eu a vi pela primeira vez. Era ela solteira e teria quinze anos... Não lhe hei-de aqui chamar anjo, porque não foi essa a impressão. Era tudo majestade, tudo estatuário naquela criança; não a vi descer do céo, onde os poetas teimam em ir buscar tudo que é excelente, como se o céo não fôsse um puro congresso de espíritos que valem decerto lá muito mais do que pesam, mas que passariam desapercebidos nos nossos bailes, se não tivessem a esperteza de entrarem em corpos como o de Raquel. Eu quando a vi lembrou-me a Grécia, as artes, em requintes de pompas, a numerosa famí-

lia das Venus, todos êsses mármores eternos, que hão-de sôbreviver à mitologia dos anjos, dos arcanjos e dos serafins...»

Mais adiante, no mesmo romance, o romancista põe estas palavras na bôca de Leonardo Pires: «A Raquel!... As mais belas carnes que ainda vestiram uma alma, se é que uma mulher daquelas precisa de ter alma para ser perfeita!»

No auge do ardor, da sêde de posse, com a sua estuante ânsia de viver gozando, de queimar a vida em voluptuosos deleites, Camilo insinua a D. Ana o crime: «... se uma vez Raquel voltar o rosto de enojada do cadáver (o marido) a que a prenderam; se a fôrça, que o coração lhe fizer, tiver consigo a fôrça do exemplo bem sucedido e quisto da sociedade, se o seu frágil batel de virtude, forçada e violenta, se desconjuntar e abrir, rebatido pela tempestade das paixões; se emfim aquela honra, a constrangimento, e não de vontade aceite, se fôr a pique, a sociedade que dirá?... A sociedade — replica o leitor que a conhece e se conhece — a sociedade faz-se desentendida por cortesania, por conveniência; porque sabe a história do ôlho com trave, que se abria espantado de ver uma aresta no ôlho alheio.» *(Ibidem)*

D. Ana Plácido estava condenada a ser vítima da sedução de Camilo que, conhecendo bem o coração humano e especialmente o feminino, sabia usar de armas que lhe davam a vitória, quando queria. Foi o amor próprio que perdeu D. Ana, como quase sempre sucede. Há uma página de Camilo que tem incontestável valor psicológico e vem a propósito extratar neste lugar: «De mais a mais, os olhos de Luís, tão expressivos e ardentes nas suas queixas contra o destino, baixavam-se submissos, se encontravam os olhos dela, em que a curiosidade não era menos significativa que a ternura. E porque se baixavam êsses olhos? Mal vai ao coração da mulher, quando esta curiosa pregunta a incomoda! De dia para dia, redobra-lhe o desejo de entender êsses olhos equívocos, essa molestia encantadora. Se êles se esquivam em confessar-se, ou se a palavra tímida os não denuncia, o que era desejo, na mulher já ferida, torna-se em ânsia de resolver o problema. Chega a assustar-se dessa aparente submissão, dessa mudez desamorável. Quem sabe se aquele olhar, fugindo aos olhos dela, quere dizer que o coração foge também? E então entra na emprêsa o mais forte inimigo da mulher: o

amor próprio, êsse conselheiro íntimo, que a salva raras vezes da queda, e, demónio de soberba, impele-a qùase sempre à perdição, vendando-lhe os olhos do juízo, e dando-lhe aos do amor a vista dupla, o ver penetrante, que, em linguagem do tempo, se chama a razão livre, a santificação do instinto. Era o amor próprio o que fizera na face de Mariana um sinal de ressentimento. Ainda que Luís da Cunha representasse o papel de atraiçoado amante, extenuado para novas paixões, a viúva, como tôdas as mulheres nas circunstâncias dela, formosa e rica, tivera uma vez e outra a vangloriosa idéa de ressuscitar aquele homem, que se julgava morto. Que nos perdõem as feiticeiras florinhas com que o Senhor matizou as agruras da existência; mas uma fragilidade muito vencível, e que muitas vezes as prejudica na sua isenção, é o orgulho de acorrentar a fera, que faz estragos desenfreada, ou insuflar uma existência nova no homem, que adquiriu nota de cansado. Arriscada emprêsa todos os dias cometida com mau sucesso! A inexorável serpente do eden está sempre assobiando aos ouvidos da eterna Eva. A vaidade, criação contemporânea da primeira mulher, continua a oferecer-lhe em

taça de ouro o sumo do pomo, doce na superfície, e fel no fundo. A que intenta prostrar a seus pés o conquistador soberbo, para que a fascinação do seu engodo seja inveja às que não puderam tanto, é sempre vítima, se o homem, que fácilmente se dá aos ferros, não tem ainda passado a linha da vida, além da qual está o completo cansaço do corpo e da alma, tristes sócios de um tardio desengano. A que intenta restaurar no coração do homem as potências, atrofiadas pela perfídia, não sabe que será ela a oferenda expiatória do crime de outra mulher; não sabe que o traidor recupera as fôrças, convertendo-as em vingança, porque tudo, que nessa alma existia nobre e santo, bem pode ser que não sobrevivesse à morte de um primeiro amor galardoado com o desprêzo. Leitora, não se enfade V. Ex.ª com o longo período que vem de ler, se é que o leu. Não seja ingrata à fineza com que se lhe mostra o homem tal qual é, e com que se trazem do insondável da sua alma à luz da análise cousas que V. Ex.ª não vê em si, e muito raras vezes descobre nele.» (*A Neta do Arcediago*).

*

* *

Em Dezembro de 1859, Manuel Pinheiro Alves mandou proceder judicialmente contra D. Ana Plácido e Camilo Castelo-Branco. Num dos primeiros dias de Junho do ano seguinte, D. Ana dava entrada na Cadeia da Relação do Porto.

A 30 de Setembro de 1860, escrevia Camilo a Vieira de Castro:

«Amanhã, entro na Relação. Uma destas noites, impelido pela saùdade, pela paixão e pelo remorso de ter ofendido a mártir, entrei na Relação, subi, abriram-se três portas, fui até a encontrar, abraçar, chorar, e salvar-me da demência.»

Em 1 de Outubro, entregou-se à prisão.

O amor perseguido, e que ambos expiavam, estava então no seu auge. Então D. Ana era para o romancista «o anjo providencial» que lhe dava «a unção dos atletas e dos grandes desgraçados», e a êsse anjo abria a sua alma. (*Amor de Salvação.*) Nas *Memórias do Cárcere,* refere que a Leonor do *Romance de um Homem Rico* é D. Ana: «Estava a meu lado um coração que eu ia desenhando naquela Leonor, da mão da qual

eu me deixaria cair no abismo, se para cada homem pudessem abrir-se as fauces de dois abismos.» E, no *Bom Jesus do Monte*, conta que, nessa ocasião, não podia ser mais completa a inteligência, mais íntimos os laços afectivos que os uniam: «... das fadigas incomportáveis do lavor ia a refrigerar-me a fronte ao espirar reanimador da mulher amada e servida com imolação de todos os desejos, das esperanças tôdas.»

Mas, um dia, a paixão afrouxou.

Vieira de Castro, numa visita à Cadeia da Relação, em 1 de Janeiro de 1861, reparou que D. Ana chorava. Ao passar por Camilo, preguntou-lhe êste como estava ela, e a resposta do amigo foi: «Resignada, penso eu.» (A. Pimentel — *Os Amores de Camilo*) (1).

---

(1) Nesta data, correspondiam-se em verso. São de Camilo êstes:

«...um dia, sonhaste ventura no amor!
Caíste da altura dos teus devaneios.
Caíste e choraste; e, a chorar, passam cheios
Teus dias de dor!»

(A. Pimentel — *Ob. cit.*)

Em 2 de Junho do mesmo ano, numa visita que António de Azevedo, seu sobrinho, lhe fez, disse-lhe o romancista, por notar que êle olhava muito para D. Ana, vestida com um lindo roupão branco, guarnecido de rendas, e com os compridos cabelos soltos: «De bem pouco te admiras, meu António. Se gozasses da sua intimidade, verias que não há coisa mais insípida!» (A. Teles — *Camilo na Cadeia da Relação do Porto*).

Numa carta de D. Ana a Camilo, publicada num artigo de *O Leme*, de 1 Junho de 1913, e transcrita no livro *Camilo de Perfil*, do sr. António Cabral, conteem-se êstes queixumes: «Que pensarás neste momento? Oferecer-se há à tua memória alguma vez uma lembrança minha? Neste momento, passa uma sege pela rua, e eu sem a ver oiço-a rodar, e involuntáriamente me acodes ao espírito. Recordei-me daquele dia em que aqui passaste numa... — lembras-te? Então tinhas tu desejos de me ver...»

Na *Luz Coada por Ferros*, dizia D. Ana: «O meu único conforto é a lembrança de que, um dia, quando te branquearem os cabelos, quando a consciência falar sem os arrebiques emprestados por uma imagina-

ção sempre ávida do desconhecido, o teu espírito voltará ao passado, à procura desta sombra esvaecida que te arrancará o sincero pranto do arrependimento... Porque me aborreces tu?...» E, em 1874, sob o pseudónimo de Lopo de Sousa, numa versão dum romance a que pôs o título de *Como as mulheres se perdem*: «O que porêm nem tôdas sabem é que o amante não é melhor que o marido... O amante a quem uma mulher sacrificou nome, posição, e futuro, é quase sempre o algoz mais desapiedado da desgraçada...» (Cit. por A. Pimentel — *Ibid.*)

A seu turno, Camilo escreveu no *Amor de Salvação:* «Os meus vinte volumes e o meu tinteiro de ferro estão hoje (em S. Miguel de Seide) sob o tecto gasalhoso de uma alma que eu noutras eras encontrei na minha. Não sei há que séculos isto foi, *nem que congérie de abismos nos separam para sempre!*»

E na obra *No Bom Jesus do Monte:*

«A mulher da paixão, que eu, no pavor da minha soledade, pediria ao Senhor;

A mulher que me levou as virtudes da alma e pudor do coração, quando eu já não tinha lágrimas, que me ela pedisse;

A mulher, a quem a Providência Divina, em sua ira justiceira, atirara aos grifos do dragão do mundo, contra o qual eu pusera o peito, emquanto o coração teve sangue que expedir;

A mulher que me fez odiar a justiça de Deus e insultar a providência dos homens;

Essa mulher morreu.»

Passaram-se os anos, longos anos de martírio, emquanto a consciência de Camilo lhe não bradou, originando o arrependimento. Mas, ao encarar, um dia, em D. Ana, sempre no seu posto, fiel, lial, afectuosa, disvelada mesmo, Camilo terá sentido remorsos de haver sido um algoz desapiedado para essa mulher, de cuja desgraça fôra autor, e terá chorado. Então ter-lhe há iluminado a alma para sempre a amizade pela carinhosa mãe de seus filhos.

Na correspondência entre D. Ana e Camilo, há testemunhos dessa amizade que, embora permitisse intercadências, alternativas, mais ou menos repetidas e prolongadas, naturais num espírito como o do romancista, cujo pessimismo atingiu, não raro, o horror por tudo e a ânsia de deixar o

mundo, é de crer, por êsses mesmos testemunhos, tivesse chegado a consolidar-se e a desenvolver-se ao ponto de, na intimidade, compreender extremos de dedicação.

Num transe de desespêro, Camilo escreveu do Porto a D. Ana: «É forçoso morrer, seja do que for: A crueldade da sorte tem sido extraordinária comigo. Hei de pedir a algum médico claro como o Reis ou o Gramacho que me digam a verdade sem rodeios. Se tenho de morrer, filha, não volto aí; não quero que me vejas, nem quero ver o meu Jorge. Seria exacerbar sem precisão a minha agonia. Crê que, ao aproximar-se a hora final, não terei saûdade de nada, nem sentirei a necessidade de te ver. A morte tem isso bom. Convence-te: no meu estado e no meu desespêro, não se levanta ninguêm... Escrevi-te mais do que posso; nem sequer posso curvar a cabeça para ver o papel. Em tempo, disseste-me que seria bom acabarmos ao mesmo tempo. Não sucumbas emquanto puderes viver e amparar o Jorge, mas, quando êle morrer, não tenhas pena de deixar êste inferno de tantos anos, para que nenhum de nós teve o coração preciso e a valentia da responsabilidade no infortúnio.»

No final duma outra carta, em que lhe dava conta dos seus sofrimentos e da diversidade de opinião dos médicos consultados àcêrca do seu mal da vista: «Basta, meu amor. Conformemo-nos. Saibamos sofrer e morrer.» Em outra carta conta: «Viver na Foz sem a minha Anica, não compreendo»; e, ao concluir a mesma: «Beijo-te os olhos e o coração.» Em outra ainda: «Eu levo uma sinistra saùdade de ti. Vou doente e triste como nunca. O coração pede-me a gritos que volte daqui para casa; mas sei que te vou afligir...» Em outra, finalmente: «Eu não sei viver sem ti. Isto é que é santíssimo amor e inalterada amizade, minha filha... Amas o teu C., sim? Se houver alguma cousa, alguma doença em ti ou nos filhos, avisa-me logo. Saí muito triste de casa. Pareceu-me agouro.»

À sua dedicada companheira de trinta e dois anos, Camilo se dirigia, quando, nas últimas horas de vida, recitava êstes versos da sua poesia *A meus Filhos*:

. . . . . .

«Vem também, santa das dôres,
Receber o extremo ai!
Não me vás levar flores
À sepultura, não vás.

Leva-me os filhos felizes,
Leva-os contigo e verás
Que me aquece a luz da vida
Na sepultura esquecida
Onde emfim hei de ter paz!»

*

* *

Guilherme de Barros contou que, por 1852, vira Camilo no Candal «vestido com uma batina de seminarista e um crucifixo pendente ao pescoço.» Segundo o mesmo informador, «falava dos seus erros e faltas, e mostrava-se arrependido.»

No ano seguinte, sentindo grandes disposições para a fé religiosa, requeria ordens menores. Fortes atribulações o arrastavam para a vida eclesiástica. Se não se tonsurou, foi, de certo, porque entreviu qualquer esperança de felicidade, ao mesmo passo que se reconhecia, em consciência, profano demais e obstinadamente incrédulo, no íntimo, sôbre a essência do cristianismo e, em especial, sôbre a doutrina católica.

Que fez porfiados esforços para se converter ao catolicismo, é incontestável. Ainda em 1857, em S. João d'Arga, arrabalde de Viana do Castelo, pensava muito em Deus

e «estudava teologia para compreendê-lo.» (*No Bom Jesus do Monte*). E, já em 1853, publicava artigos teológicos, versos sacros e o romance *Temor de Deus* (em folhetins no *Cristianismo* e depois na *Cruz*), que saíu em volume com o título de *Lágrimas Abençoadas*. Parece não serem estranhas a esta exaltação mística duas ordens de factos: o amor sem esperança que, desde um baile da Assembleia Portuense, em Setembro de 1850, consagrava a D. Ana Plácido; e as suas relações com Câmara Sinval, médico que abraçou o estado eclesiástico e cujos sermões prefaciou.

Nas suas propensões para a ascese mostrou-se, como em tudo, um impulsivo, um arrebatado e, ao mesmo passo, um indeciso, um versátil. Notou Pinheiro Chagas: «Não se enamora simplesmente, como Chateaubriand, cujo *Génio do Cristianismo* traduziu, do pitoresco da Religião, deixa-se impregnar todo nos seus bálsamos sublimes,... lança-se na polémica religiosa, arremete contra os ímpios, investe com Renan, traduz Roselly de Lorgues, Baguenault de Puchesse, ergue um cântico entusiástico em honra de Tomás de Kempis, suposto ou verdadeiro autor daquela extraordinária *Imi-*

tação de Cristo.» (Estudo Crítico que precede o *Amor de Perdição*).

Foi dêste impregnar-se dos bálsamos da Religião que resultou o radicar-se-lhe para sempre uma profunda simpatia por tudo quanto, na doutrina do Nazareno, sendo divino na essência, é aplicável a tôda a humanidade e condicionará eternamente o seu bem-estar. E foi talvez, mais que nenhum outro movimento d'alma, essa mesma simpatia, aquecida, a espaços, ao calor da esperança na Providência Divina para o libertar de angústias ou redimir de culpas, que deu asas à sua imaginação e lhe permitiu soltar voos pelas mais elevadas e puras regiões da sua idealização estética. Desde que, nas obras do romancista, à poesia do amor, bem arriscada à caducidade pela concepção que dêste sentimento formava, veio juntar se a poesia da religião, a sua visão do mundo e dos homens, ao mesmo passo que se aprofundava e ampliava, adquiriu aspectos, características de moralidade e de sociabilidade que nunca mais havia de perder, mesmo quando o desânimo ofuscava aparentemente. ou de facto, o amor a Jesus.

Pinheiro Chagas viu-o lúcidamente: «Como acontece em tôdas as evoluções do espírito

de Camilo, como êle se entrega sempre, com paixão e com sinceridade, ao culto que o fascina, a sua alma, ainda depois de ter despertado dêsse ascético sonho, conserva os vestígios da passagem ardente dêsse meteóro, e a cada instante o seu estilo se perfuma com as violetas místicas dessas horas recatadas e misteriosas da sua vida, em que se deixou deslumbrar pelos lumes do Tabernáculo, e em que pensou por um instante em entregar tôda a sua alma em flor ao Cristo triunfante, à Igreja consoladora.» (*Ibid.*)

A religião, os esforços para a fé estavam longe de bastar para lhe abafar os desgostos, a ânsia insatisfeita de felicidade, o alvoroçado sonho de consolação e alegrias que marcassem uma nova era na sua acidentada existência. O suicídio chegou a afigurar-se-lhe a melhor solução, mais ou menos próxima, no tormentoso estado da sua alma, ao embate de tantos e tão desencontrados sentimentos. Em 1856, escrevia: «É pois demência esperar melhor vida que esta? Não tive um bom dia na minha vida até hoje, nem já o terei. Se algum prazer pode abalar a minha alma será o galvanismo do cadáver!... O amor, só o amor!... É tarde.

Nem eu compreenderia o amor delicado de mulher pura, nem me satisfaria esta incompreensível alma o amor da impura. Se me fôr dada longa vida, que serei no resto de meus dias? Prevejo o suicídio: não me matará uma surpreza da desgraça: será a reflexão, o desalento que mata o espírito. Oh! se eu pudesse, um dia, ler estas linhas com a alegria no coração!... Se eu então quisesse e não pudesse entender a dor com que as escrevi!» (A. Pimentel — *Os Amores de Camilo*).

Ainda se lhe não esvaíra totalmente a esperança, por ventura antolhavam-se-lhe já vislumbres de possibilidade de realizar as suas mais acalentadas aspirações, sem dúvida amorosas, única e exclusivamente. Então, se se entregava à religião, para desvendar os mistérios da crença, fazia-o mais por necessidade de inteligência, por curiosidade, que por impulsos do coração ou solicitações da consciência.

Estudaria muito; mas já orava relativamente pouco, e só o faria quando o espinho da dor o ulcerava.

Para Deus lhe ia todo o coração, em arrancos, quando à míngua de qualquer esperança, absolutamente, não divisando nenhu-

ma possibilidade de eventual clareira no seu infortúnio, só de Deus lhe era dado crer provável algum benéfico influxo que removesse, pusesse termo à infatigável, cruel adversidade. Aí por 1853, ainda rezava com ardor, e a alma, por momentos, desprender-se-lhe-ia da terra para ascender, em ímpetos, ao Deus misericordioso. Nesse ano, dirigia-se nestes termos às religiosas do mosteiro de Lorvão: «Eu creio no vosso Deus, creio na santidade das mortificações, creio na fome e sêde de justiça, como aurora das abundantes misericórdias do Senhor. E, portanto, deixai-me crer que os meus padecimentos, de algum modo ligados aos vossos por um vínculo de dor, serão mais bem encaminhados pelas vossas orações ao tribunal das recompensas.» (A. Teles—*Ob. cit.*)

Na *Divindade de Jesus,* (1) confessa que os

(1) Foi na *Divindade de Jesus* que incluiu êste soberbo retrato do Nazareno: «Na serenidade do seu rosto lampejavam, intercadentes com as amarguras de homem, os resplendores da divindade. Acariciave as criancinhas com branduras de pai. Falava aos velhos com respeito e amor de filho. Enxugava lágrimas com as consolações nunca ouvidas da palavra humana. Desapertava os pulsos roxos das algemas de tiranos. Diante do pobre

seus apelos para Deus eram, nessa época, emquanto as esperanças profanas não inutilizaram as divinas, e a dura experiência da vida lhe não ressequiu de todo as flores do idealismo cristão, puros, calorosos, como

---

admoestava a soberba do poderoso. Diante do poderoso, ensinava ao pobre a virtude da humildade. Ia à presença do grande, sem antepor aos exteriores da pobreza a recomendação de sua divina mensagem. Abraçava os fugitivos à lei farisaica, instrumento de hipócritas, sepulturas branquiadas, cheias de vermes e podridão. Sustentava as multidões famintas com o pão que o Pai multiplicava debaixo de seus olhos suplicantes. Feria com um raio de luz os olhos, cerrados em trevas desde o nascimento. Levava suas palavras ao coração do surdo para quem a linguagem humana fôra um mistério. Mandava ao paralítico erguer-se com o seu grabato. Chorava sôbre o túmulo de Lázaro, e filtrava-lhe no seio vida nova com suas divinas lágrimas. Perdoava à mulher pecadora, que a justiça da terra apedrejava. Curvava-se a lavar os pés dos discípulos que o seguiam vacilantes de fé e coragem... Não era homem; que a sua paixão foi um assombro nunca repetido de humildade, submissão, brandura e constância. Não era homem; que as calúnias, os ultrages, as dores, os suplícios não lhe arrancaram um gemido de cólera. Não era homem; que antes do trespasse de Jesus Cristo nunca o perdão baixara da cruz sôbre os algozes de um inocente.»

nunca. «Quando eu escrevi os artigos, que me foram testemunho da minha ignorância ou hipocrisia nas práticas dos meus julgadores imprudentes, me estava eu dando a mim as razões da minha crença. Não sei se foi algum inocente infortúnio que me fez ir aliviar o pêso da minha cruz ao pé da Cruz do Homem-Deus: devia de ser; umas qùase delidas reminiscências do coração daquela idade me dizem que foi. O aperto da dor espertou-me na memória as orações da infância. A mãe, que eu não conhecera, devia falar-me nessa hora! A luz, que depois me guiou no rasto dos infelizes, caminho do Calvário, devia de preluzir-ma ela no ânimo conturbado e afligido, antes que o estudo me voltasse à serenidade da fé e às fontes novas das águas bemditas da esperança. Vi então rasgarem-se-me os horizontes da vida em anos de paz.» E, logo a seguir, expõe claramente o reverso da medalha, com o azedume do arrependimento, por ter acolhido as esperanças profanas e repudiado as divinas, dando ouvidos à *mulher fatal* que o arremessou ao vórtice dos mais amargos desenganos: «Contava com a Graça Divina para lutar e vencer, vencer-me a mim, o mais inexorável inimigo que ainda

tive. Enganei-me; as paixões sopraram rijas do lado do inferno; os vislumbres da Graça deixei-os apagar no coração repleto de maus sedimentos. Volvi às angústias antigas, às trevas de uma cegueira, em que, por vezes, umas visões como os lampejos dos amauróticos me davam rebates de saùdade da luz perdida.»

A luz, essa luz que a mãe lhe preluzira, falando-lhe, em espírito, ao coração, e recordando-lhe as orações da infância, perdera-se, de facto, e para sempre!

Quando Camilo diz que, em 1861, na Cadeia da Relação do Porto, a sua banca de trabalho era o seu «altar de graças ao Senhor,» — e o mesmo poderia dizer da sua banca de trabalho durante tôda a sua vida —, entenda-se, pois, que o significado destas palavras não é, de nenhuma maneira, o de uma fé ou crença religiosa, ou mesmo de simples propensões para tal, mas apenas um vestígio, que se conservou inalterável até a morte, a-pesar-do choque do scepticismo, dessa bemfazeja simpatia pela doutrina evangélica. O trabalho tomou o passo às orações e acabou por substituí-las. Se considerava com respeito as cousas da religião, êle que tão inclinado era aos repen-

tes da cólera e aos do sarcasmo, mais terríveis ainda, procedia por delicadeza moral, adquirida nos tempos da ascese. E, se, de longe a longe, continúa a apelar para Deus, é a isso instigado pelo fel de desgostos que, desde 1861, o assediavam (1), e ainda pelo aguilhão das horrorosas apreensões que, desde então tambêm, a cegueira lhe causou. Receava perder, com a vista, a sua única alegria fiel, o objecto máximo do seu amor, a par dos filhos: a produção literária, a

(1) «No decurso de dois anos — escreveu Camilo, em 1863, no Prefácio da 2.ª edição do *Amor de Perdição* — tive de afrontar-me com uns infortúnios menos vulgares que a privação da liberdade, e esqueci o horror dos outros, a ponto de os recordar sem espanto, e simplesmente como fusis indispensáveis nesta minha cadeia, em que já me vou retorcendo e saboreando com infernal deleitação. Abri o livro como se o tivesse escrito nos dias mais festivos da minha mocidade; se bem que eu falo em dias de mocidade por me dizer a minha certidão de idade que eu já fui moço...»

Do *Amor de Perdição* dissera, nas *Memórias do Cárcere:* «Escrevi o romance em quinze dias, os mais atormentados da minha vida. Tão horrorizada tenho dêles a memória, que nunca mais abrirei o *Amor de Perdição,* nem lhe passarei a lima sôbre os defeitos das edições futuras...»

criação estética; e tremia só de pensá-lo. Os seus apelos eram para que Deus lhe mantivesse, com as capacidades físicas, a inspiração sagrada que deu corpo a tantas belezas imorredouras, a tantas flores, tão pródigamente espargidas. «Eu peço à Divina Providência que me deixe êste raio de luz intelectual, estas flores imorredouras da minha imaginação, embora o caminho real da vida me seja tapetado de espinhos e cortado de precipícios.» (*Scenas Inocentes da Comédia Humana*).

Na crise extrema da cegueira, exclamava: «Que eu veja! pouquíssimo embora! o absolutamente indispensável para poder trabalhar, e encerrem-me, tôda a vida, no cárcere onde escrevi *O Romance de um Homem Rico*.» (Prólogo de Tomás Ribeiro a êste romance).

Esquecia quanto sofrera nesse cárcere, onde os primeiros assomos de cegueira o aterraram, e onde experimentou o mais pungente desengano da sua vida, com tudo quanto o levou à perda do amor a D. Ana Plácido, para só se lembrar do infinito, inefável prazer que tivera, no convívio com as figuras mais queridas, entre as que lá criou, e a cuja amabilíssima presença, em espírito, devera o não sentir quàse, na embriaguez da

criação, a umidade, o frio glacial de tantas noites, entre paredes de granito gotejantes. «Viveram no meu ergástulo da Relação do Porto, comigo, noite e dia, — declara no prefácio da 2.ª ed. do mesmo dilectíssimo romance —, o padre Álvaro dêste romance, e Maria da Glória, e Leonor, e a santa de Vairão; e Teresa e Mariana e meu tio desterrado do outro livro, chamado *Amor de Perdição*. Viveram comigo aqueles ditosos pares que eu casei, e o público hospedou alegremente, com o livro *Doze Casamentos Felizes*. E eu tenho saùdade dêles e das noites em que os via sentados em volta do meu leito.»

As fabulações sentimentais dos seus romances eram outros tantos elos ou laços que o estreitavam, em amplexo afectivo, por afinidades electivas, de que Camilo tinha a intuição perfeita, às almas enternecíveis, em particular às almas femininas.

Então lhe aflorava, de bom grado, sem qualquer sombra de esfôrço, aos lábios ou à pena, o doce nome de Deus. Assim, em *O Romance de um Homem Rico:* «Não sei que haja aí outros incentivos que me chamem aos olhos as lágrimas do coração. Quem me quiser ver chorar e vibrar de não sei

que veemente e religioso entusiasmo, conte-me casos da natureza daqueles: faça-me acreditar na existência dumas almas que vão entender-se com Deus, por um raio esplendoroso da Graça Divina...»

São do romance *Os Brilhantes do Brasileiro* os seguintes períodos, cuja unção religiosa constitue uma das mais cativantes atracções para os corações sensíveis: «Eu ousaria explicar tudo em pouco. A palavra Deus abrange o incógnito de céo e terra, o incompreensível da alma, e o insondável liame de coisas que a razão natural, de pouco alcance, mas infléxivelmente orgulhosa, capitula de paradoxos. *Deus.* — Porque não?» E, na introdução a êste mesmo romance, definia a religião: «o bordão com que as velhas e os velhos caminham, resignados e contentes, para os mistérios da eternidade.»

Através das obras *O Romance de um Homem Rico* e *O Bem e o Mal*, escritas com o pensamento e o coração postos constantemente no P.e António d'Azevedo, que retratou no P.e Álvaro Teixeira e no P.e João, o vigário de S. Julião da Serra, a alma, os nervos de Camilo vibraram talvez tanto como através do *Amor de Perdição*, e tantas virtudes e figuras belas, que criou e a que deu

expressão sob o influxo da unção religiosa, o autor, como em outros romances, fê-las brotar do imo do seu ser, com a devoção carinhosa e entusiástica de um apóstolo (1).

Eram os melhores momentos, os mais felizes, em que esquecia os sofrimentos mais agudos e pertinazes e descaroáveis. A alma, o espírito alavam-se por êsse mundo ridente e puríssimo da fantasia e do sonho, desembaraçando-se completamente do envó-

(1) Já velho, quase exausto, olhava para traz, para o extenso caminho percorrido, para o enorme trabalho levado a cabo, para as renhidas lutas tenazmente sustentadas, e exclamava: «Muito pode o homem!» ou «Que forte cabeça eu tinha!»

E o desalento minava-o, despedaçava-lhe a alma, ao sentir cada vez mais, e sem esperança de remédio, o esgotamento de tôdas as energias, produzido pelo trabalho e pelos sofrimentos físicos e morais: «Com tristeza sincera confesso que no que fui já mal me reconheço. As rugas da fronte empecem ao coar daquela flama, que me aquentava a fantasia, e dentro me alumiava, como em lâmpada mágica, lances da vida exterior, uns de riso, outros de lágrimas. E eu entrava em espírito e coração neste interior mundo, e lá me sentia viver, sofrer e amar...» (Prefácio da 2.ª edição de *O Romance de um Homem Rico*). — « A mais ardente cabeça de homem empedrou debaixo da mão glacial da desfortuna.» *(Ibid.)*.

lucro carnal. Compreende-se que Camilo rogasse à Divina Providência que o não abannasse, que lhe não tirasse êsse poder bemdito de criar vida tal que lhe fazia olvidar as torturas da própria vida ou as suavizava, como um bálsamo. Então, o seu chorar e o seu rir, que era uma fórma de chorar [1], não tinham nenhum azedume. E a ironia, se surgia acaso, era leve, compassiva, generosa.

Mas, fora dêsses momentos, quando os projectos de criação, ou mesmo o labor, não bastavam para represar dores insuportáveis, a idéa de morrer, como uma salvação suprema, cada vez mais o acometia. Já pouco ou nada se lhe dava de salvar a alma; o que queria era fugir a tantas dores. E o seu deísmo, então, era mais vago do que nunca, e tomava aspectos de scepticismo que confinava francamente com o positivismo ou o materialismo mais desnudados. O poeta desaparecia para dar lugar a tudo quanto no homem havia de secura, de rigidez, de dureza, e chegavam céleres êsses outros momentos de cólera, de desespêro, de sarcasmo, ou de alheamento máximo de tôdas as

[1] «Se os nossos risos pudessem ser liquidados, davam uma lágrima.»

paixões mais acalentadas e queridas da existência, só entregue a essa embriaguez dos sentidos, que era a idéa de morrer e de que dizia: «vinha, como a brisa da tarde, refrescar-me o cérebro ardente de fantasmas». Os fantasmas eram as apreensões negras da cegueira, por vezes as da própria loucura, provocadas pelo lancinante espectáculo da demência de Jorge (1), a convicção de que neste mundo só angústias, cada vez mais terríveis, lhe estavam reservadas, por uma inexorável fatalidade. Dava-se a morte súbita de tôdas as esperanças, invadia-o a aversão a todos e a tudo.

Chegou a necessitar de ter em volta de si catorze luzes para ver o que escrevia. Num momento de aflição, esquece-se de tôdas as dores, para só ter essa em consideração, tão intensa e torturante lhe era, a ponto de dizer: «Tôdas as minhas infelicidades do corpo e da alma eram delícias, antes de eu sentir esta suprema desgraça.»

(1) «Sei que nunca te esqueces dos meus infortúnios. Principio a desconfiar que meu filho me está comunicando a demência. Tenho intervalos negros em que a vida me pesa, e não me sinto na consciência dela.» (Carta ao Visconde de Ouguela.)

(Carta a Ouguela). E acrescentava, na sua cada vez mais persistente idéa fixa: «Se isto progride, resolverei depressa a crise.» (Ibid.) «A minha doença — escrevia em outra ocasião — vai tomando uma gravidade que não permite duvidar da breve solução da luta em que vivo há tantos anos. Desejo isto acabado; e, se previsse uma longa agonia, empregaria algum esfôrço por abreviá-la.» (Carta a Eduardo da Costa-Santos).

A apologia e defesa do suicídio foram feitas pelo romancista, por várias vezes, e algumas com uma enérgica eloqüência. Falava em causa própria. No *Livro de Consolação:* «Há mister enorme coração quem dentro dêle se abre um túmulo... Vai esforçada valentia nisto de um infeliz se aniquilar com a certeza de que, em vez de lágrimas, lhe pesará sôbre a memória a censura dos infelizes, o horror dos espiritualistas católicos, e a nota da demência — suprema injúria a essas pobres almas que a divina justiça não mandaria às penas eternas sem lhes descontar os horribilíssimos paroxismos, aquele tormentoso debater-se nas prêsas da desgraça, aquele relanço d'olhos ao céo e o grito d'alma nesta dilacerante pregunta: «Quando te pedi eu a vida, ó Criador?»

E nas *Horas de Luta:* «A vida dos desgraçados irremediáveis seria um pérfido escárneo do Criador se o suìcídio lhes fôsse defeso». «Quando confronto a minha cobardia com as tentações redentoras do suìcídio, então compreendo a grandeza d'ânimo dos que se matam.» «Invectivar de cobarde o suìcida é escarrar na face de um morto. Não se póde ser mais cruel, nem mais infame.» «Um dos cânticos do *Inferno* de Dante é um poema de lágrimas. São os suìcidas que passam gementes.» «Se a alma do suìcida pudesse subir à presença de Deus, a Divina Majestade esconderia a face envergonhada ou condoída da sua obra; porque o suìcida lhe diria como Job: «Porque me tiraste do ventre materno?» *Quare de vulva aduxisti me* (1)*?*»

(1) Esta é a nota dominante; mas nem sempre assim pensou. A propósito de Neves Carneiro, enforcado por ser um dos treze estudantes de Coimbra que mataram os lentes Mateus e Figueiredo, no Cartaxinho, próximo de Condeixa, escreveu Camilo: «Perdeu a «honra» da sua palavra juramentada. A honra, sem o amor de Deus, e o amor do próximo, é a honra dos suicidas, dos duelos, e dos facínoras juramentados. O género humano há de ser bom, quando a *caridade* repulsar do comércio das almas a moeda falsa da «honra». *(O Retrato de Ricardina.)*

Logo a seguir à morte de Maria Camila, dizia, em carta, a Alberto Pimentel: «O vazio que sinto, aos 58 anos, não há em tôda a natureza uma sensação real ou quimérica que o encha. Encaro a morte como uma redenção; e morria ateu, se o não fôsse desde que sei discorrer». E, em carta a Eugénio de Castro, depois do mesmo sucesso: «Eu não posso chorar... A minha vida era já tão pouca que cabia nas pequeninas mãos da criança que *Deus* me levou para me convencer de que tem fôrça e faz o que quer com a sua divina vontade. Parece que os inocentes pequenos, mortos, antes de terem a consciência da vida, teem feito mais ateus que os filósofos naturalistas...» (Visconde de Vila-Moura — *Camilo Inédito*).

Depois da morte de Manuel, o filho de D. Ana Plácido e de Pinheiro Alves, escreveu a Sena Freitas, em 10 de Outubro de 1877: «V. Ex.ª levantou-nos a alma a procurar o espírito do meu Manuel no seio de Deus, e até êste momento só o iamos buscar na leiva úmida do cemitério da Póvoa...» (*Perfil de Camilo Castelo-Branco*). Mas, num dos últimos anos da vida, declarava ao mesmo: «Algum tempo achei certo confôrto passageiro nas teorias teológicas; tinha a

pretensão de imaginar que Deus me via nas minhas tristezas e o descoco blasfemo de o considerar impassível, quando as tristezas derivavam a angústias. Andava nestas esperanças e desesperações, e vivia melhor. Agora, não, meu caro amigo. Tenho dentro de mim o que quer que seja que vale três Comtes e me resfriou num mar glacial de positivismo».

No mesmo estado d'alma fundamental, redigira êste passo de *O Retrato de Ricardina:* «Nesta rara espécie de desgraça, os enfermos estão sempre inclinando-se maquinalmente para a terra a cuidarem que a terra lhes entremostra o leito do repouso eterno. Tanto lhes faz Deus como lhes fez até aquele derradeiro degráu, donde não há olhos que o contemplem. A Providência perdeu já a fôrça de se fazer sentir... Se o morrer é beneficência celestial, não há aí outra por amor da qual os desamparados devam pôr as mãos agradecidos. Os que não blasfemam, chegados tão abaixo, são anjos. Perdoem-me as pessoas muito espirituais, se eu creio enganadamente que a santificação começa na hora em que o padecer amordaça a oração nos lábios, e da tempestade interna já nem sequer relampeja espe-

rança do céo, nem reverbero das fogueiras inconsuntíveis do inferno» (1).

Era inegávelmente sincero, como habitualmente, quando assim pensava ou sentia, e se exprimia. Era também não menos sincero, porêm, quando, sob o impulso de outros sentimentos, com que vibrava o que havia no seu ser de delicado, de terno, de amorável, apelava para o auxílio da Religião.

Na crise definitiva da cegueira, em certa hora em que ao coração lhe confluíram os ardores das idades em que tão viva fôra a disposição para a fé, dirigia-se nos seguintes termos ao P.e Sebastião Leite de Vasconce-

(1) Assim era nos momentos mais sombrios, em que se fazia noite na sua alma. Há, porêm, intercadências de luz. Camilo fala talvez de si neste passo: «As pessoas desventurosas, se a desgraça lhes dá tréguas, estranham por tal modo a variante de sua sorte, que recorrem ao sobrenatural para explicá-la. Se, durante o infortúnio, descriam da acção divinal nos actos humanos, depois que a felicidade as visita compenetram-se de que foi Deus compadecido que lhes propiciou o contentamento. Reviçam então os desbotados sentimentos da fé; o coração envia aos lábios a prece fervente, as lágrimas reconhecidas; e — quantas vezes! — as virtudes se acrisolam a um bafejar de casual felicidade!» *(A Filha do Regicida)*.

los, então director das oficinas de S. José, no Porto: «Comovido até as lágrimas, ouvi ler a sua carta. Senti fazer-se a luz da esperança na minha alma em trevas; mas, considerando-me indigno das suas preces e da Misericórdia Divina, a escuridão da alma volveu ao estado em que se acham os meus pobres olhos. Entretanto, espero que as orações de V. Ex.ª e dos seus inocentes protegidos consigam aligeirar a minha agonia de modo que a morte me seja menos tormentosa. Deus Nosso Senhor lhe dê saude para amparo de outros infelizes a quem V. Ex.ª ensina o caminho do trabalho e da virtude». — «Cresce o meu agradecimento, quando vejo que V. Ex.ª recorre ao poder divino para que se opere o milagre que a sciência não fez, nem poderá fazer. Eu tenho muita confiança nas suas preces, acompanhadas da voz inocente dos seus filhos adoptivos, cuja alma V. Ex.ª regenerou».

Não se extinguira, nem se extinguiria nunca a simpatia de Camilo pela religião de Jesus, pela bondade e beleza da sua excelsa doutrinação. No 8.º dos *Doze Casamentos Felizes*, assim fala o P.e João de Pençalves ao romancista, que o procurara para conhecer um santo e lhe ouvir conselhos:

«Em que posso eu ser-lhe útil? Haverá nos seus verdes anos algum desgôsto que a religião possa remediar? Eu tenho conseguido algumas vezes suavizar as aflições dos meus irmãos de destêrro, não com as minhas palavras, não com a minha virtude, mas com as palavras que aprendi na lei de Nosso Senhor Jesus Cristo, nas quais é que está a virtude, e tão miraculosa e divina, que não perde a sua santíssima essência, proferida pela bôca do homem. Aqui está o que eu sou: um discípulo da escola de Jesus Crucificado, um crente na divindade da sua vida e morte, e o pregoeiro da felicidade temporal e da bemaventurança infinita aos infelizes e aos falsos afortunados do mundo, quando os vejo esquecidos delas, uns na embriaguez da peçonha, outros no abatimento da atribulação. Não sou mais que isto, nem posso sem dor ser tido noutra conta. Repito-lhe a pregunta: posso ser-lhe útil, e pagar-lhe de algum modo a mercê desta visita?»

E, como o romancista, «enternecido até às lágrimas», rogasse lhe ensinasse «as veredas menos custosas da vida», «o padre recolheu-se alguns segundos e disse:

—Amarás a Deus sôbre tôdas as cousas

e ao próximo como a ti mesmo. Aqui tem a estrada amplíssima. As margens desta estrada são esmaltadas de flores. Aqui e alêm, erguem-se cruzes, entre as flores. São as paragens donde o peregrino avista a pátria. Aí é que o homem se reconhece em Deus; aí é que está a fonte do resgate e o quinhão da última ceia do Salvador, em que todo o género humano tem o seu prato.»

Com que virtudes alcançara o P.e João de Pençalves justa fama de santo? Conta-as uma velhinha ao romancista, em Vila Pouca de Aguiar: «— As virtudes dêle são visitar com palavras e esmolas os pobres; é dono de uma casa rica, e dá tudo quanto tem. Se encontra um pobrezinho doente com os pés a escorrer sangue, dá-lhe os seus sapatos. Muitas vezes, chega a casa sem capote, porque o deixa a cobrir algum velho que encontrou a tremer com frio. Se há desordens no concelho, vai êle, antes de o chamarem, falar com os da pendência, sana tudo. Raparigas infelizes, logo que êle saiba onde as há, vai ter com os sedutores, que as perderam, e faz as despesas para se casarem. Todos os dias vai dizer missa a cada uma das capelas do concelho, à vez, e confessa, e faz uma missão, antes do romper

do dia. Por onde êle passa, faz vir as lágrimas aos olhos ver a gente como todos os caminhantes, que o conhecem, lhe ajoelham, e êle abraça-os, e chora com êles, mas ao mesmo tempo tem um riso, que parece cousa do céo...»

O P.e Álvaro Teixeira, o protagonista de *O Romance de um homem Rico*, fala como todos os crentes, como todos os verdadeiramente ungidos do Senhor, como falava o P.e António de Azevedo, um dos grandes guias morais de Camilo, em tôda a sua vida (1). Na bôca do P.e Álvaro Teixeira, põe estas palavras: «O bem-viver... é tão rigorosa conseqüência do bem-fazer, como a luz o é daquele astro que ali está no céo... O homem não acha em si os alívios da razão, quando os vícios lha degeneram. A razão, depurada dos sedimentos da antiga culpa, no crisol do Evangelho, é Deus. Deus não é sómente puro amor, é pura razão tambêm».

A admiração de Camilo por essa alma de

(1) Em todos os crentes e apóstolos eclesiásticos, que o romancista concebeu e realizou, influiu, através da sua, intérprete fiel, a alma dêsse excelente mestre que tivera na infância, sempre muito querido e respeitado, e carinhosamente lembrado, como exemplo de virtudes cristãs.

santo exprime-a nestes termos, em que imagina dirigir-se-lhe, ao encontrá-lo, um dia: «— Foi a mão de Deus que me guiou a ti, filho da dor, para me humilhar diante da tua paciência! Fala, fala, ensina-me a compor dos meus gemidos o hossana da vitória, sôbre as agonias, que me vergam, quando eu mais me afadigo a despontar-lhes os espinhos com a rebelião insofrida. Diz-me através de qual fibra ilesa e invulnerável te vem do espírito aos lábios êsse teu sorriso! Dá que eu prove o fel de cada lágrima, que enxugaste com o punho da batina nas tuas faces aradas! Não caias, árvore bemdita, sem que que eu colha frutos de bênção dessas majestosas frondes, que se abaixam até ao raso da minha miséria. Se adivinhaste um infeliz no homem, que deixou em tua memória as vinte páginas do coração juvenil, deixa-o sentar-se à tua beira, a meio caminho da vida; aponta-lhe daqui o trilho menos escarpado da sepultura; ensina-o a converter cada espinho em flor, cinge-lhe os risos com o cilício que revigora a alma; dulcifica-lha com o travor das lágrimas penitentes; dá-lhe a fôrça de homem, e reserva para Deus a tua essência de anjo».

Sempre a mesma ânsia aflita de achar amparo e protecção na doutrina do Nazareno!

Os conselhos do P.e Álvaro Teixeira— conselhos de Camilo a si próprio, que bem se conhecia, e tinha uma intuição perfeita da essência do cristianismo, adquirida no estudo dos Evangelhos e dos propagandistas católicos de todos os tempos —, são elevados, puríssimos: «Queria ensiná-lo a ser paciente, quando for desgraçado. Não lhe posso dizer mais singelamente o resumo de tudo que leu, nem lhe darei, se mo pede, e mesmo se mo não pede, mais encarecido conselho. Paciência é a arma, é o triunfo, é a porção divina do homem, é a bemaventurança. A padecer é que os olhos da alma se destoldam e encontram os de Deus. Padecer é a quebra, a falha irrremediável e comum; resignar-se é a perfeição. A virtude que todos alcançam, se a querem, é dar largo e por igual a amigos e inimigos, uns o seu ouro, outros as suas luzes, outros o seu braço e o seu descanso. A virtude dos raros, a máxima virtude, a mais edificativa é sofrer sem amaldiçoar, no asco da pobreza, no desamparo do descrédito, na ignomínia de não ter um amigo. Isto ninguêm o vê, nin-

guêm o admira, nem o divulga aos respeitos públicos. E o que vai nisso? Basta-me Deus. Não posso duvidar que Êle me está vendo. Sinto-o no repouso da minha consciência. O coração está passado de dores, o espírito conturba-se de angústias, a noite não acaba no termo de vinte anos. Assim é, mas que importa? Basta que a consciência me diga: «Não devias padecer, porque és bom». Quando o homem que sofre se diz isto a si, é Deus que lho diz. Esta é a altíssima rocha que vê em baixo as tormentas a fremir-lhe na base. Êste é o berço providencial do menino, lançado às ondas, e mandado buscar por Deus, para contar ao mundo os seus primeiros dias. Esta é a arca do justo, a caverna dos leões inofensivos, o *post tenebras spero lucem* de Job».

O P.e Álvaro Teixeira também tinha os seus momentos de desânimo, oprimido por um infortúnio que se não cansava de o perseguir. Dizia, um dia, a Camilo: «— ... Vamos pisando êste chão que é como sagrado para mim. Repare nestas flores das ribas e valados, que eu vejo há trinta anos, sempre com o mesmo viço e a mesma côr em cada primavera. Há na natureza um aspecto de indiferença que exacerba a dor dos infeli-

zes, se é que tôdas estas boninas não renascem para chorar comigo. Um poeta diria e pensaria isto. Quando alguns traços do passado se me varrem da memória do coração, e, depois, acerto de encontrar-me com a madre-silva, com a margarita, com a flor do rosmaninho, revivem as lembranças tôdas, umas pungentes, outras doces de saüdade; mas nenhuma de esperança...»

Na hora da morte, o protagonista de *O Romance de um Homem Rico* fala dêste modo: «—... Também eu vejo a luz que ilumina e abrasa... *Ardere et lucere*... Padeci muito, e esperei muito destas horas finais. Misérias e opressões de uma longa vida aqui se acabam. *Miser factus sum ego, et curvatus sum usque ad finem.* Curvado o corpo sim, que o desconcêrto total desta frágil máquina é a repelões de dor; mas a alma folga, e sorri no extremo dia: «*Ridebit in die novissimo*». E ainda: «—... O Senhor é piedoso com os que não desesperam, e com os pacientes. Espero... e, posto que padeci muito, não direi como o néscio: «Minha alma, descansa, que possues muitos bens». Eu espero tudo da misericórdia divina».

O romance termina por uma lição de

amor de Deus. Um impulso de fé faz compreender a Camilo súbitamente a origem da misteriosa conversão de Leonor. O romancista encontrava-se no convento de Santa Joana, em Lisboa, aonde fôra preguntar «a história dos últimos instantes da entrevada». «Alheado nestes pensamentos ingratos e inconcludentes, ouvi uns sons de órgão, cuja toada vinha do templo do mosteiro. Retrocedi, entrei na igreja, ajoelhei, orei, e tudo compreendi, encarando no retábulo de um dos altares. Era o painel significativo da contrição de S. Pedro; e, à orla inferior, li estas palavras: *Flevit amare: Chorou amargamente.* Os infelizes chorem, que à última lágrima da penitência segue-se a primeira da santificação».

Sincero — não fôsse julgar-se que esta inspirada unção derivava de uma crença radicada —, Camilo desabafava na mesma obra: «E' certo que Deus vê o crime e a inocência de nós todos; consente, porêm, (e louvados sejam por isso os altíssimos juízos do Senhor!) que os inocentes sejam condenados em muitas instâncias, antes de serem citados ao seu tribunal supremo, e — nisto vai muito a dizer — parece que vê sem ofensa da sua justiça a impunidade dos que delin-

qüiram. Os teólogos é que sabem dizer como isto é, e convencem a gente de que os romancistas são os menos azados para deslindarem esta meada. Consultem-se, pois, os teólogos.» E, noutro lugar do mesmo livro: «... Por si mesma, tem a virtude umas saídas tão maravilhosas que não há que dizer se as lançamos à conta de milagres, nós os cegos daquela celestial claridade a que as almas escolhidas a si se vêem, e se vão alumiando nas escuridades da vida, sempre tenebrosas para nós...»

Na sua concepção da doutrina do Nazareno compreendia-se um grande sentimento de solidariedade, de confraternização humana, pela caridade e pela justiça. Eis o que diz Rúi Gomes, o senhor do Paço de Ninães, a Frei Diogo das Póvoas:

«—E porque vais tu morrer? Eu passei por meio de regiões e povos que não sabem da nossa fé, e vão assim como tu de rosto sereno ao martírio e levam a certeza do triunfo no céo. Quem lhes ensinou o sacrifício do sangue? o aniquilarem-se na morte que a si mesmo se dão ou recebem dos verdugos da outra fé? Pensei nisto no fundo da minha solidão e estremeci de horror das minhas dúvidas. Parece-me que é mais pres-

tadio aos homens sofrer por êles do que morrer por Cristo. Há que anos me deixaste? Fui mundo além com as mãos cheias de benefícios: dava saúde aos enfermos; e, quando êles me queriam adorar, eu apontava-lhes o céo, e os resgatados das angústias do corpo entendiam-me e sabiam que eu os mandava agradecer ao Criador do bem que receberam das minhas mãos. Se eu lhes prègasse o Evangelho de Jesus, em vez de lhes ministrar linimentos à dor, matar-me-iam, e comigo se acabaria a fôrça do homem e os dons da caridade, ensinados pela minha religião... Jesus Cristo não quereria que tu e eu ensinássemos primeiro a caridade e depois o nome do seu divino propagador? O sangue, como tu vais derramá-lo, não regará árvore de justiça e misericórdia e amor entre os algozes. Deus acolhe tua alma, porêm que mais santo serviço farás ao céo, se com a tua levares outra alma!... Diogo, eu pensei nas montanhas, de onde o homem tão pequenino avista a imensidade. De lá vi as nações e os vermes enovelados de cada nação, e disse entre mim: «Que lucra Deus que aqueles bichinhos se despedacem? Todo aquele sangue lá em baixo será logo lavado de sôbre a terra por um chuveiro da nuvem

que vai abrir-se. Já daqui não ouço o gritar dos meus irmãos. Aquele brado não vai mais alto que o bramido das feras nos seus desertos. Porque se matam aqueles ouções à volta de uma aresta que um sopro de vento lhes arrebata?» Preguntei isto sem me esconder de Deus; e desci das montanhas, onde orava e comia raízes, e lia os Evangelhos, bálsamos da alma, e uns livros que me aliviavam as dores do corpo e retardavam a morte. Desci, falei, achei-me cercado de bons, desgraçados todos, porque todos sofriam; figurou-se-me que Deus me dizia: «Aí tens teus irmãos; são almas que eu fiz; estão feitas; não lhas refaças. Sofrem, porque todos sabem menos do que tu: comem a erva que os mata e desprezam a que os aviventara, se a conhecessem. Mostra-lha. A caridade é isso. Eu disse aos meus discípulos que o tesouro do meu amor o abrissem para todos. Atira às rebatinhas os diamantes da caridade. Cáiam onde caírem; será teu irmão aquele que os houver da tua bemquerença. Apressa-te. Não scismes, nem forcejes por me ver as formas. Eu sou tudo em que nasce um grão de alimento; sou tudo em que bate um raio de luz; sou o que sou. A religião de meu pai é uma milícia valorosa, uma bata-

lha às legiões perversoras da ignorância, um arrancar incessante de almas em trevas, para êste sol que lhes aquece e desabrolha os entendimentos. Não te afrontes com o êrro, porque levas no pulso a minha cruz. Preluz-lhe primeiro os bens da redenção; mostra-lhos práticamente; depois de lhes dares o pão, ensina os famintos a pedir-mo.» (*O Senhor do Paço de Ninães*).

Na novela exemplar que se intitula *O Comendador,* as palavras com que Camilo narra os actos, as circunstâncias dominantes da vida da tia Bernabé, são, na sua extrema singeleza, tão tocantes e eloqùentes que valem uma oração: «Não foi confessada, nem ungida; mas morreu santa, porque vivera santamente. Achara aquele engeitadinho, criara-o, amara-o, vendera um cordão para o vestir geitosamente, a fim de o mandar à escola, vendera as arrecadas para lhe comprar fato novo, quando foi à primeira confissão, vendera a casa e o tear e o leito, onde morrera sua mãe, para o remir de soldado. Padeceu grandes angústias, quando soube que o filho do seu coração era culpado na desgraça de uma rapariga honesta. Cuidou que o padre, o prègador da caridade e da igualdade dos servos de Jesus Cristo, iria admoes-

tar o lavrador abastado a conceder a filha para espôsa do pobre. Esta santa cegueira da cristã é de crer que Deus lha perdoasse. Por fim, de virtude em virtude, e de dor em dor, logo que aos setenta anos de idade viu sumir-se para sempre o seu querido engeitado, pediu a Deus por êle, por si, e... morreu.»

Os mesmos sentimentos de simpatia e respeito pelo amor de Deus se ostentam na scena em que o comendador, depois de ter ouvido ao abade de Santa Maria o bem que fizera a Maria e ao filho, «apertou ao seio as cans do ancião e beijou-o na fronte,» exclamando:

« — ...Se até hoje eu não acreditasse em Deus, caíria de joelhos a seus pés, confessando-o!»

Enxugando as lágrimas, o abade replicou:

« — Quem é que não acredita em Deus, meu amigo?!»

No último romance que escreveu, *Vulcões de Lama*, Camilo persistiu em apresentar quadros de fé, estimulantes do amor divino, figuras santas de verdadeiros ungidos do Senhor. A figura santa, nesta obra, é a de Frei Joaquim, das mais belas e insinuantes figuras de eclesiástico que criou, o tipo

do padre, como o apreciava e admirava, à maneira do P.e António de Azevedo, sem fanatismo, sem crendices, sem superstições. Vê-se perdurar inabalável a simpatia de Camilo pela religião católica, apesar da sua permanente tendência para o negativismo em matéria de sobrenatural; e essa simpatia era alimentada pelo que na sua alma havia de poesia e de ideal, de amor do bem e de culto pela virtude. Nos momentos em que essa simpatia vibrava, é de presumir que difícilmente, por natural repugnância, pudesse cometer certos graves erros da sua vida, e que chegasse a persuadir-se de que tanta desdita era o justo castigo das afrontas à ordem e à justiça de Deus.

Disse Camilo àcêrca de Frei Joaquim: «Êste egresso, discípulo de Fr. Manuel do Cenáculo, o arcebispo—filósofo, tinha às vezes umas reticências nas suas meditações ascéticas, que faziam muito lembrar as tibiezas de fé que assalteavam o seu ilustradíssimo mestre, o dilecto do marquês de Pombal, e seu dócil instrumento em algumas rebeliões reformadoras da igreja lusitana contra as prescrições de Roma. Deslumbravam-no, de vez em quando, uns raios de luz mortificativos. Êsses funestos lampejos de ra-

ciocínio tentador surpreendiám-no principalmente, quando contemplava crianças lívidas de fome, andrajosas, trémulas de frio, vergastadas pela chuva e pelo norte, expiando sem culpa a vida crapulosa dos pais, ou compartilhando a miséria dêles também irresponsável. Não podia duvidar que o Criador via estas crianças, num recolhimento de medo, estarrecidas e escarmentadas pelo desprêzo, à porta dos abastados, à espera dum bocado de pão três vezes suplicado. Mas êsse pão nem sempre à terceira vez, descia dos opulentos celeiros do lavrador rico; emquanto que os filhos do opulento, nédios e fartos, passeavam muito alegres debaixo dos olhos do Senhor, misterioso nos seus desígnios. Era aquêle augusto predicado «misterioso» que lhe abria no espírito intercadências de tristeza, como se o seu anjo da Fé chorasse. Depois, vinha a reacção — o incessante milagre da reacção do dogma — a crença incondicional nos incompreensíveis desígnios do Senhor...»

As suas dúvidas fundamentais, no domínio da fé, eram filhas da vibração da sensibilidade, ainda mais talvez que do raciocínio; e elas terão obstado a que nessas ânsias de lenitivo para as suas dores, nesses arreba-

tamentos, em que apelava para Deus, rogando aos ungidos do Senhor e aos inocentinhos que juntassem às dêle as suas preces, achasse no íntimo do seu ser consolações, estímulos para a resignação. Com os seus profundos sentimentos humanitários, os apóstolos de Jesus, criados pelo romancista, sofriam imensamente ante o espectáculo de tanta desgraça que brada aos céos, emquanto os grandes da terra e os afortunados estadeiam o seu bem-estar e prosperidades. Do coração de Camilo saíram essas belas, enternecedoras figuras de doces crentes, que choravam com os males dos desgraçados e dos pequeninos sem pão e sem abrigo, e repulsavam o misticismo, a ascese, para cuidarem dos males do mundo, para atenuarem as misérias humanas. Na alma acrisoladamente religiosa, cristianíssima de Frei Joaquim imperava o amor da humanidade. Assim, aconselha a Balbina, uma viúva, dementada e fanatizada por outros padres sem coração, que queria consumir em missas por alma do marido todo o dinheiro que êle lhe deixara: «As missas por alma de seu marido são louváveis; mas, para que o santo sacrifício seja agradável a Nosso Senhor Jesus Cristo, é preciso que a snr.ª não sacrifique

os necessitados de pão. O Divino Redentor falou muito em esmola, e jámais exortou os discípulos a que negassem aos vivos o pão para o converterem em sufrágio pelos defuntos. O Salvador lá tinha os mananciais da sua misericórdia para as almas dos mortos...»

São ainda do romance *Vulcões de Lama* estas expansões, em cuja ironia se trai o azedume de dores e impaciências: «As lágrimas e a fé, com que esta mulher (uma figura do romance, Quitéria) se ajoelhava àquele páu canonizado, não podiam deixar de comover a Providência, que sugeriu na treva da dor humana a luz da oração... Eu de mim creio que Deus, autor das angústias d'alma e corpo, deve ter criado também algum anodino que as mitigue. E, se não é a oração, que há de ser? Para as nevralgias do corpo, os valerianatos, o curare, a morfina, a cocaína, a beladona, os anestésicos; para as agonias do espírito, o linimento balsâmico da oração, a esperança do remédio extra-terrestre, a confiança numa alta potência moderadora dos castigos infligidos pela sua divina lei. Os anestésicos, a fricção de terebentina, as injecções hipodérmicas, às vezes são ineficazes como as orações. Não

importa. O desgraçado reze e friccione-se sempre. Apele para Deus da própria farmacologia; e, quando as injustiças crueis dêste planeta o acalcanharem, vá perdoando sempre aos seus devedores, — não preferindo antes executá-los —, para que Deus Nosso Senhor lhe perdoe... a desgraça de ter nascido. Mas se há aí desamparado que nenhum alívio experimentou orando, antes de negar a existência de Deus, procure-o. Vá sózinho. Suba aos espigões das montanhas, ou desça aos recôncavos dos despenhadeiros. Isole-se; procure-o aí, e espere-o. O mais eficaz narcótico para um cérebro convulsionado é a solidão. Quando se sentir penetrado de uma serenidade humilde e reportada como a paciência, aí está Deus!» (1)

Orando ou rogando que orassem por êle, Camilo deverá ter experimentado alívios, em fugazes instantes de «serenidade humilde e reportada como a paciência», e então as suas agonias tinham «a doçura do escravo,

(1) Numa hora de esperança, na introdução de *O Sangue*, o romancista escreveu: «De Cristo sei três palavras em latim e espero que no outro mundo os anjos mas decifrem. *Beati qui lugent* «felizes os que choram», disse o amigo dos po-

que conta os dias do cativeiro remissível», e considerava mercê do Altíssimo o afogá-lo na «onda da água amaríssima da expiação.» (*No Bom Jesus do Monte*). Mas logo vinha

---

bres. Como ninguêm o tinha dito, nem escrito, nem pensado, a interferência da divindade na desprezada condição dos infelizes começou na hora em que foram ditas as palavras «felizes os que choram». E quem as disse não podia ser mero homem...»

E, na obra *Maria da Fonte*, declarando que lhe repugnava admitir, com o P.e Casimiro, relações espirituais entre a «candidissima Maria de Galilea» e «a genuina Maria da Fonte», por isso mesmo que, «venerando a sagrada poesia da mãe de Jesus», via, sentia as cousas de religião com o seu coração, a sua sensibilidade de poeta, afirmou: «Vejo pelo meu prisma da infância a Rosa mística, a Consoladora dos aflitos, a amantissima inspiradora da Ladainha, onde psalmeiam os hinos das estrêlas e gemem as elegias das angústias humanas». A afirmação, interpretada isoladamente, e sem a lição dos documentos apresentados sôbre o religiosismo de Camilo, poderia produzir equívocos. Sempre vigilante, porêm, por si e pelos outros, o romancista, esclarecendo, advertiu no *Post-Scriptum* do mesmo livro: «Eu hauri o bálsamo refrigerante da minha alma calcinada pela dúvida em uma filosofia que não se revolta e transige com as irremediáveis misérias desta vida;

o pessimismo que o precipitava na descrença e lhe fazia amar muito mais a morte que tudo (*Amor de Salvação*) e sentir-se «num banho de lama, à espera que esta lama se

---

porque não posso declinar sôbre as costas de Deus a responsabilidade das minhas desgraças, atribuir-lhe a invenção das paixões que dilaceram a espécie humana e menos ainda adorá-lo nesta natureza impassível que nos esmaga». E terminou o *Post-Scriptum* com estas palavras, dirigidas ao P.e Casimiro, increpador de ateus: «... as modernas angústias do homem, que chama os deuses à imitação do terror antigo que os criara, são sagradas e tamanhas que é pouco menos de infame afrontar com vitupérios o incrédulo atormentado pelo seu materialismo. É isso a esponja chegada aos lábios dêsses cristos que se dilaceram nas prêsas da sua dúvida para se resgatarem pela morte. Se não pode compadecer-se, padre, seja ao menos egoísta. Arranje o paraíso eterno da sua pessoa, e deixe os ateus, deixe-os padecer e morrer. Não lhes faça pressão crueliss ima nos espinhos da sua coroa, injuriando-os porque êles não podem crer que haja um Deus, a contemplar, com a impassibilidade de um Nero divino, as suas criaturas estorcidas entre as lavaredas do incêndio que sua majestade suprema assoprou sem ter primeiramente consultado a vontade das vítimas. Cale-se, padre, por honra de Deus, se o acredita!»

petrifique e se faça sepultura.» (Carta a Ouguela). Em tais instantes, a solidão que procurava, na amargura das suas dores sinistras, no seu horror dos homens e da vida, longe de ser um «eficaz narcótico», para o seu cérebro convulsionado, «ralado e dissolvido em sangue», foi-lhe, pelo contrário, péssima conselheira.

Nas horas de inenarráveis angústias, que foram as suas derradeiras, as mais despedaçadoras de tôda a sua existência, o conflito entre os sentimentos de esperança e os impulsos do desespêro ter-se há travado mais aceso do que nunca. A vitória coube ao desespêro. Em 1 de Junho de 1890, suicidou-se.

II

O ARTISTA

«...Para quem escreveu êle tantos romances, senão para elas...? ...Porventura, todos os escritores, que se teem feito notar pela delicadeza do gôsto, pela finura do espírito, e pela elegância do estilo, não teem devido sempre estas qualidades às mulheres?» — Júlio César Machado — *Cláudio*.

Camilo compreendeu, sentiu, desde cedo, quanto o seu temperamento de romântico lhe servia para a criação realística, em certas condições. Com os olhos postos normalmente na verdade, se teve desvios, que não soube ou não quis evitar, e que se poderão apontar na sua produção de todos os tempos, justo é reconhecer que já nas suas primeiras obras do romance ou da novela deixou assinaladas qualidades singulares de intérprete da realidade. Não o cegava a superstição romântica do poder da sensibilidade, a ponto de o impedir de notar que a concentração da acção, de que proveio a sobrie-

dade dos traços, a simpleza dos quadros, no *Amor de Perdição*, constituía a condição máxima da intensidade dramática e da fôrça sugestiva dêsse romance. «É grande parte neste favorável, embora insustentável juízo (que antepunha o *Amor de Perdição* ao *Romance de um Homem Rico*), a rapidez das peripécias, a derivação concisa do diálogo para os pontos essenciais do enrêdo, a ausência de divagações filosóficas, a chaneza da linguagem e desartifício das locuções». (Prefácio da 2.ª ed. do *Amor de Perdição*).

O realismo havia de, com o estabelecimento de novos figurinos de arte, para satisfação de novas correntes de gôsto, colocar o *Amor de Perdição* em plano secundário, a um canto, como velharia. Camilo percebeu-o claramente, mas não era homem que se voltasse para os modernismos, no fito de os adoptar. Amaria sempre Simão Botelho, parcela viva da sua alma, e Mariana (1).

(1) Nas suas *Notas sôbre o «Amor de Perdição»*, o sr. Alberto Pimentel disse supor que a figura de Mariana tenha sido arquitectada e construída com recordações do que fôra Joaquina Pereira, a desventurada camponesa de Friúme, primeira mulher do romancista. Onde mais parece, todavia, que Camilo a retratrou foi na Tomasia, da obra

e João da Cruz, admirá-los-ia, imperturbável, como um pai a um filho celebrado, certo de que os escritores realistas, com os seus processos meticulosos, não poderiam construir figuras mais vivas e sugestivas que essas. Por isso, declarava, com ironia, no Prefácio

---

Coração, Cabeça e *Estômago*, apesar de todos os disfarces da imaginação. Procurou sempre ocultar essa página escura da sua vida, convencido de que a idade com que casou — dezasseis para dezassete anos — não o inibia totalmente de culpas. O dia 18 de Agosto de 1841 riscá-lo-ia de bom grado do calendário. Contudo, não se emendou. O rapaz que aos catorze anos jogava a bisca e a bordoada com os carvoeiros na serra do Mesio, que se enamorava à simples vista (como no caso de Mouçós, nas cercanias de Vila-Rial, por ocasião duma romaria), que tinha uma namorada a cada canto da aldeia onde vivia (Luísa, a «flor de entre as fragas», Maria do Adro), fazia tremer, mais tarde, D. Ana Plácido, quando, no Porto, já unido a ela, recebia as visitas de uma sua cunhada, irmã da falecida Joaquina Pereira. Camilo propendeu sempre a pôr ao serviço do amor uma moral fácil, oportunista, com desprêzo absoluto das convenções sociais. Ainda o manifestou no final da vida, com o processo indigno de conquistar a mulher que veio a ser a espôsa de seu filho Nuno. No grande Camilo havia vários Camilos, uns maiores que os outros.

da 5.ª ed. do *Amor de Perdição:* «O *Amor de Perdição,* visto à luz eléctrica do criticismo moderno, é um romance romântico, declamatório, com bastantes aleijões líricos, e umas idéas sceleradas que chegam a tocar no desaforo do sentimentalismo. Eu não cessarei de dizer mal desta novela, que tem a boçal inocência de não devassar alcovas, a fim de que as senhoras a possam ler nas salas, em presença de suas filhas ou de suas mães e não precisem de esconder-se com o livro no seu quarto de banho. Dizem, porêm, que o *Amor de Perdição* fez chorar. Mau foi isso. Mas agora, como indemnização, faz rir, tornou-se cómico pela seriedade antiga, pelo rapozinho que lhe deixou o ranço das velhas histórias do Trancoso e do Padre Teodoro de Almeida. E por isso mesmo se reimprime. O bom senso público relê isto, compara com aquilo, e vinga-se barrufando com frouxos de riso realista as páginas que há dez anos aljofarava com lágrimas românticas».

Veio a condescender, mais ou menos reservada e condicionalmente, com certas prescrições da escola realística, a que foi sempre avesso; mas, apesar disso, nunca deixou de considerar como obras primas suas

as que produziu, dentro dos seus ideais estéticos característicos, na máxima independência artística. O *Eusébio Macário* representa uma reacção, não contra o realismo, que espontâneamente abraçara, com o seu amor da verdade, mas contra o que julgava os defeitos de escola. Em carta a Alberto Braga, escrevia: «Estimo que o *Eusébio* o fizesse rir. Era o escopo que eu tinha de olho, como diria o Dr. Libório. Parece-me, porêm, que se podem escrever romances naturalistas como o *Père Goriot*, sem fazer rir, nem descrever as tetas das mulheres. Hei de tentar isso, conservando a falsa adjectivação com que os realistas portugueses estragaram um pouco a escola.» Essa adjectivação seria a que ridiculizava nestes termos, em outra carta ao mesmo: «Vae-se-me petrificando o encéfalo e sinto no crânio os óculos do Adriano Machado de Abreu, com as suas frialdades cruas, metálicas, como diria o *Eca de Qeroz*, na ortografia da princesa vadia (M.me Rattazi)».

Baseada em razões do coração, mais que do cérebro, a sua maneira de conceber a realidade em arte não podia, em caso algum, repudiar a interferência essencial de um idealismo saûdável, puro, elevado, atra-

vés do qual se lograsse sentir a poesia da vida, fonte inspiradora dos impulsos nobilitantes, dos actos de virtude que dignificam a espécie e a aproximam de Deus. No realismo em voga encontrava muito pouco, qùase nada disto. A secura dos processos de escola não lhe podia agradar. Declarou em *A Brasileira de Prazins:* «Como a exposição do reitor saiu muito enfeitada de joias sentimentais — detestável espécie arquiológica que ninguèm tolera — farei quanto em mim couber, por, uma a uma, ir mondando e refugando as flores, de modo que as scenas dramáticas se exponham áridas, bravias, como serro de montanha por onde lavrou incêndio, sem deixar bonina, sequer folhinha de giesta em que a aurora imperle uma lágrima. A aurora a chorar! de que tempo isto é! Como a gente, sem querer, mostra numa idéa a sua certidão de idade e uma relíquia testemunhal da idade de pedra! Ah! os bigodes tingem-se; mas as frases — madeixas do espírito — são refractárias ao rejuvenescimento dos vernizes».

Tôda a criação literária de Camilo é eminentemente subjectiva, nela se retrata a alma do artista que a concebeu e lhe deu realização. Presente sempre em tôda a essência da

sua obra, compraz-se em amar, odiar, chorar ou blasfemar com as figuras a que deu vida, «faz como o sábio, o mártir da medicina que, para se convencer e para não falsear a sciência que professa, muita vez se envenena ou se dilacera». (T. Ribeiro — Prólogo da 3.ª ed. do *Romance de um Homem Rico).* O romancista baseia-se sempre em sensações directas, próprias, pessoais que põe no âmago das suas idealizações, como núcleo indestrutível de tôda a realidade destas; e isto, que foi processo invariável desde que encontrou a sua via de realista, passado o período inicial do *Anátema* e dos *Mistérios de Lisboa,* constitue tôda a sua fôrça e é precisamente o que salva as incongruências e os caprichos do artista que julgaria quebrar a originalidade da expressão sentimental, seu primeiro escopo, se pusesse em prática, miúdamente, quaisquer princípios normativos do género que lhe tolhessem a liberdade de idealizar, dentro da poesia da verdade. O amor do bem, da virtude, e, a par, a aversão pelo mal, por tôdas as iniqüidades estão no âmago do seu conceito de realidade e não saberia criar, fora de tais sentimentos. A sua sensibilidade extremamente vibrátil não lhe permitia o indiferen-

tismo, nem sequer a frieza julgadora dos que analisam a sociedade, como o anatomista disseca um corpo. Os bons, os virtuosos a que dá vida, em que transfunde quanto sente de raro e elevado, teem os rasgos admiráveis, as saùdáveis cóleras vingadoras que são ainda o melhor da alma da humanidade. Os maus sofrem o castigo que merecem, cedo ou tarde; e, se o romancista não faz actuar a justiça dos homens, quando a trama da acção lho não consente, recorre à da Providência, apela para a de Deus. Nas suas melhores obras mais predilectas respira-se o culto pela honra e pelo dever. Camilo amava do coração quanto dignifica a espécie e, como artista, não podia entender que a verdade se representasse em contradição com êsse amor nobilitante, que se criasse, tirando tôda a casta de efeitos, e, para mais, com intenções moralizadoras de sociólogo (à maneira de Zola), dos vícios mais repugnantes, dos crimes mais hediondos, opróbrio da humanidade. O próprio amor sexual aparece, muitas vezes, em Camilo, como inspirador de altos cometimentos. Simão Botelho, por exemplo, é «convertido aos deveres, à honra, à sociedade e a Deus pelo amor.»

Aos desvarios da imaginação amorosa o

homem, em Camilo, cada vez mais terá procurado poupar o escritor. A sua tendência preponderante era apresentar a verdade nos seus aspectos edificantes, de preferência aos que corrompem e desviam da moralidade. Em carta a Roberto Valença, pseudónimo de Domingos Manuel Fernandes, a propósito do poema realista *Podridões Modernas,* Camilo escreveu: «Eu não discrimino escolas. Tôdas me parecem boas, quando me convencem ou comovem, quando me alegram ou amarguram. A nudeza do verso não me escandaliza, se é a verdade que se despe; mas, se ela está suja e tem tumores frios, antes a quero vestida». *(Cartas,* coligidas pelo sr. Cardoso Martha).

O artista colhia no seu coração e no seu sentimento de humanidade tesouros tais de sensibilidade que se julgou dispensado de enfeudar a inspiração a preceitos estritos de escola, a regras que lhe embaraçassem as manifestações exuberantes e caprichosas do natural engenho. Camilo sentia-se bem em ser, acima de tudo, quanto pudesse, Camilo, em pensar e sentir de português para portugueses; e nisso o homem e o escritor viram o cumprimento de um dever, tanto como uma satisfação de gôsto e predilecções individuais.

Camilo era, por compleição, avesso a cosmopolitismos literários. Pensaria, a êste respeito, como Garrett que punha os olhos em Camões: «Tôda a Europa lê hoje os *Lusíadas*: é verdade. E porquê? Será pelas formas vergilianas do poema, pelos deuses homéricos do seu maravilhoso, pela beleza dos modos que só nós sentimos bem? Não, é pelo que ali há de poesia original, própria, primitiva: porquanto, era Camões, poeta, tão português na alma, que as mesmas harmonias homéricas e vergilianas, os mesmos sons clássicos se lhe repassavam debaixo dos dedos naquela sincera e maviosa melodia popular que respira das nossas crenças nacionais, da nossa fé religiosa, do nosso fanático — e ainda bem que fanático! — patriotismo, da nossa história, meio história, meio fábula dos tempos heróicos. Dominou-o, mas não poude pervertê-lo a escola do seu tempo». (*Romanceiro,* Introd.). E, animado pelo exemplo, persuadido de que «o tom e o espírito verdadeiro português êsse é forçoso estudá-lo no grande livro nacional que é o povo e as suas tradições, e as suas virtudes e os seus vícios, e as suas crenças e os seus erros», escrevia o autor do *Frei Luis de Sousa*: (*Ibid*) «Vamos a ser nós mesmos, vamos a

ver por nós, a tirar de nós, a copiar da nossa natureza e deixemos em paz

«Gregos, romãos e tôda a outra gente».

Na Memória «Ao Conservatório Real», lida em conferência no Conservatório, a 6 de Maio de 1843, afirmou ainda Garrett que o que sempre quis foi «falar ao coração e ao ânimo do povo pelo romance e pelo drama», convencido de que o seu século era «um século democrático»: «tudo o que se fizer há de ser pelo povo e com o povo, ou não se faz». E acrescentava: «Dai-lhe (ao povo) a verdade do passado no romance e no drama histórico, — no drama e na novela de actualidade oferecei-lhe o espelho em que se mire a si e ao seu tempo, a sociedade que lhe está por cima, abaixo, ao seu nível, — e o povo há de aplaudir, porque entende: é preciso entender para apreciar e gostar».

Foi o que sempre diligenciou fazer Camilo, o mais acertadamente que poude. «A final e muito a tempo, desertei às bandeiras dos mestres franceses, e entendi no melhor modo de descrever os usos e costumes da minha terra, os sentimentos bons e maus

como por cá os tenho visto, as paixões como elas são cá, e como creio que elas são em tôda a parte, tirante as composturas, artifícios e maravalhas de linguagem, com que, para maior glória do génio pestilencial, corrutor das almas, os pintores da sociedade adulteram a verdade das cousas e pessoas. Cái a propósito neste ponto declarar eu á crítica bem intencionada de alguns avaliadores dos meus últimos livros editados em folhetins do *Comércio do Porto*, que nem levemente me constrangem as condições, que me pauto e imponho, no desenvolvimento da idéa moralizadora, ou, pelo menos, intuito social e humanitário de cada um dos romances. Tais são os publicados com os títulos: *Três Irmãs*, *Estrelas Funestas*, *Estrélas Propícias*, *O Bem* e o *Mal*. E, afora êstes, que a crítica irreflectida cuidou me haviam sido assim prescritos e agorentados pela seriedade daquele jornal, escrevi, com igual intento e desassombrada espontaneidade, o *Amor de Perdição*, o *Romance de um Homem Rico* e outro que está no prélo, chamado *Amor de Salvação*. De nenhuns outros me ficou tão cheio o ânimo de contentamento, contentamento sem vaidade, de ter povoado a minha fantasia

de imagens que seriam ainda sublimes e belas, quando não fôssem imitáveis e verdadeiras. A esta série de romances pertence *A Filha do Doutor Negro...*» (Prefácio de *A Filha do Doutor Negro).* E, mais adiante, definindo a atitude dilecta do seu espírito, como criador: «...Estou apto para trasladar o que vi e vejo, sem pedir emprestado à imaginativa o que a natureza me não dá. Se, alguma vez, falsifico as tintas, ou derramo às mãos cheias flores sôbre as úlceras, é isso um excesso de generosidade que uso com o mundo e comigo. Restam as misérias vistas: poupemo-nos à estampa, que não corrige, nem condena. Para juíz, lá está Deus. Para algoz, basta que cada um o seja de si próprio.» *(Ibid.)*

Treze anos depois, em 1865, mais senhor de si ainda, e do seu modo original, característico de concepção e de expressão, frisou na introdução de *A Caveira da Mártir:* «Não é meu costume inquirir a última moda, o modernissimo paladar da opinião pública em iguarias desta espécie. Não sei se aprazem as delongas de Dickens, se as nudezas de Flaubert, se as tramoias de Ponson. Ouço dizer que a sentimentalidade é hoje uma vergonhosa miséria. Comover o leitor pelo

coração é cousa pouco menos nefanda que anavalhá-lo pelas costas. No realismo ha tudo, tirante a verdade das lágrimas. Foliar com a desgraça, arregaçar em hilaridade burlesca as feições retraídas pela agonia, é a escola novíssima — dizem êles que é novíssima. Eu, há vinte e quatro anos, remedava essa novidade nos romances de Voltaire. Escrevia *A Filha do Arcediago* e as *Scenas da Foz*. Onde isto vai! Como as novidades de agora são antigas! Hoje estou na verdade da dor humana. Parece-me impiedade vesti-la de farça e pô-la na praça, a escambo de risadas. O histrião não está perfeitamente acentuado no escritor. Sendo a escola, alcunhada de realista, a perversão do natural, os sectários dêsse desvario já se vão gozando do direito indiscutível de me refugarem da sua camaradagem de novelistas. Escrevo à antiga, porque tento comover — dizem, e é verdade.»

Camilo reivindica para si um título, sôbre todos nobre, dentro do seu sentir: o de pintor da verdade da dor humana. Já em 1858, no romance *O que fazem mulheres*, escrevia: «Os dias actuais são melancólicos; a humanidade quer rir-se; muita gente, séria e sisuda, se compra um romance, é para dar

tréguas às despoetizadas e pêcas realidades da vida. Sei-o de mais. Eu também compro os livros dos meus amigos, para espairecer de meditações serumbáticas em que me anda trabalhado o espírito. Sei quantos devo, e que favores impagáveis me deveria, leitor bilioso, se eu lhe encurtasse as horas com páginas galhofeiras, picarescas, salitrosas, travando bem à malagueta, nos beiços de tôda a gente, afora os seus. Tenha paciência: há de chorar, ainda que lhe custe.» É não menos interessante êste outro passo do mesmo romance: «Não será uma acção meritória amoldurar em fórmas verosímeis a virtude, que os pessimistas acoimam de impraticável neste mundo? Hão de só crer nas façanhas do crime, nas hipérboles da maldade humana, e negar as perfeições do espírito, descrer o que ultrapassa as balisas de uma certa virtude convencional, que não custa dores a quem a usa? Se os espanta as excelências da mulher que vou debuxar, antes de mas impugnarem, afiram-se pela natureza, interroguem-se, concentrem-se, no arcano imaculado da sua consciência. Se me rejeitam a verdade de Ludovina, se me dizem que a êste inferno do mundo não podia baixar tal anjo, sabem o que é êsse des-

crer? é apoucamento da alma para idear o belo; é o regêlo do coração que rebate as imagens ainda aquecidas do hálito puro da divindade. Se a mulher assim fôsse impossível, o romancista que a inventou seria mais que Deus.»

Apóstolo cada vez mais fervoroso da verdade, sem renegar o seu idealismo, alimentado da poesia do sofrimento humano que redime muitas culpas, purificando e exalçando as consciências, não é de surpreender que o artista, aperfeiçoando, dia a dia, os seus meios de expressão do sentimento e dos transes da vida, fizesse progressos consideráveis na representação da realidade. Cada vez o veremos prezar mais a simplicidade, a sobriedade dos traços e das scenas. É muito curioso, neste sentido, para avaliar a solicitude que Camilo ia pondo, de produção em produção, na adopção dos processos mais ajustados à verdade, o seguinte trecho de *O Romance de um Homem Rico*, que transcrevo integralmente, em atenção à sua importância «...Agora, abro mão do seguimento da história, para acudir a uns reparos dalgum leitor. Diz êle: «Eu estava preparado para ler algumas páginas bonitas e sentimentais, ocasionadas pelo encon-

tro de Maria da Glória e Manuel Teixeira. Fiquei logrado. Nenhum dêles disse cousa que fizesse chorar, nem escassamente comover a gente. O autor deixa perder as marés cheias de poesia. Aqui era que devia ostentar os tesouros de seu estilo lamuriante. Nem um aprendiz de romances deixava, pelo menos, de tirar do peito do marido quatro apóstrofes, com grande chuveiro de lágrimas. Era belo fazê-lo discorrer uma hora de joelhos aos pés da espôsa, desfalecida de cinco em cinco minutos. Que ela perdoasse, isso, sôbre ser justo, era dramático; todavia, a palavra misericordiosa devia fugir-lhe do coração, depois que as freiras tôdas chorassem em côro, e sóror Joana discorresse dilatadamente àcêrca do perdão das injúrias. Além de que, nenhum desmaiou! O tocante era ir ela nos braços das espôsas do Senhor para cima, e êle ficar cá fora, senão sem sentidos, ao menos declamando um quarto de hora, e cair afinal extenuado nos braços dos amigos. Isso sim, era uma passagem que bastava à reputação da novela, e a venderem-se mais alguns milhares de volumes. Escrever as cousas como elas se passam no mundo, como nós as vemos por aí! Então é melhor não dar cópias da realidade. O que a gente

quer é que o romancista nos pinte a sociedade, a vida e as paixões melhores ou piores do que são. Regala estar lendo uma scena sem naturalidade, e dizer: «isto não é assim; mas, se assim fôsse, era mais agradável o mundo.» Onde está a imaginação do novelista, que repete o que viu, ou leu, ou lhe contaram?! É como dizerem que o teatro deve ser fotografia da vida! Vão para lá com os seus dramazinhos verdadeiros, e verão que nem os músicos das orquestras lhos aturam. O romance é tal e qual a mesma cousa. Se nos não maravilha, enfada-nos. Viram cousa assim?! Deixar o autor correr glacialmente aquela scena da portaria do convento! Ainda agora podiam estar os cônjuges a dissertar a respeito da calúnia que custou onze anos de martírio à espôsa sem nódoa! Pois o remorso não era aguilhão suficiente para fazer andar o marido em bolina naquele local tão poético, e obrigá-lo a raivar contra si e a desentranhar-se em eloqüência de frases e lágrimas aos pés da mulher! nem um ah! nem um oh! lhe ouvimos!... É de mais! Pode ser que assim acontecesse, e que o facto assim descrito o lesse o autor no manuscrito do padre Álvaro Teixeira; mas isso não indulta o artis-

ta, que recebe das mãos da natureza uma pedra e faz dela uma Nióbe ou um Laocoonte. O romancista é o escultor das paixões: enfeitá-las, corrigi-las, dar-lhes com palavras a expressão que elas estéticamente não podem exprimir, é seu ofício. E, se o autor me não entende, eu lhe aclaro a idéa. É de crer que as pessoas, testemunhas do lance entre Manuel Teixeira e sua espôsa, se comovessem, porque lhes viram nos semblantes os movimentos da alma; nós, porêm, que os não vimos, precisávamos de receber da fantasia do escritor uma descrição que nos sacudisse os nervos, e levantasse o espírito à altura a que o levantam os romancistas da moda. Fique-lhe, pois, de memória esta amigável censura; e, para outra vez, belisque a imaginação, se quer que o seu nome de romancista reverdeça, orvalhado com as nossas lágrimas, ou festejado com as nossas gargalhadas. Chorar ou rir, é onde bate o ponto. Quem não conseguir uma das cousas, não nos importune.» — Respondendo, digo ao leitor sisudo que me conformo com o seu parecer, e de experiência tenho que a verosimilhança, qualidade em que tenho aperfeiçoado esta minha arte, me tem grandemente desmerecido a valia dos

romances. Ha muito tempo que não mato ninguêm senão de moléstia: quando muito, para aformosentar a morte com um nome bemquisto dos poetas, e dos leitores sentimentais, tenho denominado tísica pulmonar, ou congestão cerebral, o que em boa patologia se denomina hidropesia ou inflamação intestinal. Não se tem suicidado ninguêm nos meus últimos romances, nem mulher alguma perdida tem sido reabilitada ao amor virginal. Isto é nocivo às minhas curtas aspirações, bem o sei; mas já agora não arripio a carreira, hei de ir indo assim, dispendendo-me pouco em imaginações de que me sinto muito alcançado, e pondo as melhores tintas e pinceis na cópia da verdade, embora a verdade seja descòrada e dissaborida aos amigos das visualidades. Já noutros livros me tenho cansado a responder a reparos que a crítica, não impressa, mas em família, me tem feito. Paciência. A França de Bernardim de Saint-Pierre menosprezava a história singela de Paulo. Argùiam de infecundidade o autor que o não fez carpir-se em desesperado monólogo ao pé do cadáver de Virgínia. Quem me dera a mim para um dos meus livros uma sombra do renome daquele romance! Quantos mi-

lhares de romances, decantados uma hora, pensa o leitor que a voragem do esquecimento enguliu, desde que a obrinha do grande naturalista recebe o tributo de lágrimas, que Napoleão lhe dava em Santa Helena? Neste género de escritos, o sêlo da perpetuidade grava-o a natureza. O templo dos livros imortais é servido a poucos sacerdotes; mas, grande glória lhes é êsse culto sem estrondo! Não vão agora cuidar que eu estou já daqui espreitando o nicho do templo da eternidade em que me hão de encolher os vindouros — encolher, digo, porque não podemos lá caber todos! Não, senhores! eu no que penso é em converter o meu leitor à religião da verdade, e levo em vista movê-lo a ler outra vez aquela fria e frouxa scena da portaria de Vairão. E, se alguêm disser que eu estou dando satisfações impertinentes, respondo que é isto respeitar os meus leitores, e propósito de adelgaçar as rudezas de alguns raros, que me trazem entre os dentes da sua crítica, porque os eu não faço chorar, nem rir.»

Afinando a sua arte, depurando os seus processos, numa inteligência e consciência cada vez mais perfeitas dos requisitos da produção artística realistíca, como a conce-

bia o seu espírito idealizador de sofrimentos próprios e alheios, independente, revoltado, alma delicadíssima, de sonhador impenitente, se concedia, num ponto ou outro, aos modelos que o sensibilizavam, ou aos doutrinários que melhor o persuadiam, qualquer correcção nos expedientes formais, mais ou menos secundários, era intransigente quanto à substância da criação. «Faz-me tristeza pensar que eu floresci nesta futilidade da novela, quando as dores da alma podiam ser descritas sem grande desaire da gramática e da decência. Usava-se então retórica, de preferência ao calão. O escritor antepunha a freqüência de Quintiliano à do *Colete-encarnado*. A gente imaginava que os alcouces não abriam gabinetes de leitura e artes correlativas. Ai! quem me dera ter antes desabrochado hoje com os punhos arregaçados para espremer o pus de muitas escrófulas à face do leitor! Naquele tempo, enflorava-se a pústula; agora, a carne com vareja pendura-se na escápula e vende-se bem, porque muita gente não desgosta de se narcisar num espelho infiel. Pois que estou a dobrar o cabo tormentório da morte, já não verei onde vai desaguar êste enxurro que róla no bôjo a Idéa Novíssima. — Como a ho-

nestidade é a alma da vida civil, e o decôro é o nó dos liames que atam a sociedade, lembra-me se vergonha e sociedade ruirão ao mesmo tempo por efeito de uma grande evolução — rigolboche. A lógica diz isto; mas a Providência, que usa mais da metafísica que da lógica, provávelmente fará outra coisa. Se, por virtude da metempsicose, eu reaparecer na sociedade do século XXI, talvez me regozige de ver outra vez as lágrimas em moda nos braços da retórica...» (Prefácio da 5.ª ed. do *Amor de Perdição*).

O grande escritor não podia suportar os abusos, os excessos do naturalismo. Entre o doentio da pintura nua e crua das realidades tristes, vergonhosas da vida e o doentio da representação das virtudes exageradas em seres de excepção, êle propendeu para o segundo, embora cresse, nos seus momentos de severa ponderação que nem um nem outro estão dentro da verdadade que à arte cumpre reproduzir. Camilo estava, acima de tudo, na lógica dos seus sentimentos, do seu temperamento, e todavia é inegável quanto a sua reacção tem de racional, sobretudo num país como o nosso, onde a corrente dos espíritos, num desvairamento, filho das defi-

ciências da obra da educação e da corrução das classes, vai de preferência para o escândalo. Para o artista, a visão poética da realidade, longe de atraiçoar a verdade, alarga a sua vitalidade e a sua humanização. A «poesia da dor» atraía Camilo, na representação da verdade, mais que quaisquer outras espécies de poesia. Como verdadeiro português, e um representativo, esta sua tão característica modalidade de espírito coaduna-se perfeitamente com a essência dominante do sentimente nacional.

Define assim o Dr. José de Figueiredo a concepção dos Calvários, na escola de pintura portuguesa do século XV: «Os Calvários dos nossos pintores primitivos afastam-se dos Calvários dos pintores espanhois de igual época e, ainda, dos Calvários dos pintores alemães, flamengos e italianos do mesmo período. Não têm a dureza de côres e linhas dos Calvários dos pintores dos dois primeiros países, diferindo também, em muito, a sua movimentação da dos Calvários flamengos, nos quais, em redor da scena dramática que constitue o centro, e a dois passos da angústia profunda da Virgem, os personagens secundários são dados, geralmente, com um realismo tão individual e

forte, que faz, dessas figuras, outras tantas irmãs gémeas das que alguns anos mais tarde hão de ir animar as *Kermesses* dos pintores dêste último país. Os calvários italianos, êsses, são muito compostos, com as figuras tôdas agrupadas cuidadosamente, na preocupação de um efeito de conjunto, mas, sobretudo, estético e pictórico. Os pintores portugueses visam essencialmente à emoção: e, propondo-se também a plasticizar, com os italianos, o conjunto, dão-nos, entretanto, sempre mais o seu sentimento em frente da tragédia dêsse dia memorável, do que propriamente efeitos e sugestões artísticas. E todos os personagens, realizados com um naturalismo sadio, em que não há violências, vivem quase exclusivamente do drama em que intervêm. Não se poderia, por isso, arrancar a êste uma só dessas figuras, sem que a sua desaparição deixasse de causar prejuízo, não ao arranjo geral do quadro, como sucederia a uma táboa romana ou veneziana, mas ao seu mesmo poder expressivo, — poder que é tanto maior e mais pungente, quanto tôda essa sinfonia dolorosa é dada sempre em surdina, desde a tonalidade e a atitude discreta dos personagens, até ao ennevoado,

geralmente mais ou menos monótono, do céo». (1)

Do Ecce-Homo», painel do comêço do século XV, existente e exposto no Museu Nacional de Arte Antiga, diz o mesmo notável crítico de arte: «O efeito da sua visão é estupendamente pungente, e é-o como em nenhum dos Cristos de tôdas as escolas de arte, ainda os mais dramáticos... O artista fez com pouquíssimo êsse quadro... Bastou-lhe apenas uma figura esquelética de homem e uma espécie de manto de linhagem... Tôda a grandeza dêsse painel vem... dêsse mistério em que trágicamente se afunda essa cabeça, cujos olhos invisíveis ganham, por isso mesmo, para nós, uma mais poderosa expressão, na atmosfera de pesadelo em que a evocamos, atmosfera de que chega apenas cá fóra ,rés-vés com a fímbria do singelo panejamento, um negro e terrível reflexo». (2) E em nota: «O carácter *português* dêsse painel manifesta-se sobretudo na ausência absoluta de contorcionamentos, na sua calma, isto é, no que êle revela de doce e contemplativo da parte do artista que o realizou.

(1) *O Pintor Nuno Gonçalves.*
(2) *Ibidem.*

E é isto ainda o que faz avultar mais o efeito de mistério que se destaca dessa máscara, meio mergulhada em treva...»

Era essa doçura portuguesa, fundamentalmente emotiva, que levava Camilo a espalhar «flores sôbre as chagas do vício asqueroso», a deter-se admirativamente, com entranhado amor, ante as sublimadas qualidades dos bons que idealizava, a compungir-se com as dores dos infelizes, a fazer rebrilhar no mundo da sua fantasia, através dos virtuosos e dos desgraçados, a moral do Evangelho que êle amava com a sua religião puramente cerebral. E, ao mesmo passo, como português de raça, não perdia de vista o seu fito: a humanidade, a vida; entenda-se, a humanidade e a vida dêste mundo; numa palavra, «verdade e mais verdade», como, já em 1856, proclamava, no Prefácio de *Um Homem de Brios*. Nos seus momentos mais felizes, principalmente quando a idealização amorosa sexual o não transviava, moderava a imaginação, para alcançar a verdade. «Desejo outrosim não criar visões de virtude exagerada, porque dou tanto pela imoralidade de Vautrin, como pela resignação de Angélica, como pela paixão suicida da Dama das Camélias. Na natureza não há disto; e eu penso que a

realidade é de si tão fértil que não precisa de empréstimo à imaginação.» (Pref. de *Um Homem de Brios*). O seu romance mais concentradamente sentimental, o *Amor de Perdição*, quis o autor constituí-lo, apesar de só ter conseguido apurar uma escassa base de realidade, por «factos e não teses.» Porêm, no meio dos seus mais decididos propósitos de estudar e de exibir a verdade, só a verdade, constantemente lhe terá acudido ao espírito esta dúvida: «A verdade! se ela é feia, para que oferecê-la em paineis ao público? A verdade do coração humano! Se o coração humano tem filamentos de ferro que o prendem ao barro donde saiu, ou pesam nele e o submergem no charco da culpa primitiva, para que é emergi-lo, retratá-lo e pô-lo à venda?!» (*Amor de Perdição*). A delicadeza da sensibilidade afastava-o de quanto é feio e repugnante na humanidade, na vida dêste mundo.

As qualidades de Camilo remontam, as principais, aos primeiros tempos da sua produção; os defeitos acompanham-no, mais ou menos, mas sempre, até a sua derradeira obra.

A sua concepção da natureza, do mundo, dos homens foi sempre, na essência, a mes-

ma. O mesmo fatalismo dirige todos os actos, condiciona tôda a vida das suas figuras. (1) Podem comparar-se, sob êste aspecto, dois romances, entre os quais mediaram vinte anos de laboriosa actividade: *A Filha do Arcediago* e *A Filha do Regicida*. No primeiro, em que já ocorre muito de realístico, há uma scena, em que uma figura, Ana do Carmo, rica, vem, com uma maldade cínica, na mira de experimentar o coração de sua filha Rosa Guilhermina, pedir-lhe uma esmola, e, por fim, tendo reconhecido que esta

(1) «A sociedade, a família e o homem — escreveu Camilo, nas *Scenas Comtemporâneas* — explicam incessantemente a culpa do homem, da família e da sociedade. Opera-se uma contínua redenção do género humano. O homem é, desde o seu princípio, a vítima da culpa com o lábio colocado no cálix da agonia. A vida sôbre a terra é uma interminável expiação. E' forçoso recorrer ao inconcebível, ao sôbre-natural, ao misticismo da providência oculta para compreender o que vulgarmente se diz «fatalidade.»

O romancista reconhecia-se com o dom de perscrutar a dor, de penetrar na desgraça e, por isso, arvorou em sua especialidade a «poesia do sofrimento», e não havia assunto a que mais entregasse a alma tôda, ao criar. «Eu acho as harmonias desgraçadas de tôdas as cousas» — disse, nas *Duas Horas de Leitura*.

sentia apenas uma natural compaixão, recusa-lhe o dinheiro e dá uma elevada quantia à criada da casa, com a intenção de demonstrar que não era desprovida de recursos, como parecia. No segundo daqueles romances, a mãe da protagonista, Maria Isabel, procurando Angela na capela da casa de seu genro, encontra, abandonada de todos, o mais seguro asilo no coração da filha.

Ana do Carmo não amava a filha que deixara entrar na roda dos engeitados e sempre vira com olhos de indiferença e até, por vezes, de aversão. Na referida scena, diz-lho abertamente: «Conheço muito bem que não tenho direito nenhum a pedir-lhe o amor que se deve a uma mãe... Eu quase que a não reconheci minha filha. Dei-a ao mundo e o mundo, assim como a fez feliz, podia fazê-la muito mais desgraçada que eu sou. Neste momento, em que venho aqui expiar as minhas culpas, confessando-lhe que fui tão desnaturada mãe, olhe que lhe não tenho amor, nem me ofendo com o seu desprêzo. Por fôrça assim devia ser... Se não fôsse assim, eu não acreditava na justiça de Deus!...»

Assim, pois, é a justiça de Deus que opera, e ninguêm tem mais nem melhor que fazer, senão conformar-se. O próprio escritor o afir-

ma directamente, falando de Ana do Carmo: «Sobejavam-lhe razões para recear o desprêzo da filha. A dura experiência dissera-lhe que o castigo sôbre a terra é infalível.»

Se a mãe ruim encontra a justa punição divina no pleno indiferentismo da filha, a boa mãe tem direito, sob a alçada da mesma justiça, a esperar o amor daquela a que deu o ser. Maria Isabel, que amara sempre Angela, apesar dos seus desvarios enormes, criminosos, poude contar com a dedicação da filha, quando o coração a impeliu para ela. Camilo pinta dêste modo as impressões de Maria Isabel, ao calor dos afagos de Angela: «Entretanto, Maria Isabel, ao entrar na sacristia, e abraçada outra vez pela filha, perdera a côr e cerrara as pálpebras aljofradas de lágrimas, a tempo que um sorriso de inefável doçura lhe aformoseava os lábios, como se o hálito de Deus compadecido lhe entrasse por êles a reviçar-lhe as alegrias do coração. Perdera o alento, mas a expressão de felicidade santa da mulher abandonada, sem algum esteio na vida, a ventura inesperada da mãe que encontrou o perdão e o amor de sua filha, essas delícias, que lhe apagaram por instantes a

luz da vista, o coração as dizia no sorriso de Maria Isabel.»

Deus compadecia-se da mãe, em Maria Isabel; era uma «felicidade santa» a sua.

Esta concepção da moral cifra-se na máxima: «Faze o bem, não olhes a quem.» Só fazendo o bem é possível lograr a felicidade.

Da prática do mal advêm fatalmente desditas irremediáveis. A ninguêm é dado infringir as leis Divinas e humanas. A virtude é o meio mais seguro e infalível de vencer; o vício o caminho mais directo para a ruína e perda. A Providência nunca é cega aos males dos virtuosos, e é implacável em ferir os felizes perversos. No prémio aos bons, na punição dos maus, o romancista compraz-se em assinalar o dedo de Deus.

O mundo de idéas e de sentimentos em que se confinam as faculdades criadoras é a razão dos seus poderes e das suas fraquezas; e o que a crítica classifica de incapacidade de observação ou de expressão pinturesca pode bem ser, em muitos casos, o efeito do sistema de pensar e de sentir, dos pontos de vista mentais e dos preconceitos morais, que orientam a criação artística, condicionam tôda a acção literária. Sendo as mais das vezes um romancista do amor,

Camilo, apesar do ardente interêsse que lhe despertavam os amorosos, para cuja criação contribuía com todo o ardor do seu temperamento, nem por isso particularmente se esforçava por penetrar nessas almas, nessa psicologia especial que não terá tido segredos para êle (1).

«As concepções — escreveu no *Amor de Perdição* — teem sido o ludíbrio dos mais assisados pensadores, tanto no especulativo como no experimental. Não era muito que Tadeu de Albuquerque (pai de Teresa) fôsse enganado em cousas de amor e coração de mulher, cujas variantes são tantas e tão caprichosas, que eu não sei se alguma máxima pode ser-nos guia, a não ser esta: «Em cada mulher, quatro mulheres incompreensíveis, pensando alternadamente como se hão de desmentir umas às outras.» Isto é o mais seguro; mas não é infalível. Aí está Teresa que parece ser única em si. Dir-se-há que as três da conta, que diz a sentença,

(1) Camilo perfilhou a sentença de Stendhal, que após à testa do capítulo XIX do seu romance *Vingança:* «... Un homme ne peut presque rien de sensé sur ce qui se passe au fond du cœur d'une femme tendre».

não podem coexistir com a quarta, aos quinze anos? Também o penso assim, posto que a fixidez, a constância daquele amor, funda-se em causa independente do coração: é porque Teresa não vai à cidade, não tem um altar em cada noite na sala, não provou o incenso doutros galãs, nem teve ainda uma hora de comparar a imagem amada, deslu-zida pela ausência, com a imagem amante, amor nos olhos que a fitam, e amor nas palavras que a convencem de que há um coração para cada homem, uma só mocidade para cada mulher. Quem me diz a mim que a Teresa teria em si as quatro mulheres da máxima, se o vapor de quatro incensórios lhe estonteasse o espírito? Não é fácil, nem preciso decidir. E vamos ao conto.»

Não tem menor valor documental êste outro passo do mesmo romance: «O coração de Teresa estava mentindo. Vão lá pedir sinceridade ao coração! Para finos entendedores, o diálogo do anterior capítulo (com o primo Baltasar Coutinho) definiu a filha de Tadeu de Albuquerque. (1) É mu-

(1) Era o processo predilecto de Camilo: definir as almas das figuras, fazendo-as falar, em situações escolhidas. E valha a verdade que êsse pro-

lher varonil, tem fôrça de carácter, orgulho fortalecido pelo amor, despêgo das vulgares apreensões, se são apreensões a renúncia que uma filha fez do seu alvedrio às imprevidentes e caprichosas vontades de seu pai. Diz boa gente que não, e eu abundo sempre no voto da gente boa. Não será aleive atribuir-lhe uma pouca de astúcia ou hipocrisia, se quisessem; perspicácia seria mais correcto dizer. Teresa adivinha que a lealdade tropeça a cada passo na estrada real da vida, e que os melhores fins se atingem por atalhos, onde não cabem a franqueza e a sinceridade. Êstes ardis são raros na idade inexperta de Teresa; mas a mulher do romance qùase nunca é trivial, e esta, de que rezam os meus apontamentos, era distintíssima. A mim me basta, para crer em sua distinção, a celebridade que ela veio a ganhar à conta da desgraça.»

O scepticismo de Camilo, cómo artista, acusa-se nesta sentença: «...eu não creio

---

cesso foi cultivado por êle com sempre crescente perícia e correspondia a um talento próprio, característico do artista. Nas falas das figuras, como na composição dos quadros episódicos, o notável romancista manifestou-se, desde cedo, realista superior, por vezes inexcedível.

que as novelas, desde Lúcio de Patras até Emílio Zola, tenham feito bem nem mal ao género humano...» *(Bohémia do Espírito)*. (1) Êste scepticismo poderia ter servido admirávelmente o artista; mas o romancista tinha outra convicção, mais preponderante ainda: a de que a novela e o romance fazem mal. O que disto resultou, como não podia deixar de ser, foram as forçadas diligências do escritor para, desde que viu o risco, o evitar, custasse o que custasse. As flores que espalhava por sôbre as feridas, o cautério que aplicava às chagas derivavam não apenas de uma preocupação de beleza, mas dêsse receio de ir contaminar, com as purulências que expusesse, organismos saüdáveis. Assim, a indiferença, a impassibilidade, o impersonalismo do artista realista não podiam existir, ainda que o temperamento o permitisse.

Aos espectáculos repugnantes dos vícios e das ruins paixões Camilo passou a opor o antídoto que o coração e a razão lhe dita-

(1) Já em 1865, no Prefácio de *O Esqueleto:* «Emquanto à influência do romance nos costumes, estou mais que muito desconfiado de que o romance não morigera, nem desmoraliza.»

vam, chamando para êles o odioso, para que não sugestionassem as almas propensas a deixar-se cativar, ou extremamente débeis. Comprazendo-se especialmente em sensibilizar os corações femininos, com a sua poética, mas verdadeira convicção de que o que há de mais puro e ideal na alma portuguesa se refugiou e se conserva, como num sacrário, nas nossas mulheres, o romancista, se assim lograva cada vez mais afinar a delicadeza de espírito da sua criação, compenetrando-se das particulares responsabilidades que assumia, expôs-se muito a atraiçoar a realidade, e tê-lo-ia feito, se não o animasse constantemente o fito de que se pudesse dizer das suas obras: «*a vida é isto*» (Prefácio de *Um Homem de Brios*), se não procurasse, a todo o transe, impedir, como aspiração suprema, que tivessem o direito de o acusar de corroborar a sentença: «*quem tem a cabeça cheia de romances não vive neste mundo*». Esta orientação superior fez que o artista realista viesse a fugir tanto às «exalações do vício e da corrução» como aos «fantasmas duma perfeição ideal.» Sem êste ponto de vista dominante, o artista não teria encontrado em si a fôrça, os estímulos necessários para criar, à falta de con-

vicções sôbre a função social possível da obra d'arte, e ter-se-ia deixado invadir, sob a influência do scepticismo, do pessimismo, pela desconfiança sôbre o alcance, senão sôbre a natureza, das próprias capacidades, o que o teria precipitado irremediàvelmente na esterilidade.

Foi o amor da verdade, a aspiração de a representar com delicadeza poética, como lhe exigia a sensibilidade que cada vez mais subordinou aos interesses da arte, o que salvou Camilo do puro romanticismo, em que o artista se teria cedo esgotado. O ideal de realizar verdade original animou-o a prosseguir na senda de escritor e a aperfeiçoar os seus processos, disciplinando-se quanto poude, quanto lho permitia a independência e insubmissão do engenho que julgou poder bastar-se a si mesmo, tão provido se sentia de faculdades criadoras.

É indispensável, para se fazer justiça inteira, que se considere a esta luz a vasta e complexa produção camiliana. Os que veem em Camilo principalmente um romântico atraiçoam os propósitos do escritor, tantas vezes manifestados, e são incapazes, como se tem reconhecido nas suas críticas negativas, de fazer avultar, na medida justa que se reque-

re, as poderosas qualidades realísticas, exibidas não apenas no final da carreira do artista, por influência da escola realística, tal qual a representou Zola ou Eça de Queiroz, mas através de tôda a sua obra, passado o período inicial, dos ensaios no género. Tendo-se em conta quanto a cultura da arte pela arte é essencialmente estiolante, esterilizadora, e não se perdendo de idéa o facto de Camilo, apesar das tantas vezes tormentosas circunstâncias da vida e das crises mórbidas cada vez mais insistentes e acentuadas, haver trabalhado sempre, como artista, sem desânimo, no puro amor de ideais acalentados, olhando o seu mister de criador como uma querida devoção salvadora, convir-se há em que não o terá feito apenas para satisfazer aos caprichos do coração ou da vaidade pessoal.

Se é certo que não apresenta um programa de acção prática, hesitando em crer que possa moralizar, ou receando desmoralizar, não menos certo é que, na essência de tôda a sua obra, há implícita uma unidade capital, filha da religião cerebral e dum conceito superior da dignidade humana. Camilo conhecia, sentia o que há de melindroso no arquitectar romances e no compô-los, quanto

há de perigoso, pela sugestão que se produz, na exposição de quadros de vida excepcional, dando-se em espectáculo a virtude mais sublimada, extra-terrena, ou, o que é mil vezes pior, a maldade mais requintada, diabólica, e cultivando-se a excentricidade, a estravâgancia, o exotismo, com que se promove o desvairamento das inteligências, quando não também a dissolução dos caracteres morais. «Os romances fazem mal a muita gente. Pessoas propensas a adaptarem-se aos moldes, que admiram e invejam a novela, perdem-se na contrafacção, ou dão-se em pábulo ao ridículo. Nestes últimos tempos, há muitos exemplos desta verdade, e tanto mais sensíveis, quanto a nossa sociedade é pequena para se nos esconderem, e intolerante para admiti-los, sem rir-se. Homens, sem originalidade, ou originalmente tolos, macaqueiam tudo que sai fóra da esfera comum. Crédulos até o absurdo, aceitam como reais e legítimos os partos excêntricos de cabeças excêntricas, e prometem-se dar tom a uma sociedade mesquinha, onde não aparecem o Zaffie da *Salamandra*, o Trémor de *Lélia*, o Brulart de *Atar-Gull*, o Vautrin du *Père-Goriot*, o Leicester de *Luxo e Miséria*, emfim, o homem

fatal. Êstes imitadores são perigosíssimos ou irrisórios. Não topando na vida ordinária o lugar que lhes compete, querem conquistá-lo por fôrça. E, depois, das duas uma: ou atingem o apogeu da perversidade, calcando a honra, cuspindo na face da sociedade, e caprichando em abismar-se com as vítimas; ou — o que quase sempre acontece — imaginam-se homens excepcionais, sonhando como Obermann, raivando como Hamlet, escarnecendo a virtude como Byron, amaldiçoando como Faust, e acusando sempre o mundo ignóbil que os não compreende. « (*Onde está a felicidade?*)

Quem assim pensava sabia qual o mal romântico, a sua origem, a sua natureza, os seus efeitos. E são tanto mais dignas de registo as considerações transcritas quanto é certo que, no mesmo romance em que as faz, apresenta uma figura, Guilherme do Amaral, que tem todos os estigmas românticos do homem fatal, que actua como uma fôrça, de misterioso condão, e cujo exemplo, sôbre todos os respeitos, é o mais possível dissolvente. Compreende-se. O romancista não tinha doutrina tão assente, tão fixa que obstasse a desvios mais ou menos involuntários. Não é êste o único aspecto

em que o comentário filosófico contradiz a essência da criação imaginosa do artista, que, note-se, no campo do amor, tendeu a exibir sempre os amorosos como grandes vítimas, grandes desgraçados, — e, por isso, simpáticos, estimáveis — ainda quando disponham, à semelhança de Guilherme do Amaral, da omnipotência da fascinação e, abusando dêsse dom providencial, se tornem crudelíssimos. Tratar-se há de caprichos voluntários, em comprazimento com correntes de gôsto, ou pela necessidade de sujeitar-se à exploração mercantil? E' possível e até provável. Mas não se contestará que o homem fatal, como a mulher fatal, fazem parte da concepção camiliana do amor, intrínsecamente, que são dela inseparáveis.

O homem fatal, é certo, veio a desaparecer mais depressa que a mulher fatal, e esta mesmo acabou por não resistir às exigências realísticas, cada vez mais provadamente insistentes no espírito do romancista, sem que todavia engeitasse algum dia o seu idealismo poético, posto íntimamente de acôrdo, indissolúvelmente fundido com o seu critério de verdade, da realidade humana.

Em *A Neta do Arcediago*, diz de uma figura de mulher depravada: «Liberata era o

que devia ser. Hoje é moda regenerar, em romances, estas mulheres. A imaginação, cansada de reduzir a virtude ao crime, trata de fecundar a virtude no alcouce. Em quanto a mim, as Liberatas não se regeneram. A de Luís da Cunha dançava lúbricamente a cachucha, quando lhe falavam em virtude.»

O romancista, nesta obra, não esconde o vício, em tôda a sua hediondez, de Luís da Cunha, e dá-lhe como sócia de vida a Liberata. Mas para esta, chegada à extrema degradação, meretriz na Travessa da Água de Flor, tem palavras de piedade. Quando Luís da Cunha vem encontrá-la em tal estado e combinam passar de novo a viver juntos, Camilo penetra na alma da prostituta e condoe-se dela. «Nunca ela fôra tão infeliz como nessa noite. Havia no seu sofrimento alguma cousa que disputaria à alma do cínico um momento de compaixão. Naquela degradação, não diremos que as lágrimas regeneram; mas por isso mesmo que são inúteis, como o orvalho sôbre a flor arrancada e sêca, a mulher, que as chora, é bem que nos apiedemos dela, mostrando-a como um exemplo, mas que a infeliz não veja que é mostrada com escárneo.» (*Ibid.*)

Camilo, evidentemente, não ignorava a boa doutrina. No romance *Vingança*, o autor pôs estas considerações na bôca de Macário Afonso: «Há muitos caracteres de romances na nossa terra. Nenhum país tem tão rica mina que explorar de scenas trágicas e cómicas. À superfície da nossa sociedade dos últimos vinte anos, rebenta, todos os dias, um romance. Não há família caída e família levantada que não tenha um. Os senhores, que professam as letras, é que não sabem, nem estudam na natureza os quadros acabados que ela lhes oferece... Sem observação, não há verdade; sem bases verdadeiras, a mais rica imaginação perde-se no inverosímil. Os escritores portugueses não conhecem da sua terra senão o poético céo, as saûdosas tardes do estio e as afeições amorosas que a meiguice desta natureza lhes inspira. Isto dá-o coração sem estudo; e o que convem estudar, para fielmente descrever esta sociedade, é tudo o que está fora do coração, é tudo o que pode filiar-se ao materialismo das paixões, à cobiça dos gozos corpóreos, à ambição desenfreada de sacudir os farrapos e a lama com que por aí se entra na carreira da fortuna...»

Na mesma obra diz ainda o autor, manifestando a mesma elevação de idéas, a mesma lucidez da visão crítica: «Mente o romancista que dispõe as suas figuras ao geito da sua caída ou fria imaginação... Mente o romancista que materializar a sensação ou espiritualizar a matéria, criando sentinas fétidas ou jardins olorosos: do muito poetizar cousas que o não valem, ou do muito descolorir o que por aí há com alguma poesia, é que se fazem as falsas pinturas. Uma imaginação levantada passa por cima da verdade, sem lhe tocar; a outra, a imaginação rasteira, vai, a título de mero copista, achar o mais baixo que por aí há. Por aí ha tudo, ponto é observar; mas o melhor é sentir e experimentar.»

E, justificando-se de, em tal romance, não poetizar amores, prossegue: «Eu não tenho imaginação, tenho memória do que vi, do que senti, do que experimentei. Se descarno as pinturas, se descrevo uma scena friamente, é porque os olhos, que a viram, a levaram à alma, que a imprimiu em si. Se me deixo ir nos arroubos do coração, que se ala para o imperceptível, desesperado de encorporar na palavra o que só é do foro íntimo da alma, é porque, em tal situação, na

presença de tal facto, ouvindo tal história, vendo tal mulher ou homem, senti assim, compreendi assim o que talvez outros olhos e outras almas vissem e entendessem de outro modo.»

O próprio amor da verdade, em certas circunstâncias, o levava a sair das regras consagradas, para expor o que sentia, em linguagem desartificiosa e franca, no mais completo alheamento de processos d'arte que seguramente não desconhecia. Numerosos trechos poderia aqui inserir, para o documentar. O seguinte é dos mais frisantes:

«Não me dispensam do retrato de Isaura? Violentam-me. Se eu a não tivesse visto, imaginava-a. Fácil me seria decompor uma dúzia de formosas caras que conheço, coligir a feição primorosa de cada uma, e recompor do todo uma perfeição de que o leitor não ficaria fazendo idéa, que o mesmo me acontece a mim, quando os outros pintam de fantasia. Porêm, eu vi-a, vejo-a, tenho-a de cór, quero pintá-la como ela é, e escrupulizo, se o desenho, infiel e profano, dá longes de outra imagem que não seja a dela. Nãoposso, não sei».

E, como, em lugar do descritivo físico, se-

gundo os preceitos, alguma cousa devia apresentar, para dar uma idéa da figura, tão definida e nítida quanto possível, o artista simula uma conversação com uma amiga, sôbre os encantos de Isaura, e com essa divagação ocupa cêrca de quatro páginas!

Se Camilo quis moralizar, é discutível; o que não sofre contestação é que evitou a todo o transe, como preocupação máxima, desmoralizar. Como já foi acentuado por várias vezes, repugnava-lhe mascarar o vício, não menos que colorir a virtude de tons que brigam com a verdade.

Êle conviria fácilmente em que o mal carece de ser exibido e propendia a crer que, em determinadas circunstâncias, se impõe desnudar os corpos, para deixar ver as chagas em todo o seu horror. Sôbre a forma de o fazer, o artista discordava de quase todos os realistas mais justamente reputados; era por demais poeta do sentimento para se compatibilizar com a maneira de ver e os processos do Zola de *L'Assommoir* ou *Germinal*, ou do Eça de Queiroz, de *O Crime do Padre Amaro*, *O Primo Basílio* ou *Os Maias*. O mal caricaturado, oferecido em espectáculo com aparatosos meios, artificiosos, falsos, depravados de chamar a atenção, nunca Camilo

o admitiria, pelo perigo que via nisso (1), e sobretudo porque, com propósitos de artista ou de sociólogo, outra cousa mais se não pratica, em tais condições, que atraiçoar a verdade. Se é preciso fazer propaganda contra a perversão, mostrando-a e aos seus terríveis efeitos, no indivíduo, na família, na sociedade, que se faça, mas sem refinamentos, requintes de estragado gôsto, mais corrutores, em si, que a própria perversão, tomada por objecto.

(1) «Altíssima é a missão do escritor, e a do romancista principalmente. O mestre Inácio da cartilha velha, amoldada às necessidades do século, é o romancista. Mal, hajam os sacerdotes das letras derrancadas que vendem peçonha em lindos cristais, e desfloram as almas em luxuriante florescência da sua primavera. O mau romance tem afistulado as entranhas dêste país. Não ha fibra direita no coração da mulher que bebeu a morte, e — pior que a morte — algumas dezenas de galicismos no que por aí se escreve e copia. O anjo da inocência foge de certos livros, como os editores de certos autores. A candura virginal de uma menina de quinze anos é a cousa mais equivoca dêste mundo, se a menina leu cousa em que os pedagogos do coração a ensinaram a conhecer-se antes que a experiência a doutrinasse. Para cúmulo de infortúnio, Portugal é um país onde se está lendo muito. Acontece aos estômagos famin-

Quem negará a Camilo o direito de assim pensar? É simples questão de bom senso. O romancista imaginou dois homens a expulsarem do mundo o diabo : o rude missionário, e o cavalheiro de sociedade, o mundano enluvado. Desejaria ser o primeiro, mas falta-lhe «a santa audácia» para desnudar a verdade, pondo-a «tão à fresca» quanto

---

tos, quando se lhes depara alimento bom ou mau, assimilarem-no com tamanha sofreguidão, que o encruamento do bolo e o marasmo são inevitáveis. Assim, e por igual teor, quando os Luculos e Apícios das letras expõem à voracidade pública as suas iguarias estragadas, a fome de aprender a vida nos romances locupleta-se com tamanha intemperança, que o resultado são as dispepsias espirituais, tormento de angústias vomitivas, que fazem descer o coração ao lugar do estômago, e subir o estômago ao lugar do coração. Eu tenho assistido a esta deslocação de vísceras com lágrimas nos olhos, enxutos para tudo o mais». (*Anos de Prosa*).

Nada há que dizer. Camilo, quando pensa, sabe fazê-lo e exprimi-lo exemplar, modelarmente. O pior é que, na mesma obra, sentiu, sentiu muito, e veio, da forma mais lamentável, a contradizer o seu pensar. Considere-se que é nos *Anos de Prosa* que insinuou a D. Ana, e a tôdas as que na sua situação se encontrem, o crime de adultério.

preciso, o que declara que só se pode aturar «para salvação» das almas impuras; e, por isso, opta pela atitude do segundo, conquanto não lhe pese considerá-lo, dos dois, o menos útil.

É no prefácio das *Quatros Horas Inocentes,* datado de 25 de Julho de 1871, que o romancista expõe desassombradamente estas suas convicções:

«Imagine-se um braço hercúleo, repulsando de entre a cristandade, a murro sêco, o eterno tentador, e, ao mesmo tempo, a mão nervosa e enluvada de um paralta, levando Lucifer pela lapela da casaca brandamente, com o mesmo propósito de o baldear aos gentios. Bem ou mal comparados, o missionário que, por amor às almas, desacata os foros de polidez, e o moralista que, por amor à decência, desfolha as parreiras para vestir as estátuas nuas, ambos são dois meretíssimos operários; mas o primeiro, o que desdenha folhagens e despe o vício com a liberdade de Boccacio ou Gil Vicente, e com a liberdade apostólica de que nenhum santo padre lhe deu exemplo, êste é sem questão o mais útil... O autor, do mesmo passo que reconhece sua incompetência, acha-se falido daquela santa audácia do missionário que

força ouvidos puros a filtrarem às almas palavras impuras...»

O sombrio pessimista que havia em Camilo ditava-lhe, por vezes, a brutalidade dos termos no tratar os outros, como se vê das suas polémicas famosas; ditar-lhe-ia também, em momentos de cólera, a criação do mal com as côres vivas, cruas, que êle não raro tem, e bem sabia o escritor que não sairia da verdade e lhe não faltariam leitores, ávidos de sensações fortes e impelidos por curiosidades doentias. Mas o poeta primou sempre no artista, a delicada sensibilidade, nutrida pela religião cerebral e por um conceito superior da dignidade humana, tolhia o passo às expansões pessimísticas do romancista. Como artista, por seu natural, talvez mais que por cálculo ou sistema, Camilo conservou-se sempre num campo de pureza moral e cultivou sempre os meios ou processos que lhe pareceram mais concordes com essa atitude. O pessimista, em Zola, levou-o à pintura do mal, em grandes quadros sintéticos, e é curioso ver quanto há de optimismo ingénuo, em contraste, na sua convicção de que a sua obra, em condições tais, poderia actuar profundamente na regeneração das classes e da vida so-

cial (1). Em Camilo, pelo contrário, e mais lógicamente, o pessimismo determinou o scepticismo quanto a objectivos de acção prática, e tanto poderia bastar para romper o equilíbrio das disposições do artista, se outros ideais não menos intensos e decisivos não o mantivessem no seu glorioso posto de obreiro das letras. Eis a linguagem de Valadares, um amigo do romancista, figura talvez real, representação porventura do próprio autor, nas *Scenas Contemporaneas*»:

«...das duas uma: ou doudo ou cínico. Tomar a sério a sociedade é endoudecer. Viver com ela em boa paz é escarnecê-la. Ou doudo ou cínico. Não enlouqueci: mas depravei-me. Este escárneo, que indistintamente voto a tudo, é a negação da piedade para todas as dores nobres, e a do ódio para todos os prazeres infames. Não me espanta nada. Aperto a mão do mais corruto, e a do mais virtuoso com a mesma graça. Recebo todos os desaforos como factos consumados. Não dou dez reis pela virtude dos missionários do Japão, nem daria cinco de

(1) Vejam-se as *Lettres de Jeunesse* e sobretudo o volume sub-intitulado *Les Lettres et les Arts*, da *Correspondance d'Émile Zola*

volta se êles me trocassem a sua fé pela minha ilustrada impiedade. Eu e êles somos bons, ou maus: como quiserem. Eu acho que todos somos excelentes filhos de Deus, e Deus, que nos conserva, lá sabe a razão por que o faz...»

Já em 1858, Camilo era um homem gasto, irremediàvelmente desiludido de Deus, dos homens e da vida; nos *Anos de Prosa,* fala assim de si mesmo:

«...Espectros sombrios, memórias queridas e amargas da minha alma em infância de ilusões, passai um instante luminosos na escuridade desta recâmara de sepultura, onde até a lâmpada da esperança se vai extinguindo na mão do anjo do confôrto. Vinde a mim, corações amigos, cujas lágrimas eu vi, e contei uma a uma, quando apenas tinha a intuscepção da alma, predestinada ao vosso fel, para lhes avaliar o travo. Na vossa mortalha foi o melhor da minha vida, o crer nas promessas do coração, nos levantados desejos do espírito que não caíam à terra sem se infamarem; foi convosco a fé na religião da poesia, que era a minha fé única, porque não havia crer nem sentir em mim em que não estivesse Deus, que eu convidava, sem temor sacrílego, a gozar-se das de-

lícias que eram d'Êle, criações suas, umas sujas, outras empestadas pelas mãos dos homens! Convosco foi o meu último dia de oração, a minha última acção de graças, a palavra final da profissão de fé...»

Que admira que uma alma destas descresse de que romances possam influenciar na correcção dos males do mundo, na purificação das consciências?

Disse, nas *Quatro Horas Inocentes:*

«...eu, que sinto sôbre a alma, naturalmente, o gravame de um corpo que se desarticula e desfibra, bastas vezes me tenho socorrido dos livros em apertos de amargura, e não me lembro se alguma hora acalentei as insónias terribilíssimas do espírito ou sequer descondensei a neblina lenta e sufocante que me dava aos pulmões o ambiente interior de sepulcro onde refervessem herpes nas cavidades dos crânios. Creio que não; salvo a *Imitação de Cristo*, em tempo que eu levantava para o céo os olhos com as lágrimas da fé, e não tinha ainda resvalado ao sopé da ladeira onde uns tufões malditos rojam e varrem as cruzes em que as santas mães penduravam as lâmpadas da nossa crença».

Nos seus momentos menos pessimísti-

cos, ou concebia a vida como um complexo, um misto de flores e de gangrenas, mais ou menos diferenciadas, extremadas, ou, generoso e scéptico, adoptava uma visão sincrética, não admitindo crime sem aspectos tocantes e perdoáveis, nem virtudes sem mescla de defeitos, tanto mais condenáveis, por perigosos, quanto mais dissimulados.

Confessa-o no I capítulo das *Vinte Horas de Liteira*. Fala Camilo com um amigo. Eis o trecho mais interessante do diálogo:

«— Vocês inventam virtudes impossíveis de par com perversidades incombináveis. No mesmo capítulo, oferecem-nos a mulher nua, exsudando o pus da gangrena moral, e outra mulher vestida com o manto das virgens, e rescendendo aromas das flores do Hibla. Ao lado do plebeísmo da taverna, o orientalismo das magníficas figuras da Bíblia.

— Pois se a sociedade é isso — repliquei eu. — Se a vida é êsse misto, que te repugna, como queres tu que se escreva, António Joaquim?

— A sociedade não é isto, homem! Tôda a desgraça comum tem uma razão de ser; todo o crime tem uma face comovente que exora perdão para o delito repugnante. Não

há crime absolutamente imperdoável; também não há virtude imaculada...» (1)

Camilo, ao compor romances, teve uma preocupação máxima: a representação da verdade humana, como em boa e saùdável arte realística, poética, de sensibilidade, se deve entender. Uma outra idéa, vagabunda e hesitante, mas que seria de estranhar que o não visitasse, revela às vezes: «como se há de escrever o romance fautor da sã moral», — problema em que pensaria por escrúpulo de consciência e que lhe tentaria a inteligência. No Prefácio de *O Esqueleto*, em 1865, declarou: «... admitida a ponderação que lhe alvidram os exortadores dos pais de família, não sei decidir como se há de escrever o romance fautor da sã moral. São dois os expedientes: levar os personagens viciosos ao despenhadeiro; ou criar anjos num paraíso sem serpente. Na primeira espécie, mostra-se a luta de virtude e crime; natural e concludentemente, triunfa a virtu-

(1) Compreende-se que o que Camilo declara ser o modo de ver do imaginário amigo não passa de uma idéa pessoal que ao seu espírito surge em conflito com a antecedente. O autor, afinal, está conversando consigo próprio.

de. É o costume, com sacrifício, às vezes, da verosimilhança. Na segunda forma de romancear, a virtude recebe ovações sem batalha! O romancista põe peito à reformação das obras de Deus e corrige-as. Quando os seus personagens se avizinham de algum sujo aguaçal, em que é de uso a gente comum salpicar as botas, atam-lhes azas de sarafins, e largam-lhes trela por êsse azul dos céos dentro até lhes vir a geito poisá-los em alegretes de flores. São êstes os romances que moralizam ou os outros? É a minha dúvida! Convem mostrar as repulsões do crime lá em baixo, onde a providência social lhes cavou a paragem, ou é melhor conduzir, por entre hortos ameníssimos, os nossos personagens engrinaldados, e metê-los no céo, finalmente? Um homem de bem, proprietário de um dos primeiros jornais dêste país, costuma editar os meus romances, com a prévia cláusula de não serem histórias de crimes, que toquem directa ou indirectamente com a probidade da vida conjugal, ou revelem desdouros da honra doméstica. Há poucos dias, tivemos esta prática:

— *Querem os pais de família que suas filhas ignorem a corrução que lavra nos pântanos da sociedade*, observou-me o meu amigo.

— *Os pais de família,* contestei, *não conseguem isso, em quanto não acharem o caminho da lua, onde presumo que não há costumes, nem romances. E será preciso que se mudem para lá com as filhas menores de dez anos, e não levem as mães, porque as mães, máximamente virtuosas, sempre tem que contar às filhas a história escandalosa das mães culpadas.*

— *Mas não se ganha moralização para os espíritos brandos e virginais das leitoras em dar-lhes novelas de adultérios,* redarguiu o cavalheiro.

— *Ganha, quando se lhes mostram os infortúnios acapelados em volta da mulher que se desonra, ganha, porque as filhas do pai acautelado sabem que as há, conhecem-nas, e apertam a mão das desonradas; concorrem aos salões com elas; sabem o nome e a culpa do homem que as requesta; observam-lhes uns exteriores de felicidade; e espantam-se de as verem ostensivamente satisfeitas, e, de mais a mais, acabadas com uma urbanidade que as não extrema das honestas. Então é que o romance ganha muito, levando ao conhecimento das donzelas, até certo ponto inocentes, que o desdouro, cujo horror não as apa-*

vorou nos salões, tem angústias secretas e infâmias estrondosas. Parece-me isto, meu amigo.

— *Acho-lhe razão,* obtemperou o honrado e ilustrado editor dos meus livros, *mas que quer, se os pais de família entendem que suas filhas desconhecem a existência de certos crimes? e desadoram romances que revolvam essas sentinas hediondas?*

Aqui ficou a contenda amigável. Não procurei pai de família nenhum para argumentarmos. Fiquei-me a scismar se devia queimar êste volume, que estava escrito, no intuito de mostrar o esqualor de uma chaga social, sem a mínima pretensão de lhe pôr o cautério».

Compreende-se, em frente destas declarações — confirmadas e desenvolvidas nas que a seguir transcrevo —, quantas dúvidas escrupulosas o assaltavam, ao considerar o problema moral, e como racional é, e bem fundado, o seu evitar pronunciar-se sôbre a possível influência social edificadora da arte; e vê-se que, a admiti-la, mais a julgaria proveniente da pintura do mal, *com a mão enluvada do cavalheiro de sociedade,* que com os extremos idealísticos e anti-na-

turais da representação das virtudes de exceção. (1).

Em 1858, no Discurso Proemial dos *Anos de Prosa,* escreveu:

«Há cincoenta anos que as senhoras não liam romances, por uma razão cujo descobrimento me custou longas vigílias: — não sabiam ler. Algumas, rebeldes à vontade paternal, conseguiam soletrar e escrever à tia uma carta em dia de anos, copiada do *Secretário Português,* de Cândido Lusitano. Os pais aceitavam com repugnância aquele abuso de inteligência, e castigavam a filha, forçando-a a um trabalho literário semanal: escrever em cada segunda feira o rol da roupa. Êste sistema penal tinha só a vantagem de tirar ao vício os enfeites da inteligência, reduzindo-o à essência bruta de sua nudez primitiva. Já não era pouco para exemplo e edificação das almas. O melhor

(1) Às vezes, no decurso das suas expansões, surgem confidências pelas quais julgaríamos que o autor visou a moralizar. Assim, por exemplo, no Discurso Proemial dos *Anos de Prosa:* «..., o autor, coração aberto a tôdas as quimeras, e de entranhas lavadas, tem querido enxertar no tronco carcomido da humanidade tôda a casta de virtude». E talvez fôrça de expressão; e sem dú-

moralista será aquele que despir o delito do coração das galas que lhe veste o desejo e o cobrir de farrapos repulsivos. Por êsse tempo e nos dez anos seqüêntes, os propagandistas da corrução tentaram exercitar o seu malefício, vertendo para péssima linguagem portuguesa novelas francesas, que transpuseram as fronteiras no couce da bagagem do Junot. Em 1814, a imoralidade, até êsse ano sopeada pela impertinente virtude das novelas, tais como *A Virtude Recompensada* e o *Escravo dos Paixões*, quebrou as ferropeas, e despejou do regaço dissoluto a versão de *Tom Jones*, o *Sofá*, o *Cândido* e quejandas faúlas incendiárias, que pegariam nos corações, se a manteiga e o paio das tendas não esfriassem a fôrça comburente dessa droga que acirrava os paladares antropófagos daquele

---

vida que está longe de representar uma atitude sistemática, embora se possam apresentar testemunhos confirmativos. Mais próxima da verdade está esta outra declaração, em que se reflecte um estado d'alma mais permanente: «... eu lhes assevero que êste e todos os meus romances olham a prevenir o leitor contra os infortúnios procedentes da mentira do coração». (Prólogo das *Estrêlas Funestas*).

festim de 1793. Bemdita e louvada seja a ignorância! Os romances franceses, até 1830, encontraram as almas portuguesas hermèticamente calafetadas. Até êsse ano infausto, a mulher era o anjo caseiro, a alma da despensa, a providência da piúga e, sobretudo, a fémea do homem, qual Jehovah a fizera duma costela do mesmo. O salão era trintário cerrado, onde, a espaços, uma gosmenta matrona espirrava, e a sociedade, a cabecear de sono, surgia estremunhada, dizendo: *Dominus tecum*. A menina casadoira não se erguia de ao pé da mãe. O noivo mirava-a de longe, em felina beatitude; e, no auge da sua casquilha audácia, piscava-lhe a furto o ôlho, onde reslumbrava a paixão. Não havia então dêsses homens mulherengos, que alambicam a parlenda assucarada, coando por ouvidos incautos o veneno do estilo, que é o mais corrosivo de quantos há na tóxicologia do amor. A mulher actual é qùase sempre vitima da rètórica requentada do romance, que estéril peralvilho lhe encampa como cousa de sua alma. Algumas conheço eu que resvalaram no abismo de perdição pela rampa de um advérbio eufónicamente intruso num período arredondado. Êste sortilégio da linguagem, que enfeitiça e dá

quebranto às mulheres, é apanhado no romance. O coração de certos indivíduos acha-se, muitas vezes, a páginas tantas de tal novela. Sem figurinos e romances, não haveria corpos apresentáveis, nem espíritos insinuantes. Muita gente se espanta das gloriosas aventuras de alguns sujeitos piramidalmente tolos. Eu não. Tal há que se vos afigura mazorro d'alma e, não obstante, ao lado de mulheres, dispara descargas de frases amorudas que é um pasmar. Asneira, dita em nome do coração, não há uma só que não seja laureada. Cada Petrarca lorpa tem, afinal, o seu capitólio. A mulher, por via de regra, é de seu natural tão boa, sensível e generosa que chega a recompensar a pertinácia do homem que, primeiro, a nauseou: o segrêdo dêste paradoxo está na influência contagiosa da tolice. A mulher que fez chorar o tolo, e viu rebentar lágrimas de uma cabeça de granito, cuida que fez o milagre de Moisés na rocha de Horeb. Aliciada pela serpente da vaidade, sucumbe como Eva. Que mudanças! Dantes o caixeiro principiava sempre a carta de namôro por: *Meu amado bem!* Agora já diz: *Anjo* ou *Serafim*. Era dantes a frase sacramental do exórdio: *Ver-te e amar-te foi obra de um momento.*

Agora, não é raro encontrar dêstes arrojos: *Amar e morrer é meu destino.* E, depois, o malefício do romance não está sómente no plagiato irrisório; o pior é quando as imaginações frívolas ou compassivas se entalham nos lances da vida fantasiosa da novela, e creem que a norma geral de viver é essa. Emquanto a mulher estuda sómente a frase que aplica, bem ou mal, quando a enlouquece a vaidade de parecer o que não é, bem vai. Dá-se um exemplo: A apaixonada de um amigo meu, ao recebê-lo pela primeira vez em sua casa, no patamar da escada, antes de deixar-se beijar a mão, estendeu o braço direito em majestosa atitude, deu à fronte a régia altivez de uma Fedra de águas-furtadas, e disse em tom cavo e solene: *Jurais levar-me às aras?* O meu amigo, que balbuciara um prefácio de longo estudo, soltou um frouxo de insolente riso e desceu as escadas por não poder com o espectáculo da dama corrida do insulto. Eis aqui uma que os romances de Arlincourt salvaram; quantas, porêm, perdidas por guardarem as frases ridículas para o final?... Grande mal é o identificar-se o espírito às visualidades do romance. Quando a leitora se ri das crendices da sua infância

e dos absurdos princípios que lhe apoucaram o imaginar e o voar do espírito, vêm-lhe os enfados, o escutar as mentiras do coração que se emancipa, o crer que a vida passada foi apenas um vegetar do vulgo, e que o viver da alma, assim, será como o do arbusto bravio, que dá flores sem aroma, e frutos sem sabor. Seja, outra vez, bemdita e louvada a ignorância de nossas mães, e nossas irmãs e nossas espôsas! A vida caseira, esta deliciosa monotonia, que a poucas é já saborosa no viver íntimo, requer muita estupidez, muito sono a tôda a hora, um estômago exigente e forte, muita digestão soporosa de substâncias pesadas. Esta bemaventurança há de restaurá-la a ignorância supina, não hão de ser as palavras teóricas de Michelet àcêrca do *amor* e da *mulher*. Comecem os pais de família por circunvalarem suas casas de um cordão sanitário contra a peste do romance, que não se abona com a prometida pudicícia dêste, e de outros...»

Romancista do amor, êste excerto provaria, se necessário fôsse, quão bem conheceu as insânias e os perigos da maioria dos romances do amor.

Em 1862, no prólogo das *Estrélas Funes-*

tas, resumiu a sua orientação de artista de realidade e de moralista de coração:

«Esta história é inocente. Podem lê-la as pessoas de imaginação impressionável e os moços descontentes da vida incolor e monótona que a sociedade lhes prescreve. O autor, quando era rapaz, não enganou alguêm escrevendo: aí estão uns trinta volumes a defendê-lo da calúnia, se alguêm o argùe de romancista corrutor. Agora, que está velho, dobrada obrigação lhe corre de desvanecer preconceitos que disparam em desordem da vida, e sacrificam os tesouros da paz do pobre do coração que tão mal os paga por não ter cousa boa que dar por êles. Crê o autor que há, no caminho da vida, muitas paragens alegres, se o caminheiro as sabe ver com os olhos já cansados de perseguir as fugitivas visões. Nem podia deixar de ser assim, a menos que a verdade, filha do céo, não fôsse um mal. E a verdade, para uns temporã, e serôdia para outros, a final, a todos alumia, como o sol do Senhor, que primeiro doura a colmada choça do montanhês, e depois desce os flancos da serra, doura e lustra os zimbórios dos palácios, e verte do seu zenite um raio nas cavernas onde a formiga passeia por entre as unhas do leão. Aque-

las paragens verdadeiras do caminho não são hospedagem comum. Todavia, os mais dilectos do anjo bom, que aí recebe os peregrinos, são os mais infelizes, os mais quebrantados da jornada, os que subiram até lá o desfiladeiro das ilusões, e bem mereceram a graça do anjo, rebaptizados na água de suas lágrimas. Sentado numa dessas paragens é que eu conto esta história às pessoas que as quiserem ouvir por complacência com a minha velhice...»

*

* *

Camilo foi, desde remontada época da sua produção literária, um realista, quer pelo seu modo de visão e de interpretação da humanidade e da vida, quer mesmo pelos seus processos artísticos de representar a verdade. Foi também sempre, fundamentalmente, impenitentemente, em várias modalidades da criação, um romântico. Onde quer que concebesse poesia, se lhe dava para a exalçar, e a imaginação e a sensibilidade não punham côbro a desmandos e desvios da realidade, o quadro, a scena, a própria linguagem das figuras, ordináriamente tão conforme com

a verdade, adquiriam, bastas vezes, aspectos de plena romantização.

O facto verifica-se sobretudo, quando se trata do amor-paixão que transfigura as almas, e especialmente quando a fatalidade da desgraça, em cruel e implacável expiação, persegue os indivíduos. O romancista, para fazer erguer o leitor aos ardentes extremos da sua idealização poética, lírica ou dramática, tinha de sair da realidade média e de penetrar não raro na inverosimilhança, no domínio do excepcional, que a sangue-frio engeitava. No mesmo romance, de par com o mais puro realismo, oferece-se, como um intruso, cada vez mais reservado e tímido, um romantismo que chama a atenção pelas suas exuberâncias, e em que o romancista se comprazia, por temperamento.

Êrro, porêm, e injustiça seria supor que o artista faltava então, de deliberado propósito, à sinceridade, à probibidade profissional.

É que via e sentia assim. É que o amor-paixão foi, dentro da criação de Camilo, uma cousa *sui generis*, com o seu quê de patológico, um tanto em desequilíbrio com o resto.

São os amores desgraçados, sem esperança, contrariados, perseguidos, a principal

característica romântica do autor. As almas movidas por êsses amores aparecem geralmente como resignadas, mortificando-se conscientemente, ao pêso da inexorável fatalidade, cedendo, ainda que, por vezes, numa revolta interior, surda, à pressão de um destino crudelíssimo, de que não há salvação possível. O que há de doentio nesta concepção é tão evidente que dispensa comentários. A atenuar, um pouco, em parte, a dissolvência dos efeitos morais, surge, a cada passo, o belo, na magia esplêndida dos quadros episódicos, e a nobreza moral dos intuitos que as figuras manifestam com freqüência, impelidas pelo amor ou postas ao seu serviço. Vibrando sempre, como um incorrigível, eterno apaixonado, é nesta espécie de criação que Camilo mais intervem, como comentador de almas e sucessos, fala em todos os tons, como quem conhece o coração humano, e não esquece o seu fito dominante, o de sensibilizar, chamando a atenção para as angústias íntimas, inenarráveis dos seus amorosos, ordináriamente almas de eleição que apresenta como vítimas, extremamente lamentáveis, da desgraça.

É no amor e nos amorosos de Camilo que se assinala mais a influência da sina

adversa, da má estrêla que, justificando as tempestades da vida, irresponsabiliza os indivíduos, as mais das vezes promotores delas.

O que há de terrìvelmente mórbido e até funestíssimo, em muitos casos, na concepção fatalística da vida, demonstra-o o seguinte exemplo.

Na Escola Central de Reforma de Caxias, preguntando o seu director, o P.e António de Oliveira, a uma das internadas, uma tal Margarida, por alcunha a «Chata», que havia sido prostituta, qual das duas vidas preferia, a dissoluta ou a da casa de correcção, ela, com modos contristados e confrangidos, respondeu-lhe:

— «Olhe, sr. Padre Oliveira, eu bem sei que o senhor não acredita na fôrça do *triste fado*, que nos agarra e nos prende à prostituição, porque já fez troça de mim, quando lhe disse na Correcção, logo nos primeiros tempos em que ali estive, que não valia a pèna perderem tempo comigo, porque quando de lá saísse, havia de voltar, fatalmente, *a cumprir o meu triste fado*, onde há certos momentos em que a gente chega a pensar que não pode haver *outra cousa melhor, nem vida mais feliz!*» (*Criminalidade — Educação*, pelo P.e António de Oliveira).

A convicção, a fé no *triste fado* dão a resignação, por fim, e até a voluptuosidade no sofrimento, e, nesse estado d'alma, já do domínio patológico, o indivíduo torna-se, se é, por constituição, um degenerado, e envereda por qualquer aberração moral, dificilmente curável, e está perdido para a sociedade.

Os amorosos de Camilo não são os amorosos vulgares, vivem só do amor, ao amor sacrificam tudo, por êle são capazes de tudo.

Francisco José Costa, em *Os Brilhantes do Brasileiro*, fala do seu amor, como um inspirado poeta lírico. «... Ajoelhei na igreja (logo que viu os olhos de Angela cravados nos seus), quando todos se levantavam e davam boas-festas. Ajoelhei no mais sombrio da nave... e chorei. Aqui tens a revelação que os olhos de Angela ensinavam à minha alma... Que pensas tu agora de mim? Receias que eu apareça diante de Angela com o colo erguido pela vaidade de ser amado? Ou dirás que eu principiei a acastelar ilusões por êsse céo alêm e a descer delas para o paradoxo dum casamento?... Olha, minha irmã, eu não sei se o estudo envelhece o coração, mas figura-se-me que sim. A alma, não; que essa imortal, inalterá-

vel, é inviolável à destruição do tempo. Em mim conheço o coração atrofiado, e a alma viventíssima. Como homem d'alma, adoro Angela, ilumino-a à luz que radia das minhas crenças em Deus. Como homem de coração, não a sacrificaria, nem me sacrificaria. Impulso que me arroje a querê-la ouvir dizer que me ama, não o sinto; desejo de encontrar aquela bela imagem, no silêncio do espaço, em que a tenho visto nas minhas noites de vigília, entender os murmúrios que ressoam o seu nome, vesti-la das aérias roupagens que sonhou a exaltada poesia do oriente, é isso, é isso o meu amor, o meu delirar, a minha inofensiva vertigem...»

Angélica, a desvairada mãe da virtuosíssima Ludovina, em *O que fazem mulheres*, é também um dos protótipos das amorosas de Camilo. A carta que ela dirige ao amante é digna de ser incluída na galeria, de que fazem parte as de Teresa a Simão Botelho e dêste àquela, (1) as do P.e Francisco Xa-

(1) Eis um trecho duma das derradeiras cartas de Simão a Teresa: «Não esperes nada, mártir! A luta com a desgraça é inútil, e eu não posso já lutar. Foi um atroz desengano o nosso encontro. Não temos nada neste mundo. Caminhemos ao

vier a Catarina, a amante, freira de Odivelas, etc. Um trecho dessa carta define a alma de Angélica: «Conspirassem tôdas as fôrças dêste mundo contra mim, fôsse eu chamada para dar conta da minha honra, proferiria o teu nome com orgulho, oferecendo o rosto para todos os ferretes da ignominia...»

O seguinte diálogo entre Ludovina e a mãe não é mais que um desenvolvimento confirmativo dessas palavras:

«— Não quer ser mãe nem espôsa?

— Não. Sou amante de um homem que

---

encontro da morte... Ha um segrêdo que só no sepulcro se sabe. Ver-nos-hemos?... Esquece-te de mim e adormece no seio do nada... Salva-te se podes, Teresa. Renuncia ao prestígio dum grande desgraçado!...»

Teresa responde-lhe: «Morrerei, Simão, morrerei. Perdoa tu ao meu destino... Perdi-te... Bem sabes que sorte eu queria dar-te... Se podes, vive; não te peço que morras, Simão; quero que vivas para me chorares... Estou tranquila. Vejo a aurora da paz... Adeus, até ao céo, Simão!»

E, na sua última carta, sob a mesma impressão dolorosíssima de ver perdido para sempre o grande desgraçado, a cujas inabaláveis resoluções se curva, com submissão de escrava, começa por dizer: «É já o meu espírito que te fala, Simão»,

está moribundo ou morto. Quero que todo o mundo saiba que o fui e que o sou. Desprezo tudo, não há para mim deveres, nem respeitos, agora. Se êle está vivo, quero dar-lhe os meus últimos instantes. Se morreu, quero chorar e morrer ao pé do seu cadáver.

— Fale baixo, por misericórdia, minha mãe!

— Podem todos ouvir-me, não me escondo de alguêm, agradeço as afrontas, os desprezos, as injúrias, agradeço tudo que for martirizarem-me, contanto que me matem depressa.»

---

e conclue, num arranco do coração oprimido: «... E que farás tu da vida sem a tua companheira de martírio?... Tu nunca hás de amar, não, meu espôso?»

Cumpram-se os tristes fados: eis o lema sombrio dessa filosofia fatalística, que, nos temperamentos doentios, em cérebros abrasados, próximos de um desequilíbrio das faculdades, assume proporções estranhas, através das mais caprichosas visualidades. Camilo, nos *Vulcões de Lama*, escreveu esta frase, que é uma justificação e uma condenação, ao mesmo passo: «Nos cérebros transtornados pela insânia, fulguram lampejos de tão levantado, tão poético e trágico sentimento que, se a razão dos entes normais pudesse senti-los, a vida seria uma corrente de lágrimas a desaguar num permanente inferno.»

Confessando a culpa ao marido, declara-lhe com despejo: «A adúltera sou eu!» E, num crescendo de louco cinismo: «... a amante de António de Almeida sou eu! Não me perdoes, vinga em mim a tua desonra, porque o perdão não to peço. Sabias, quando me aceitaste como tua, que eu não podia pertencer-te...»

O amor nasce repentinamente, ao trocarem-se os olhares ou ao ouvir-se a música das palavras. (1) Pelos olhares se uniram

(1) Nos amorosos de Camilo há implícito um poder de sedução natural e de efeitos infalíveis. Neste particular, são todos, ou quase todos, como a perfeitamente romântica figura de Guilherme do Amaral, do romance *Onde está a felicidade?* «Guilherme do Amaral tinha um condão. Não era obra diabólica de magia negra ou branca, nem manhas cavilosas de sedutor professo. Era a omnipotência da fascinação. Não sabem o que é isto? É um fluido, que actua independente da vontade, e faz que uma se lance cégamente nos vestígios ensanguentados de outra vítima, atrás do mesmo algoz, como as mulheres de Henrique VIII; com a relevante diferença que o monarca inglês transmitia a cadeia magnética pelos diamantes da coroa; e o homem fatídico, o rei tirano dos espíritos, exerce em um olhar profundo a sua atracção infernal. E onde se afere a intensidade do seu magnetismo é na presteza com que escraviza a mu-

para sempre os corações de Ladislau e Peregrina, a irmã do vigário João (do romance *O Bem e o Mal*). A página em que o romancista conta o nascimento dêsse amor merece ser transcrita pelo seu valor documental.

«Foi o raio do sol nascente, vertido pela fresta esguia da capela-mór, que de todo em todo aliciou Peregrina a olhar. Um raio do Senhor a alumiar-lhes o escuro do templo para verem! Donoso e sublime confidente de duas almas carecidas uma da outra! Nunca tão auspiciosos prelúdios de um amor começaram nesta vida. São dois moços: ela, virgem e formosa, e imaculada; êle, gentil, puro, e ali ajoelhado em consultações do seu destino. A que bemdita e predita hora se entreluzem as duas almas, embebidas em

---

lher cultivada até a negação de todo o idealismo, e a mulher inocente até a ignorância dos meios de furtar-se ao domínio dêsse homem. E êsses monstros existem? Sim, minhas cautas senhoras. Não lhes digo que se acautelem, porque seria inútil.»

Augusta, a vítima, a pobre costureira da rua dos Arménios, cede, porque não podia deixar de ceder, à fascinação irresistível do *homem fatal*. Em uma conversa, na primeira fase das tentativas de sedução, diz-lhe: «— Sou... uma infeliz, se o senhor quiser que eu seja...»

Deus e súbitamente encontradas no mesmo arco da igreja, em que os esposos costumam receber as bênçãos! Ladislau tinha as mãos erguidas, quando encarou no rosto de Peregrina. As mãos ficariam na postura fervorosa; mas a oração, cortada, em meio, olvidou-se-lhe. E ela, que entrepassava nos dedos as contas do seu rosário, continuou a dizer as palavras santas, mas sem ouvi-las na audição interior do espírito. Ambos, a um tempo, acordaram da fixidez da sua contemplação, e còraram. Ladislau baixou os olhos e ela ergueu-os. Um parece que pedia contas à terra duma delícia, que nunca lhe havia dado nem pressagiado; outro ia no céo como a decifrar o enigma da sensação nunca experimentada.» (1)

---

(1) Aqui, o romancista detem-se. Tem de satisfazer ao coração. Vai divagar um pouco, nessas expansões d'alma, muito suas, que, artista impenitentemente contrário sempre a preceito de técnica literária que lhe tolhessem a liberdade da imaginação, não terá trocado pelos estudos analíticos, áridos e fatigantes, dos realistas impassíveis. Num quadro, como em painel, vê — e di-no-lo em franca confidência — «o vigário de S. Julião da Serra, pendido à fronte humilde da cristã (uma penitente); dum lado, Peregrina, com o rosto ba-

Há essenciais afinidades psicológicas entre os amorosos de Camilo. Considerem-se, por exemplo, êsses dois pares de noivos, que são Casimiro e Cristina, do *O Bem e o Mal*, e João Crisostómo e Albertina, de *A Filha do Doutor Negro*. Transpostos para o romance *O Bem e o Mal*, João Crisóstomo e Albertina viveriam como Casimiro e Cristina, e nada haveria que a isso obstasse, pois que os caracteres morais caberiam, em geral, perfeitamente dentro das novas situações. Ambos, perseguidos pela adversidade, diriam, por igual, às espôsas:

«— Sêde o meu mundo. Aos teus olhos sou quem sou, minha amiga. Infamam-me lá fora; mas diz-me tu, filha, que eu sou digno de ti.»

No lar, cobra o homem alentos para resistir aos conflitos da vida social; e os corações amantes fundem-se num só, à apro-

---

nhado do escarlate da flama, que ela quer afastar de si, adivinhando que os olhos do moço a estão contemplando; do outro lado, Ladislau, involuntário, cativo, alheado de si, sem poder desfitá-la. Eis aqui as minhas quatro figuras, tôdas absorvidas em amor de Deus.» Ladislau e Peregrina, em extasis, psalmodiavam interiormente hinos de graça ao Senhor

ximação das desgraças. O que diferencia Casimiro de João Crisóstomo e impediria que fôsse transposto para a acção de *A Filha do Doutor Negro* é o amor de Deus. João Crisóstomo puniu a vilania de Caetano José Alves, matando-o, não esperando pela justiça do Altíssimo.

O romancista, que inventou um castigo da Providência, fazendo matar a filha de Baltasar, que o amor faz duas vezes assassino, e vem a regenerar-se, depois que a fatalidade lhe arrebatou aquele ente estremecido (em *O Santo da Montanha*), tornou conscientemente João Crisóstomo em sinistro instrumento do destino, porque o concebia com alma capaz disso.

Casimiro de Bettencourt viu-o Camilo por outra forma; e demonstra-o neste diálogo que lhe faz travar com a espôsa:

«— Crês em Deus?

— Se creio em Deus...

— Crês que a justiça divina me faça padecer inocentemente?...

— Mas a justiça humana... — interrompeu ela.

— Mulher de pouca fé... Se visses a serenidade do meu espírito, vias em mim a influição de Deus.»

O amor de Baltasar por D. Mécia de Sampaio, em *O Santo da Montanha* apresenta ardores ferozes, selvagens, terríveis. (1) São duas figuras dum relêvo estranho. O romance, cuja acção é repleta de interêsse, extremamente movimentada, abundante em lances dramáticos, é, pela singularidade, bem fundada e exposta, dos caracteres de Baltasar e de D. Mécia, duma originalidade frisante,

---

(1) Êste romance foi composto com vagares que fizeram dêle, a espaços, uma obra-prima. O estilista deu-se também a esmeros de linguagem. A rigorosa propriedade de termos e expressões, de ordem técnica, revela-se no seguinte diálogo:

«— Por isso as bêstas te morrem! — observou o de Alijó. — Vai amantá-lo, senão enche-se-te de atavões de ferroadas do moscardo. Não deixes estragar aquele fouveiro, que êle é de raça; mas tu traze-lo muito despapado e estreleiro, e deixa-lo desmanchar-se. Lá para ensinar potros não és grande homem!

— Pelo que vejo, — interveio Lopo — o primo D. José é grande cavaleiro, e entendedor de gineta e estardiota...

— Sei alguma cousa, e aprendi o que sei com os melhores discípulos de António Galvão, picador da casa real, quando servi em Lisboa. Exercitei-me em escaramuças de quadrilheiro, sôbre a ródea. Corri parelhas no jôgo das canas no páteo do Pombeiro, e sai-me com primor, quando tirei lan-

no meio de tantos outros romances de amor, que Camilo produziu. Também na alma dura, tenebrosa de Baltasar o amor nasce de repente, como o de Ladislau, de dulcíssimo e piedosíssimo coração.

«Baltasar, ouvidas aquelas vozes «também eu» (proferidas por D. Mécia), deu conta de um movimento estranho e muito ao fundo da alma; e logo sentiu um aquecimento

---

ças à argola. Também torneei com os melhores, e tanto de garracha como de garrochão. Nunca perdi a sela, nem errei gacho. O meu sistema... A prima já viu tourear?

— Não vi.

— Então não sabe o que é bom! Aquilo é que faz cá por dentro um homem dar de si! Ora imagine um toureiro de fígados ali como pregado na sela, com o ferro posto à cara do touro, se êle anda de largo; vem o touro e arremete; o cavalo quebra logo à mão esquerda e vem voltando sôbre o bicho, com o garrochão em postura de sorte, e o touro de cadeiras. E vai o bicho sái debaixo do ferro e o garrochão a procurá-lo no pego. Eu ataquei sempre o touro pelo jugo ou testa; pelo costado, é mau, porque fica o touro muito entrado e dispara no cavalo, não falando já na ferida, que é cousa feia e desprimorosa.»

A apresentação de D. José de Noronha, o fidalgo de Alijó, em tudo quanto diz, através dos Caps. III e IV, é dum realismo perfeito.

sanguíneo, que já parecia ter raiado fora da alma; e, depois, palpitações, como impulsadas por demasia de sangue; e, finalmente, e tudo junto, uma cousa extraordinária em si, que lhe empecia a expressão, aquele desembaraçado contar da sua vida com que êle parecia estar tão senhor de suas idéas e palavras, até o instante em que ouviu duas notas de angélica harmonia, dizendo: «também eu». Não tinha amado nunca.»

Há, nestas condições em que nasce o amor de Baltasar, o estudo do seu temperamento especial. Manifestamente, o analista psicólogo, que, a espaços, e um tanto vagamente, surge em Camilo, aproveitou a conjuntura para melhor fazer sentir a natureza dessa alma sangùinária.

Isaac Eliot, de *A Caveira da Mártir*, tem profundas afinidades com Baltazar. Uma paixão amorosa o domina todo e faz dêle um tigre, impelindo-o para o mais nefando crime. D. Leonor Caldeira é, neste romance, a D. Mécia de Sampaio, de *O Santo da Montanha*. Já casado com Antónia, a pobre mártir que lhe vem a morrer às mãos, numa cilada, Isaac Eliot dirige a Rutier estas palavras, em que se resume essa psicologia de fera: « — Dá-me Leonor, que eu dou-te

tudo... Tê-la, ou morrer, entendes? mas antes de me matar, hão de cair, a ferro e fogo, todos os obstáculos. Não sabes o que é uma paixão sem lágrimas? É uma congestão de sangue... É a fome do tigre... Estou perdido!»

Não falta o amor, nessa tragédia de ignomínias e desesperos, que é a *Caveira da Mártir*.

O P.e Francisco Xavier, Frei André Guilherme e Josse Frish são três belas figuras de amorosos, à maneira camiliana, perfeitamente caracterizados. O primeiro amou uma freira professa, mas redimiu-se de culpa, consagrando-se a Antónia, filha dessas ilícitas relações, e sofrendo em silêncio as amarguras indiziveis que lhe advinham de se não poder apresentar como seu pai, aos olhos dela e do mundo. O segundo ama Antónia em segrêdo, recalcando-o no mais íntimo da alma, e buscando na rígida unção religiosa a fôrça de que carece para perseverar em tão dolorosa atitude moral. Também é Antónia quem Josse Frish ama, com um amor ardente, mas puro, casto, pundonoroso, honrado; e é Josse quem Antónia ama, na angústia suprema de não poder pertencer-lhe em vida e santificar a união estreitíssima e indissolúvel das suas almas, sedentas de fe-

licidade. Josse tinha um coração de poeta. A Antónia, já legalmente unida a outro, confessa os seus sentimentos, duma nobilíssima isenção: «— Eu só compreendia o teu amor como compreendo as virtudes nas divinas criações que estão mais próximas de Deus. Nunca pensei em te denegrir uma só das tuas canduras de anjo. Nunca desliguei a sagração do amor da virtude social do casamento. Estás casada: — perdi-te; podes amar-me; perdida estás para mim e para sempre...»

Antónia, a desditosa, conforta-se, a seu turno, com a persuasão de que o seu fim, o termo de tão incruento padecer, não estará longe. «— Tenho momentos de suave resignação — diz ela a Frish —, quando uma voz íntima me diz que hei de morrer cedo.» «— Olha! — diz ainda, ao mesmo — quem sabe o futuro? quem sabe se Deus castigará êste mau homem (Isaac Eliot, o seu verdugo)? Eu tenho no céo quem peça por mim... Lá está minha mãe, e meu pai, e o meu desgraçado... tio, que morreu de repente, quando me julgou morta...»

Fica dito o bastante para avaliar a concepção dominante de Camilo sôbre o amor. Há nela excessos que tocam na inverosimi-

lhança, e há também, por vezes, inegàvelmente, no seu conjunto de espírito romântico, verdade fundamental, bem acessível à inteligência e sobretudo ao sentimento de meridionais.

Mas — pregunta-se — não seria capaz o romancista de conceber o amor, por outras formas, mais próprias, mais ajustadas à grosseira materialidade da natureza humana? Seria acaso insusceptível de tratar do amor banal, simplório, bonacheirão, sem rasgos, e do amor fingido, pérfido, infame, capa das mais cavilosas e vis intenções? Uma crítica superficial, simplificacionista ousaria concluí-lo, sem notar que, com grandes escritores, as afirmações absolutas, que lhes delimitam o engenho, são quase sempre erróneas, falsas, pois, a cada passo, nos deparam surprezas. É o caso. Camilo, nos três seguintes passos documentais, que transcrevo, revelou que a sua concepção do amor era mais elástica do que poderia parecer, e que, na sua visão da humanidade e do mundo, havia, em geral, profundidade e vastidão bastante, a guiar, a conformar com a realidade a imaginação do artista, propenso a arrebatamentos do sentimentalismo.

«Silvestre abraçava José Francisco Al-

varães, chamando-lhe o salvador da sua filha e da sua honra. A santa mãe de Felizarda olhava para o estudante com os olhos cheios de riso, e dizia:

— Não queira ser padre, senhor Josézinho... Olhe que o meu homem já disse que se vossa senhoria quisesse a nossa rapariga, que lha dava, e eu também.

José olhou estupefacto. Silvestre entendeu o espanto e disse-lhe:

— Não olhe para mim, que eu não sou o que caso; olhe para a minha filha, e veja o que ela diz. Felizarda, queres casar com o senhor José Francisco?

— Se o pai quiser... também eu. — E escondeu o rosto no seio da mãe com umas visagens que pareciam de entremês, mas que eram da maior naturalidade.

As irmãs de José Francisco rodearam-na e beijaram-na sôfregamente, emquanto o noivo, alumiado por aquele improviso e inesperado lampejo de felicidade, achou no coração estas frases que balbuciou, abeirando-se da morgada:

— Se a menina casasse com o outro, eu acho que morria de paixão, e mais nunca lho disse». *(A Morgada de Romariz — Novelas do Minho)*

«... passeava Monteiro, debaixo da parreira do seu quintal, pelo braço da viúva. (1) As calhandras e os pintassilgos trilavam os seus requebros às margens do rio Pele. As rãs coaxavam nas pôças, e as auras ciciavam na ramaria dos álamos. Era uma tarde de tirar amores do ôlho duma couve lombarda. Passeavam silenciosos, quando, ao longe. no pinhal do mosteiro, cantou um cuco.

— Olhe o cuquinho a cantar! — disse ela com meiguice.

— Gosta de ouvir o cuco, sr.ª D. Tecla? — preguntou o cego.

— Eu gosto de tôda a passarinhada — respondeu ela, com as denguices infantis da Lili de Gœthe.

— O cuco é pássaro de mau agoiro! — tornou êle. — Eu, com medo de tal ave, não quis casar.

Tecla riu-se descompassadamente, provando que conhecia a linguagem simbólica da ave agoureira. E o cego, nesta entreaberta de galhofa, beliscou-lhe a polpa do braço esquerdo.

---

(1) Senhora passante dos 70 anos, e de meios de fortuna.

— Ai! — exclamou ela — Isto que foi?!

— Não se ria assim das fraquezas do próximo, Joaninha! — respondeu o cego, dando ao beliscão o ar inocente de um gracejo familiar. — Eu não quis casar nunca, porque o meu coração nunca sentiu ao perto nem ao longe a mulher digna dêle. Cheguei aos cincoenta e dois anos, pode-se dizer, sem ouvir a êste coração as palpitações que estou agora ouvindo. É a primeira vez... — e estreitava-lhe o braço contra o lado esquerdo, com umas pressões trémulas — é a primeira vez que amo; porque é esta a primeira vez que encontro mulher, a espôsa digna da minha ternura. Que me responde, Tecla? não me responde, prenda adorada? — instava êle, sacudindo-lhe a mão com transporte. A viúva inclinou a face para o seio, deixou-se apertar com o indolente abandono de suas faculdades sensitivas, esteve impando como quem suspira a custo, e murmurou:

— De vagar se vai ao longe, sr. Monteiro.»

(*O Cego de Landim — Novelas do Minho*).

«— Bem to agourava eu, prima! — disse Lopo, concluídos os queixumes de Teodora. — Eu sei o que são os homens. Quando meu irmão morgado e outros santarrões me apontavam como exemplo as virtudes de

teu marido, dizia-lhe eu: «Tirem-no da aldeia para Lisboa ou Porto, deixem-no lá estar dois meses e esperem-lhe pela volta». O Calisto vivia bem com todo o mundo e contigo, Teodora, porque se apaixonou pela livralhada, e encheu a cabeça daquelas velhas arolas dos seus clássicos, e não queria saber de mais nada. E, além disso, dize-me tu, prima, que grande amor era o dêle para ti? Passavam-se dias e noites que o não vias senão enterrado na livraria. Nunca lhe vi fazer-te uma meiguice!

— Pois fazia; estás enganado, Lopo — atalhou D. Teodora, molestada no instinto da sua vaidade de espôsa.

— Parecia-te isso, prima, porque tu não viste ainda como os bons maridos acariciam as suas mulheres. Nunca te levou aos banhos do mar, precisando tu de tónicos; nunca te levou a festa nenhuma de Miranda nem de Bragança; sendo tu a mais rica herdeira dêstes arredores, deixou-te viver para aí sujamente, a cuidar em cevados e galinhas. As senhoras, que não te chegam em fidalguia aos calcanhares, vivem à lei da nobreza, visitam-se, tem os seus bailes, vão às romarias ricamente vestidas, e tu?... Chorava-me o coração, quando vim de me formar,

e te visitei, e vim dar contigo a cortar couves para fazer a comida dos patos.

— Isso é porque eu gosto.

— Muito embora gostasses; teu marido não devia consentir que o fizesses. Trabalhar é bom e necessário; mas cada qual trabalha segundo a pessoa que é. As senhoras cosem, bordam, marcam, e dão-se a outros muitos cuidados domésticos e limpos. Os serviços, que tu fazias, pertencem às criadas da cozinha. De maneira que a tua riqueza não te dava o descanso e bem estar que disfrutam as pessoas da lavoura. Esta casa parecia-me sórdida; e, apesar das grandes sabenças de teu marido, ainda não vi casados que tão estúpidamente vivessem! Aí está agora teu marido a despejar sacas de dinheiro no regaço de uma amasia, e tu aqui de vestido de chita e chinelas! Tu!... de chinelas!... Foi bom que levasses vida de negra vinte anos, para êle agora levar em Lisboa vida de príncipe». (*A Queda dum Anjo*).

Que Camilo dispôs, desde cedo, de privilegiados recursos para o género que cultivou prova-o, entre outros romances, *A Filha do Arcediago*, de 1855, em que se revelam claramente hesitações e falhas, longas e inopor-

tunas divagações, frouxo encadeamento da acção, etc., mas também primores realísticos, de uma arte que o romancista, na essência, nunca excedeu. Maria Elisa é, mais que a própria Rosa Guilhermina, protagonista do romance, a figura bem delineada, por excelência. Eis dois trechos característicos que a definem e confirmam insofismávelmente o que deixo dito, quanto aos méritos de Camilo, na sua qualidade de escritor realista:

«— Olha, Rosa, não contes a ninguêm que foste namorada dêsse *pasbobis* — dizia Elisa, passeando na cêrca com o braço botado por sôbre o ombro da sua amiga. — Eu tenho ouvido contar muita história às raparigas que vêm obrigadas para aqui. Umas são fidalgas que quiseram casar com homens ordinários, e outras são raparigas como eu com quem os fidalgos não querem casar. Tôdas elas contam à gente as conversas que tinham com os namoros e dizem cousas muito bonitas, que fazem chorar, como as novelas da Maria Peixoto que li.

— Quem é a Maria Peixoto?

— Era uma rapariga que já saiu. Queres saber o que ela fez? Eu te digo. Um tio meteu-a cá, porque ela queria casar-se com um

plebeu, sendo fidalga dos quatro costados, como diz a regente, que tem mais dois costados que as outras. A Maria Peixoto, quando entrou, faz agora um ano, chorou muito e esteve à morte. Quando se levantou da doença, estava alegre, e diziam as velhas que fôra milagre de Nossa Senhora do Rosário. Eu estava admirada de a ver tão contente, quando me ela disse que queria fugir do recolhimento, e precisava fingir-se para a não vigiarem. Um dia, entrou um carro de lenha por aquela porta, e ela andava por aqui disfarçada, e, quando pilhou a porta aberta, ó pernas p'ra que vos quero!... A tôla, se havia de procurar o namôro, foi meter-se em casa duma tia, que era tão boa como o tio, e nesse mesmo dia trouxeram-na cá outra vez.

— Coitadinha!... e depois? Trataram-na muito mal?

— Isso sim!... Se a visses, fugias-lhe. Parecia o demónio. Com a faca da cozinha na mão, correu atrás da regente, que se alapou no quarto, e gritou por socorro. Procurou tôdas as velhas, deu um pontapé no sacristão, atirou de cangalhas a Lima velha, foi à porteira e disse que lhe cravava a faca no peito, se ela não lhe abrisse a porta. A

porteira gritava coma uma perúa, emquanto a Maria Peixoto lhe tirava a chave, e abriu a porta. Não te digo nada, Rosinha! Nunca mais lhe puseram ôlho... Da segunda vez foi mais fina. Casou-se com o tal rapaz, e mandou cá buscar os baús, e muitas recomendações á regente, que ainda se benze, quando se fala em Maria Peixoto... Aquilo era levadinha! E esperta? Traduzia novelas francesas às raparigas, e leu-me uma que fazia doer a barriga com riso... era o *Cavalheiro de Faublás,* já leste?

— Eu não tenho lido nada... Em casa do tal amigo de meu pai não havia livro nenhum. O que me lá leram foram as *Horas Marianas* e a *Alma Convertida.*

— Olha que brutos!... Deixa estar que te hei de contar a história do Cavalheiro de Faublás, que é de morrer a gente com riso. A senhora regente pôs-se um dia á escuta, quando a Maria Peixoto lia uma passagem, e disse uma rapariga que ela estava a rir-se; mas, depois, entrou com as cangalhas espetadas no grande nariz, preguntando que livro era aquele. A Peixoto disse-lhe que era a vida da gloriosa Santa Maria Madalena Virgem, e a regente disse que Santa Maria Madalena não era virgem. «Então é mártir»

teimou a Peixoto — «nem mártir nem confessora» — replicou a regente, e levou-nos o livro, que, pelos modos, lhe traduz hoje o padre capelão, valha a verdade».

«As meninas subiram, praguejando a superiora, especialmente Maria Elisa, que recitou uma ladaínha a títulos em que os menos insolentes eram *camafeu, trouxa de ovos* e *santopéa*. Quando passaram ao dormitório, espreitaram pela fechadura de uma porta, e fungaram com riso.

— Deixa-me ver a mim — disse Elisa.

— Agora eu.

— Um bocadinho a mim.

— Que vês?

— É a Clemência Lima que salta por cima de uma fogueira de alecrim.

— E que diz ela?

— Não ouço: vê tu se ouves... Que diz ela?

— Dá um saltinho, e diz: *em louvor de Santo Antoninho*. Agora é a outra que salta, e diz: *em louvor de Santo Atanásio, e da senhora regente.*

— Diacho das velhas, estão doudas! — segredou Maria Elisa. — Vamos nós assustá-las?

— Como?

— Assim...

O *assim* era um empurrão na sua companheira. A porta, mal fechada, não susteve o ímpeto, e Rosa foi de encontro à velha Clemência, que dava um terceiro pulinho em louvor de Santa Quitéria, e do provedor da Santa Casa. O choque foi desastrado! Aterradas, as duas irmãs, que não podiam sustentar-se sôbre a esboroada peanha de oitenta anos cada uma, cambalearam e caíram, guinchando, de modo que a turba das raparigas alvoroçadas veio, por assim dizer, piorar a sua situação.

Entre as que vieram estava Maria Elisa, preguntando às pobres velhas quem as atormentava:

— Era o demónio! — disse Clemência.

— Em corpo e alma! — acrescentou Rita.

— Tragam água benta, e a regra do patriarca São Bento — disse a regente.

Emquanto as abluções demonífugas se faziam na cela endemoninhada, Maria Elisa contava a Rosa o primeiro capítulo do Cavalheiro de Faublás.»

A arte de representar as figuras, de lhes pôr em relêvo o feitio moral, fazendo-as falar, em situações adequadas, já o romancista a tinha. As scenas violentas, de termos

desbragados, entre gente da plebe, também já ocorrem numerosas em *A Filha do Arcediago* e constituem uma especialidade do romancista. E possuia já, por igual, desenvolvido e seguro, o dom, que veio exuburantemente a ostentar, de reproduzir os grandes lances da vida, particularmente impressivos, cheios de movimento, mais ou menos dramáticos.

Demonstra-o o seguinte quadro, da tentativa de prisão de Augusto Leite, o marido de Rosa Guilhermina, então numa hospedaria, de passagem, com a sua companheira Antónia Brites:

«Um dos meirinhos, emquanto os outros voltavam as costas, veio à rua, e disse que o homem não era para graças. O cadete apeou, e subiu com dois soldados. Foi à porta do quarto, e encontrou o atleta na sua imobilidade sinistra. Deu-lhe voz de prêso, e viu que o ladrão era surdo ou rebelde à lei.

— O melhor é botar-lhe as unhas — murmurou um soldado.

— Agarra-o, *trinta e quatro!* disse o cadete.

O *trinta e quatro* entrou no quarto, e, quando lançava mão aos copos da espada,

sentiu um corpo duro bater-lhe na testa. Descarregou ainda um golpe, e foi de bruços atrás da espada que bateu no sobrado. Estava morto.

O camarada do *trinta e quatro* correu em defesa do seu companheiro. Descarregou duas cutiladas na cabeça de Augusto; mas, à terceira, sentiu fraquear-lhe o braço e veio, recuando, cair, com uma bala no coração, aos pés do cadete.

Os outros soldados tinham subido, e atropelavam-se à entrada do quarto. Augusto Leite, coberto de sangue, defendia-se débilmente com a choupa que vencia o alcance das espadas. Os soldados, arrefecidos pelo aspecto dos dois camaradas mortos, não ousavam afrontar o aço da choupa, que algumas vezes sentiram resvalar-lhes na farda, deixando-lhes na pele um ligeiro ardor, que depois se exacerbava com a umidade do sangue. O cadete, envergonhado da cobardia dos seus, diante dum só homem, entendeu que salvava a sua honra, desfechando uma clavina no peito de Augusto Leite. Ao desfechá-la, viu interpor-se-lhe um vulto. Era Antónia Brites, que vinha pedir-lhe de joelhos que não matasse Augusto. Não chegou a pronunciar a primeira palavra. Rece-

cebeu a bala, que havia de matar o marido de Rosa, e caía, pedindo confissão... Augusto, impelido pelo instinto da vida, saltou da janela ao quinteiro com tal destreza, que as espadas não puderam tocar-lhe. O quinteiro estava deserto de homens e os cavalos soltos entretinham a fome no tojo. A comitiva correu atropeladamente a impedir a fuga. Quando chegaram ao quinteiro, meirinhos e soldados, qual dêles mais corajoso, o que viram foi um cavalo de menos, e na calçada fronteira as faíscas das ferraduras do que fugia.»

Vendo nítidamente e interpretando fielmente a tristeza, a dor, a aflição, o desespêro, sob tôdas as suas modalidades, a arte do romancista, comovido, excitado, alvoroçado, tornava-se, ao criar realidade dessa natureza, extraordinàriamente comunicativa.

Era a sensibilidade do homem que ditava a atitude do artista. Com os sofrimentos do seu coração, estudando-se, numa intuspecção que não raro o haverá torturado ainda mais, o romancista aprendeu a ver e a tratar tôda a casta de amarguras. A pintura dos sentimentos e das paixões é, na essência, subjectiva, em Camilo, mas nem por isso, dada a sua irrepreensível probidade

artística e a sua inteligência profunda da alma humana, menos verdadeira. Se, ao entrar para a Cadeia da Relação, pela segunda vez, já ia munido de largos conhecimentos práticos das misérias da vida e da forma de as versar, concluiu por formar o seu espírito, durante os longos meses de cativeiro, no convívio apaixonado e atormentadíssimo com a substância dessas duas criações, representativas, mais que tôdas, de Camilo: *Amor de Perdição* e *O Romance de um Homem Rico.*

Ao compor essas duas predilectíssimas obras, entregue todo a elas, o romancista viu dentro de si, mais do que nunca, descobriu-se, como homem e como artista, e fixou definitivamente normas pessoais de realização do belo e da verdade. A escola realística terá influenciado no sentido do desenvolvimento do descritivo de pessoas e cousas, e do apuramento da composição, dispondo a uma mais harmónica conexão de tôdas as partes e à sua mais perfeita integração no conjunto (1). No mais, o artis-

(1) A afirmação carece de restrições. É exacta, tratando-se de algumas das *Novelas do Minho*, em que há menos expansões pessoais, em divaga-

ta estava sobejamente preparado, e a sua concepção sôbre o mundo e sôbre os homens era, à parte o fatalismo, por demais fundamentada e sólida para que necessitasse de receber sugestões do naturalismo em voga, e não mudou, não perdeu o seu poético idealismo, mesmo depois de as ter porventura recebido, como fácilmente se comprovaria com as *Novelas do Minho,* por exemplo.

Dum modo geral, a aspiração suprema de Camilo foi atingir a sobriedade íntima do real, desconfiando sempre da veracidade das grandes manifestações, mais ou menos incoerentes e espectaculosas, à maneira romântica. O quadro da morte de Simão e

---

ção, e mais observação dos caracteres, situações e lugares. Mas já o não é, se se tiver em vista, não obstante as suas muitas belezas parciais e primores artísticos, *A Brasileira de Prazins*, devido à interferência do longo, desproporcionado episódio do falso D. Miguel, pretexto talvez, de que se serviu o romancista, para traçar um quadro da vida dessa época, tornando a obra em crónica social. Em *A Brasileira de Prazins,* a composição estrutural é mais imperfeita, menos equilibrada a acção, que em romances anteriores a 1870, v. g., *A Filha do Doutor Negro, O Santo da Montanha, Os Brilhantes do Brasileiro.*

suicídio de Mariana, verdadeiramente grandioso na sua magistral simplicidade, é modêlo no género, pela dor sàbiamente contida e tanto mais impressionante.

«Ao romper da manhã apagara-se a lâmpada. Mariana saiu a pedir luz, e ouvira um gemido estertoroso. Voltando às escuras, com os braços estendidos para tactear a face do agonizante, encontrou a mão convulsa, que lhe apertou uma das suas, e relaxou de subito a pressão dos dedos. Entrou o comandante com uma lâmpada e aproximou-lha da respiração, que não embaciou levemente o vidro.

— Está morto! — disse êle.

Mariana curvou-se sôbre o cadáver, e beijou-lhe a face. Era o primeiro beijo.

Ajoelhou-se depois ao pé do beliche, com as mãos erguidas, e não orava, nem chorava. Algumas horas volvidas, o comandante disse a Mariana:

— Agora, é tempo de dar sepultura ao nosso venturoso amigo... É ventura morrer, quando se vem a êste mundo com tal estrêla. Passe a senhora Mariana ali para a câmara, que vai ser levado daqui o defunto.

Mariana tirou o maço de cartas debaixo do travesseiro, e foi a uma caixa buscar os

papeis de Simão. Atou o rôlo no avental, que êle tinha daquelas lágrimas dela, choradas no dia da sua demência, e cingiu o embrulho à cintura. Foi o cadáver envolto num lençol e transportado ao convés. Mariana seguiu-o. Do porão da nau foi trazida uma pedra que um marujo lhe atou às pernas com um pedaço de cabo. O comandante contemplava a scena triste com os olhos úmidos, e os soldados, que guarneciam a nau, tão funeral respeito os impressionara, que insensívelmente se descobriram! Mariana estava, no entanto, encostada ao flanco da nau e parecia estúpidamente encarar aqueles empuxões, que o marujo dava ao cadáver, para segurar a pedra na cintura. Dois homens ergueram o morto ao alto sôbre a amurada. Deram-lhe o balanço para o arremessarem longe. E, antes que o baque do cadáver se fizesse ouvir na água, todos viram, e ninguêm já poude segurar Mariana, que se atirara ao mar. À voz do comandante, desamarraram rápidamente o bote, saltaram homens para salvar Mariana. Salvá-la! Viram-na um momento bracejar, não para resistir à morte, mas para abraçar-se ao cadáver de Simão que uma onda lhe atirou aos braços.»

Em *O Romance de um Homem Rico*, há igualmente, entre outras, duas scenas duma magnífica singeleza e da máxima tensão de vida. Considere-se êste quadro:

«Chegou Álvaro ao pátio do mosteiro. Foi Cecília a da nova, e depós ela vinham tôdas as alviçareiras, a esbofar de cansadas. Maria sentou-se de ímpeto no leito, e abraçava vertiginosamente quantas entravam ao pé da cama, onde todos vieram. Até a prelada, menos gotosa que nos outros dias, rebamboleava a perna, revel à própria sineta de matinas! A mãe de Álvaro pedia os vestidos, e todos à porfia lhe davam os fatos em duplicado para se vestir, chilreando destoadamente uma inglesia de que as próprias noviças estavam como pasmadas. Já Maria saltava do leito meio vestida, quando entrou a dona abadessa e a obrigou brandamente a recolher-se à cama, que assim o mandara o médico, e não se fazia mister ir buscar nos braços quem ali vinha ter por seu pé. A êste tempo, correu a chusma das noviças à porta da cela, como ouvissem de longe o rangido de botas nos sonoros corredores dos dormitórios. Vinha Álvaro com a madre porteira, com a madre escrivã, e com a madre que estava de semana, no encargo de

acompanhar os facultativos às celas das suas doentes.

O filho de Maria da Glória, quando viu um grupo de treze noviças, com seus véos brancos e as toucas graciosas, onde enquadravam rostos mais encarnados que seráficos, não formou idéa de todo horrorosa do cárcere de sua mãe. O interior dum mosteiro era-lhe novidade; e posto que, naquele tempo, a freqüência das grades monásticas era uso e moda das boas famílias, Álvaro nunca vira freiras, e julgava delas pelas que via macilentas e magras nos retábulos das igrejas. As noviças, como já não coubessem no quarto de Maria da Glória, agruparam-se no corredor a um lado da porta, abrindo passagem ao hóspede e às três senhoras. No limiar da cela, estava a prelada, que tomou a mão do menino, e o guiou ao pé do leito. Maria, qüase a resvalar da cama, recebeu o filho nos braços, e apertou-o contra o seio em silêncio de sôfregos beijos, e, a rápidos intervalos, o afastava de si e contemplava com olhar frenético, e trejeitos convulsivos como os da loucura.

— É o meu filho! — exclamou ela, circunvagando os olhos, mais soberbos que maviosos, pelas religiosas que choravam —

É o meu filho! e a minha riqueza! tenho vivido em tormentos de onze anos para êste instante. Deixem-me desabafar, que a felicidade sufoca-me...—E bracejava, atirando a repelões as tranças sôltas para as costas.»

Atente-se agora na scena da chegada do marido, passada à portaria do convento, e não menos concentradamente tocante que a da chegada do filho, para quem conhece as condições do desenvolvimento da acção e o entrecho em si.

«Maria da Glória não podia ver claramente os vultos que divisava fora da portaria. Qùase suspensa do frágil braço da decrépita freira, pediu a Cecília que a amparasse pelo braço. Porfiavam em sustentá-la todos, e qùase no colo a trouxeram à porta. Aí, sentiu ela que uns lábios lhe osculavam a mão com afôgo e tremor... Era Manuel Teixeira, que dobrara o joelho diante dela.

—És tu?—disse ela—e pudeste conhecer-me?

—Quando te não conheceria eu, infeliz?—respondeu êle, afogado de lágrimas e gemidos.

—Tambêm tu tens cabelos brancos!...—tornou Maria da Glória, sorrindo—Os felizes envelhecem tanto como os desgraça-

dos! Não estejas assim, Manuel... Aos pés de uma amiga não se ajoelha... Ou ela perdoou antes da posição humilhada; ou não perdôa nunca. Ergue-te.»

É também exemplar a scena em que Roberto Rodrigues e Balbina, sua mulher, (do romance *Vulcões de Lama*), se encontram, no dia seguinte àquele em que o marido se sabe desonrado pela mulher adúltera:

«Quando Roberto se levantou, ao amanhecer, encontrou a mulher à porta da alcova, acocorada como um embrulho, com a cara entre os joelhos, a tiritar de frio. Êle bem a ouvira soluçar tôda a noite. A desgraçada também não tinha pregado ôlho. Ao saír do quarto, parecia nem sequer encará-la. Balbina ergueu-se e seguiu-o sem balbuciações gementes, hirta, num aprumado silêncio de mártir voluntária. Se não levasse o rosto com os sulcos da velhice precoce cheios de lágrimas, dir-se-ia uma sonâmbula. Entrando num recinto onde se arrumavam os instrumentos agrícolas, Roberto, muito debilitado pelas tonturas da insónia e falta de alimento, amparou-se ao cabo de uma fouce de mato. Nesta postura, fitou a mulher que parara à beira dêle, mediu-a de alto a baixo com um revés de olhos funestos, e disse

pausadamente, com uma naturalidade trágica:

— Não te mato, nâo! Quem te há de matar é o remorso!

E ela, consoante o seu costume, desde que o pavor dos pecados a atormentava, genuflectiu diante do marido, e respondeu com firmeza penitente que se oferece ao suplício:

— Perdoo-te a morte, Roberto. Mata-me.

... O marido voltou-lhe as costas, largou a fouce, como a sentisse a queimar-lhe os dedos com uma tentação sangùinária, voltou à alcova, e atirou-se, afogado por soluços, para cima do leito. E Balbina lá foi sentar-se no limiar da porta, a chorar, arripiada de frio, muito encolhida.»

O seguinte quadro da morte do P.e Francisco Xavier, de *A Caveira da Mártir*, oferece igualmente um valor documental:

«O padre debruçara-se na janela contígua ao fogão, quando os sinos festejaram o casamento celebrado. Estava enxugando as lágrimas, e espancando da idéa os agouros do padre Rafael Bluteau. Figurou-se-lhe ouvir um vozear como de pranto. Chamou o escudeiro:

— Que ouves tu?

— Ouço chorar, meu amo.

— Vai ver o que é... corre... Os sinos já não repicam... Espera que eu vou... ajuda-me a descer a escada.

A escada, que descia da sala de espera ao pátio, era precipitosa. Antes de sair, assomaram no portão as criadas da casa, correndo e bradando:

— Vem morta! vem morta!

— Quem? — exclamou o padre.

— A menina! — responderam elas, dando gritos estridentes.

— A minha filha morta! Oh! meu Deus! — bradou êle.

Francisco Xavier correu, quanto lhe permitia o aleijão, para o mainel que formava um varandino no topo da íngreme escada. Entreviu então a cadeira cercada de gente a entrar no pátio. Já então devia ver por entre as névoas da morte o corrimão de ferro a que debalde quis fincar-se. A perna artificial não se dobrou, quando o tronco se acurvava em busca de amparo. Caíu, rolando de degráo em degráo, e bateu com a fronte em um dos pilares de ferro que rematavam o corrimão. E expirou fulminante, não da queda que de leve o feriu; mas da ruptura da aneurisma. Foi o espectáculo da filha

aparentemente morta que o afogou na onda de sangue represado.»

E' admirável, como estudo de paixões, em conflito tremendo de consciência, no mesmo indivíduo, o seguinte episódio capital de *O Regicida :*

«Assim, pois, que os atabales estrondearam no topo da Fancaria, Domingos Leite pegou da clavina e foi ajoelhar rente com a seteira baixa. O dia era ardentíssimo ; e êle, sentindo as mãos geladas, friccionava úma na outra, receando que o dedo do gatilho fizesse tremer a escopeta e desviar o tiro. Era o frio do terror...» Vem agora a descrição minuciosa do cortejo, de todos os elementos que figuravam na procissão. Aproxima-se, emfim, o pálio, sob o qual caminhava o monarca. «Neste ponto, Domingos Leite encostou a face à parede para descobrir de esconso o pálio. Avistou-lhe as franjas de ouro do sôbre-céo, através da nebrina dos perfumes ; e, por entre as varas, e por sôbre a espádua do arcebispo-eleito, viu a fronte de D. João IV. Êle temia e tremia de quebranto da sua alma, chegado aquele indeclinável trance ; mas a presença altiva do tirano que lhe tirava o pão, a pátria e a filha, engolfando-lhe tudo na devassidão da

espôsa, sarjou-lhe o coração, repuxou-lhe o sangue em jactos ardentes ao cérebro, queimou-o em sêdes de fera, deu-lhe as facinorosas deleitações do scelerado. Estava já o pálio a dez passos de distância da casa.»

Aqui sobrevem a narrativa do caso que o impediu de atirar de frente: um agrupamento de senhoras, na frente do rei, para levantarem do chão um pano de seda que caíra da mão ao príncipe D. Teodósio. Então, sóbe ao sobrado de cima e, ao pôr os olhos na casa fronteira, antes de os descer sôbre a procissão, vê, além de Maria Isabel, a filha. O autor, em duas pinceladas de génio, regista a visão e os seus efeitos. «E, cravando nela os olhos, e arquejando em angústia que o lacerava com delícia, e ouvindo o coração que chamava por Angela, sentiu-se cair, largar a arma, dobrar os joelhos, ajoelhar, ajoelhar de mãos postas, cobrir-se de lágrimas, e ouvir como dos lábios de um estranho: «Salva-me, ó filha, salva-me!»

Eis um outro quadro de angústia extrema, em que as palavras são gritos do coração.

«Por noite alta, (Maria Isabel) saiu da sua alcova, e passou à da filha. Angela dormia serena como estátua de jaspe, nas almofadas alvíssimas de um sepulcro. Maria Isabel to-

mou a lamparina do oratório, colocou-a de modo que a flama tremeluzia no rosto da menina, e contemplou-a largo espaço, quanto a turvação das lágrimas lhe permitia. Quis embargar os soluços com a colcha da cama; porêm, a aflição rompera em trémulos gemidos. Angela acordou espavorida, e sentou-se na cama, estendendo os braços à mãe, para se assegurar de que não sonhava.

—Sou eu, sou eu, filha—murmurou Maria Isabel—, não tenhas medo...

—Eu cuidei que sonhava... A mãe que tem?

—Deita-te, deita-te, Angela, que eu vou-me embora...

E, de repente, curva-se para a filha, comprime-a com ânsia ao peito arquejante, e diz-lhe em convulso arrancar de voz:

—Perdoas-me? perdoas-me, filha da minha alma?

—Ó minha mãe!...—exclamou a menina, passando-lhe as mãos pelas faces com muita meiguice.

—Perdoas-me, sim? Lembra-te sempre que me viste estas lágrimas... olha para mim... Não te esqueças... E, quando te disserem que me desprezes, dize tu que me viste chorar muito, na última noite em que vim di-

zer-te adeus... Não te esqueças, não, Angela, minha pobre filha?!

E, saindo pressurosamente, disse à criada que fôsse para a beira da menina, até que ela adormecesse.» (*A Filha do Regicida*) (1).

Finalmente, mais um exemplo, não de tristeza ou dor, aflição ou desespêro, mas de alegria, dessa alegria que enlouquece ou mata fulminante. E' a scena do encontro de Francisco da Costa, recemchegado do Brasil, com Angela, em casa do primeiro, assistindo Joana, sua irmã:

«... a esmaecida senhora caminhava a tardos passos para casa. Costa ofereceu-lhe a mão, e disse com voz maguada:

— E' a primeira vez...

E carregaram-se-lhe de lágrimas os olhos.

Depois, abraçou-se em Joana, apoiando-lhe a face no ombro.

---

(1) E' notável o aparecimento de crianças nos romances de Camilo. A sua apresentação é geralmente discreta e hábil. Dentro dum conceito realístico, o romancista nem sempre as faz anjos de simplicidade, de ingenuidade. Nos *Doze Casamentos Felizes* (10.º Casamento), há um pequeno, Júlio, filho do brigadeiro Jácome Pimentel, que sustenta com o seu professor um colóquio, em plena aula, demonstrativo de uma maldade precoce.

Francisco permaneceu silencioso, abafado, num modo de existir, que seria o prelúdio da demência, se durasse muito, ou a congestão se não desafogasse no pranto involuntário.

— Dá-lhe o braço, Francisco... — disse Joana — Êle parece que não acredita vê-la aqui, minha filha...» (*Os Brilhantes do Brasileiro*). (1)

---

(1) Há neste romance muito do melhor realismo de Camilo. E' já bastante cuidado o estudo dos caracteres de algumas das figuras. Para fazer ver e sentir a natureza das impressões de Angela, ao ler os *Sonhos* do namorado, o romancista teve a boa idéa de indicar as condições da sua educação, as leituras a que se entregava. A filiação de Angela em D. Maria d'Antas, para explicar o seu feitio moral, enérgico e impulsivo, é de verdadeiro realismo. Realistico é, por vezes, o falar de Angela, sobretudo quando da sua chegada, imprevistamente, a casa de Joana e de José Maria. Realística é tôda a construção dessa figura curiosa, a Rita de Barrosas, irmã de Hermenegildo Fialho. E note-se que Camilo classificou êle próprio de «singulares utopias» os devaneios de Francisco da Costa aos dezoito anos, e também os seus rasgos de dignidade e isenção, quando, aos trinta e três anos, já casado, recomendava a Angela que fizesse ver a seu pai, o general Noronha, o senhor do Paço de Gondar, que se pode ser feliz «sem brasão no

A expressão da cólera, da indignação, e dos seus efeitos, às vezes trágicos, é, por igual, modelar em Camilo.

São dignos de registo os rompantes de Hermenegildo Fialho (em *Os Brilhantes do Brasileiro),* ao julgar-se espoliado pela espôsa. Quando a criada Vitorina se lhe apresentou, acompanhada por um municipal e um cabo de polícia, Fialho, suspeitando só dela ainda, clamou:

«— É ela mesma! cá está a ladra! Com que então roubaste a pulseira da tua ama?!... Diz lá. Não respondes?»

E, como ela não respondesse, continuou, bradando sempre:

«— Que dizes tu, Vitorina? Onde tens tu o dinheiro dos meus brilhantes? Diz onde está o dinheiro que eu não te meto na cadeia... Declaras ou não? Olhem a ladra que não tuge nem muge! já viram? Olha que te rebento, mulher! Falas? Roubaste os brilhantes?... E esta? nem palavra! Jus-

---

portal, nem ouro nas arcas.» O bom senso do romancista não o deixava desviar-se de todo do justo conceito da verdade, da perfeita noção da realidade.

tiça com ela! Enxovia até declarar onde está o dinheiro!...»

Mais tarde, em frente da mulher, obstinando-se ela em não dizer com quem gastara o dinheiro, simplesmente afirmando: «Não foi em cousas que me desonrem, nem a ti...» —, o brasileiro insiste:

«— Então em que foi?»

Angela responde que não pode. Fialho vocifera:

«— Não podes? Raios!... pois não podes? então quem é que pode?»

E, como ela continuasse a dizer que não podia:

«— Arrebente! Tu não me negues, mulher! Olha que eu já te não vejo, nem enxergo! Com quem gastaste um conto e seiscentos e...»

No mesmo romance, uma outra figura, Beatriz, a tia de Angela, temperamento sangüíneo, arrebatado, revela-se também, do modo mais completo, pelas palavras que profere, num momento de irritação. O monólogo é extenso, mas precioso para aquilatar dos recursos realísticos de Camilo. Beatriz dirige-se à sobrinha, ao sabê-la enamorada de Francisco da Costa.

«— Então tu... viste-o, olhaste para êle,

e mais nada... ficaste apaixonada!... Com efeito! Eu ainda não me informei bem na cara dêsse sarrafaçal; mas, pela idéa que tenho, êle tem uma figura muito reles! Tu não sabias que êle é irmão da Joana, e cunhado do Zé tendeiro? e que o pai dêle era sacristão da Senhora da Agonia, e que a mãe trabalhava com os bilros? Sabias isto?»

E, depois, ao ser sabedora do conteúdo da carta do estudante a Angela:

«— Esta carta?... Não creio que êle saiba dizer estas coisas... Não pode ser... Alguêm lhe faz as cartas... Nada... O Francisco da Joana, com aquela cara de bruto que tem, não ideava assim umas idéas tão discretas. Aqui anda sancadilha armada à tua inocência, Angela. Há velhaco escondido neste negócio. Sabes o que é, tôla?... O rapaz pensa que te prende com a confissão da sua humildade. Pouco mais ou menos, aconteceu isso comigo, quando eu era da tua idade; e mais o meu pretendente era um doutor, filho do juiz de fóra de Ponte. Tambêm me veio com estas cantigas da desigualdade dos nossos nascimentos; e eu, a falar-te verdade, ia-me deixando levar, e não sei onde chegaria a minha loucura, se teu avô, de pé p'ra mão, não me escolhe marido

conveniente. Casei; e, daí a quinze dias, já nem me lembrava o outro; só quando o vi, passados anos, muito gordo e nédio, é que me lembrei do palavriado dêle. Dizia o velhacório que o seu último dia seria aquele em que me visse ligada a outro coração, e, ainda na véspera de me casar, me fez verter grossas bagadas sôbre o papel em que me escrevia que o sangue lhe saía em borbotões pela bôca. Depois, quando o vi muito barrigudo, casado com outra barriguda do feitio e da casta dêle, pegou-me uma vontade de rir, que ainda agora não posso ter mão, que me não doam as ilhargas!... Pois contente-se, menina, que estás passando pelo que eu passei; mas êste cá me quer parecer mais manhoso que o outro. Tem mais lábia. Vem cá com estas coisas dos artigos da fé, que rezava o pai... Pudera não! Ou êle não fôsse sacristão!... Aposto eu que o filho não sabe o *Padre Nosso!* Se o pai era feliz na sua baixa posição, porque não vai êle para o lugar do pai? Eu já disse ao Zé tendeiro que se deixasse de o mandar estudar no Porto; que o metesse num ofício. E êle quem lhe deu dinheiro para seguir os estudos de cirurgião, ou médico, ou lá de que é? O cunhado quanto tem quanto

me deve. Emprestei-lhe um conto de réis a juro há três anos, e paga-me em arroz e bacalhau. Nem daqui a vinte anos me tem pago. Ora não há! se eu via minha sobrinha casada com um lapuz, que ainda há anos andava por aí a jogar a pedida no caes! Onde foi êle aprender êste palavriado!... Nada... isto é de algum finório que esperava ganhar alguma coisa se caísse o raio na minha família. Não há de caír! Não há de caír, emquanto eu fôr viva! Teu pai não te quer casar? Eu te casarei! Escolhe. Tens cinco pretendentes. Um da casa de Paço-vedro; outro da Passagem; outro de Aborim; outro de Aguião; outro de Azevedo, outro de... quem é o outro?...»

Em *Maria Moisés* (das *Novelas do Minho*), há uma scena assombrosa entre mãe e filha que revela exuberantemente o mesmo extraordinário poder de representação dos temperamentos frenéticos. dos grandes arrebatamentos de indignação.

«Maria galgou as escadas e foi topar a filha sentada na cama a desgrenhar os seus loiros e bastos cabelos com uns meneios largos de braços e um atirar de tranças para trás que parecia uma alegre amante a pentear-se para ver passar o noivo amantíssimo.

— Ora ainda bem! — exclamou a risonha velhota.— Foi o meu padre Santo António que trouxe cá a santa da mulher! Vais-te prantar a pé, rapariga? Há cinco semanas, fá-las àmanhã, que não sais dêsse ninho! Queres tu comer? Vou-te buscar uma tigela de caldo, uma posta de presunto e um pichel de vinho. Bebe-lhe, cachopa, e mal hajam as invejosas que te fizeram a mandinga. Hão de roê-la! Sabes quem foi?

— Quem foi o que, senhora mãe?

— Quem te fez o feitiço? ninguêm foi senão a Bernarda do Manoel Pé que te veio aqui pedir um dia, lembras-te? o teu jaqué amarelo com botões azues. Foi para te fazer o feitiço no jaqué.

— Agora foi, coitada da pobre rapariga que é tão boa! — contradisse Josefa.

— Então quem foi! — interpelou a mãe com azedume — quem foi?

— Eu sei lá, senhora mãe! quem foi o que?

— A mulher que aqui esteve contigo não te disse que era feitiçaria o teu mal?

Josefa, caíndo em si, respondeu balbuciante:

— Ah! sim, isso disse ela, mas...

— Mas quê? Não foi outra senão aquela

tísica que não quer que haja outra mais bonita na freguesia. Pões-te a pé ou não?

Josefa, com o pente na mão direita descaída e inerte, e a cabeça encostada à mão esquerda, sentia-se como cansada, esvaída de alento, e esmorecida como se o súbito incêndio de felicidade fôsse um lampejo de estopas que se inflamam e nem faúlhas deixam. É que ela nesse momento sentira uma dor física, desconhecida, não forte, mas acompanhada de um calafrio. A mãe, vendo-a mudar de côr, atribuiu o desmaio a fraqueza, e correu a trazer-lhe uma forte malga de caldo, fumegando por entre uma floresta de couves, recheadas de feijões vermelhos. Quando entrou no quarto, viu a filha fóra da cama, vestindo as saias com agitação febril, e chamando Jesus, com os dentes cerrados.

— Que tens tu, mulher?— exclamou a mãe.

— Estou muito aflita, aflita! Jesus, valei-me! — dizia Josefa entre gemidos, sentando-se, erguendo-se e fazendo até uns gestos diante da mãe, como se quisesse ajoelhar-se-lhe, com as mãos erguidas.

— Que tens, mulher! — bradava a mãe, seguindo-a espavorida naqueles tregeitos frenéticos. — Doi-te alguma cousa?

— Tenho uma dor muito grande... muito grande...

E, como levasse as mãos aos quadris no ímpeto da dor aguda, a mãe quedou-se como estupefacta a olhar para ela. Neste instante, fez-se-lhe luz na alma a um clarão infernal. Aqueles gritos e contorsões recordaram-lhe que havia sido mãe: viu, como nunca vira, os sinais exteriores do crime nem sonhado; os modos suplicantes da filha confessavam o crime.

Fez-se uma desfiguração improvisa e medonha nas feições de Maria da Lage, quando, crescendo para a filha, com as mãos fincadas nas fontes, bramiu:

— Tu que tens? tu que fizeste, amaldiçoada?

Josefa ajoelhou-se, com as mãos no rosto lavado em lágrimas, e murmurou:

— Deixe-me chorar, minha mãe, que eu à noite vou-me embora.

— Vais-te embora, malvada? Então p'ra onde vais tu? Morta te veja eu antes de à noite! P'ra onde queres tu ir? Quem foi que te botou a perder? Respondes, mulher perdida? Olha que se me gritas de modo que alguêm oiça, dou-te com o ôlho de uma enxada na cabeça! Pois tu, pois tu!... Ai!

que eu endoideço! ai que eu endoideço!...

E, com as mãos na cabeça, partiu a fugir escada abaixo, e foi sumir-se no palheiro, dando gritos com a cabeça metida no feno para os abafar.»

Josefa é levada ao suicídio pela desesperação, pela vergonha de não poder ocultar a sua falta, e por não encontrar nos pais a tolerância, o perdão. Mas, com as suas almas rudes, amavam-na das entranhas. Êste quadro de dor extrema, lancinante, em que o narrador prestigioso, que foi Camilo, se ostenta com todo o seu consumado engenho, prova-o à evidência.

«... Nesta conjuntura, voltaram-se todos para um dos campos por onde vinha correndo a mãe da morta, chamando a filha a grandes brados. Os archotes erguidos ao alto alargaram a penumbra e condensaram mais a treva por onde o vulto da mulher vinha crescendo com as mãos na cabeça. A Brites aconchegava-se do vigário a fim de, no caso de intervenção diabólica, se encostar à coluna da igreja. Luís meditava nas revelações do lavrador, e João esperava quieto, silencioso e estúpido a chegada da mulher. Ela saltou do campo à barroca por cima do tapume de espinheiros e silvas, foi

direita à filha, deitou-se sôbre ela a beijá-la, a sacudi-la, a chamá-la com gritos de louca, e ali perdeu os sentidos entre os braços brutais do marido que se esforçavam por desprendê-la da morta».

Camilo percorreu tôda a escala dos sentimentos humanos, através de mil situações da vida familiar e social. O psicólogo, se se não deteve de ordinário em análises minuciosas, mais ou menos teóricas, do coração humano, — «as delongas psicológicas malsinam-se de enfadonhas», disse, em *A Filha do Regicida* —, nem por isso menos se ocupou de o pintar, fazendo falar as figuras, em conjunturas diversíssimas, escolhidas para o efeito, com o seu senso de humanidade e intuição artística das impressões a produzir. É admirável de verdade e de vida, na sua exemplar sobriedade, a seguinte scena de *A Queda de um Anjo*:

«Entrou Teodora, esbofada de dar ordens, de cortar o presunto, de ir à cesta dos ovos, de andar à pilha de mais gorda galinha. Correu a abraçar-se outra vez nele, com mais possante entusiasmo, emquanto o marido com um braço a cingia ao peito, e com outro escondia o retrato.

— Meu Calistinho — suspirava a espôsa

palpitante —, meu amado marido, não tornes mais para Lisboa, eu não te deixo saír mais de tua casa!...

— Que remédio senão ir, Teodora!... — disse êle.— Sou obrigado por esta desgraçada posição de deputado a assistir mais algum tempo na capital.

— Não é isso, não é isso! — clamou ela, saíndo-lhe dos braços, que a largaram fácilmente. — Bem sei o que é...

— Sabes o quê! — interrompeu com violentada placidez o marido. — Sabes as calúnias que te veio contar o Braz, o vilão que se vingou como canalha por lhe eu não arranjar o hábito de Cristo. É o que faltava! Pendurar a imagem da cruz num peito cheio de tanta porcaria!... Então que te disse êle?...

— Que tinhas lá outra... e que te viu a passear com ela.

— Viu-me a passear com uma nossa parenta, viúva de um general. Quem disse ao javardo que esta senhora era minha amante? Hei de preguntar-lhe diante de ti. Manda-o chamar à minha presença.

— Agora marido! que o leve a breca! — disse Teodora, com alegre aspecto. — Como tu vieste, foi o que eu quis; agora, pilhei-te

cá, e não te deixo ir embora. Mas tu hás-de cortar estas barbas, sim? e não estejas a fumar isso, que me faz embrulhar o estômago, não?

O tom e gesto caricioso, com que ela dizia isto, não moveu medianamente o espôso. Soprava de zangado e aborrecido dos lânguidos amorinhos com que a meiga senhora se lhe quebrava langorosamente nos braços.

— Eu preciso escrever umas cartas que ainda hoje hão de ir para Miranda—disse êle, afastando brandamente a espôsa. — Vai-te embora e logo conversaremos.

Teodora estava num daqueles elevados gráus de amoroso sentimento, em que a mulher menos esperta conhece que é desamada. Repelida daquele modo, ainda as lágrimas lhe vidraram os olhos; mas o despeito secou-as.

— Não me podes ver à tua beira! — disse ela com altiveza. — Vê-se mesmo na tua cara que me aborreces! Ainda agora chegaste, e já estas a falar na ida para Lisboa. Escusavas então de cá vir. Mal haja a hora em que saíste de casa. Já não tenho marido!...

Neste ponto, não poude represar as lágrimas. Acocorou-se no chão a chorar.

Calisto saltou da cadeira num empuxão de raiva, e passou à sala imediata, gesticulando com frenéticos sacões de braços.

— Que diabo vim eu aqui fazer? — dizia entre si o desesperado» (1).

As falas dos voluntariosos, dos arrebatados, ásperos, rudes, grosseiros, nas suas expansões, sejam homens, como o Zeferino, pedreiro, e o Cerveira Lobo, tenente-coronel de dragões, de *A Brasileira de Pra-*

(1) A figura de Calisto Eloy de Silos e Benevides de Barbuda é das mais complexas da obra camiliana. No modo de a tratar, o romancista revelou afinidades com o génio de Cervantes e o fino e profundo talento de Daudet, criador do imortal Tartarin de Tarascon. Calisto havia de caír e fazer mal, como fez. Não foi a mulher fatal, foi a dissolvente experiência da vida que arruinou o edifício moral mal construído, nesse homem anteriormente simples, de sentimentos toscos, informes, incultos, quase inconscientes. Pobre homem vulgar, frágil como um vime, apesar dos seus espectaculosos e ridículos rasgos parlamentares, a sua sisudez, a sua austeridade viveram emquanto duraram as bolorentas ideas colhidas nos crónicões, histórias eclesiásticas, biografias de varões preclaros, corografias, legislação antiga, forais, Memórias da Academia Rial da História Portuguesa, catálogos de reis, numismática, genealogias, anais, poemas de cunho velho, etc.

zins (1), ou mulheres, mesmo de distinção, como Angela, de *Os Brilhantes do Brasileiro*,

(1) O falar dos militares é, neste romance, um aspecto de capital importância, como documentação de realismo. Quando da invasão, pela fôrça, da casa do abade de Calvos, onde se hospedara o falso D. Miguel, o que dizem um sargento, «um farçola, o *Pílula* do 8», e um dos soldados, o 24, na presença do abade, é duma realidade flagrantíssima, e prova que o romancista conhecia, por experiência, êsses caracteres, de modalidades especiais, brutalmente espontâneos. Um quadro soberbo do mesmo romance, verdadeira scena da vida militar do país, por ocasião das lutas entre liberais e miguelistas, é a perseguição, por um contingente de liberais, do Gaspar das Lamelas e do seu bando, e a fuga daquele através do rio Ave.

No Discurso Proemial (com data de 21 de Novembro de 1884) da obra *Maria da Fonte*, escrita a propósito dos *Apontamentos para a História da Revolução do Minho, em 1846*, do P.e Casimiro José Vieira, Camilo disse qual o seu estado de espírito dominante, ao compor *A Brasileira de Prazins* (e especialmente o longo e cuidadoso episódio do falso D. Miguel). Embora nada tivesse aproveitado para o romance, havia lido o manuscrito dos *Apontamentos* do P.e Casimiro, sôbre aquele convulsionado período da nossa história, e enchera-se de «sensações deleitosas». «Os factos daquela época atraíam-me pela magia da saúda-

(na scena em que se dirige aos amigos de Hermenegildo Fialho, que vinham instar com ela para que entrasse num convento, com a ameaça, em caso contrário, de perder todos

---

de. Havia um ressurgimento de mortos, o grupo dos meus amigos a reaparecer, como visualidades adoradas de Goethe, com a vida palpitante de há trinta e oito anos. Tudo me lembra, como se, após um dormir de Epiménides, acordasse hoje em 1846.»

Na *Maria da Fonte*, narra Camilo um caso, colhido, de certo, nos *Apontamentos* do P.e Casimiro, e que bem poderá ter sugerido a idéa da scena da perseguição do Gaspar das Lamelas. «Um oficial militar caíra ferido. O Pereira, camarada do padre, despojou-o da barretina, encaixou-a na própria cabeça, e assim avançou triunfalmente através de Guimarães, caminho da sua terra; mas, como a nevrose da glória lhe multiplicasse a fôrça motriz das pernas, ia muito adiante dos seus camaradas. Ao atravessar a ponte de Bouças, o povo armado, vendo scintilar as lâminas metálicas e o oleado da barretina, cuidou que o homem era um tropa a fugir ao padre; e, nesta persuasão, tamanho fogo lhe fez que o infausto Pereira, afim de tornar-se refractário às balas, atirou-se ao rio e aí se deixou estar de cócoras, qual outro Mário no charco de Minturnes, até se desfazer o equívoco.»

O romancista alistou-se na guerrilha do general escocês Reinaldo Mac-Donell, que, tendo de-

os direitos de espôsa), erguem *vivas* diante de nós as figuras. O romancista, com o seu temperamento nervoso, impulsivo, estava então no seu elemento (1). Se é feliz no re-

---

sembarcado no Porto, a 6 de Agosto de 1846, se pusera à testa do movimento miguelista, guerrilha que deu entrada em Amarante, em Dezembro de 1846, perseguida pelas tropas do Barão do Casal. De Amarante regressou Camilo a Vila-Rial, no estado-maior de Mac-Donell, de quem foi ajudante de ordens. Em Janeiro de 1847, a guerrilha entrou em Vila-Rial, donde Mac-Donell se retirou oito dias depois, acossado pelas forças da raínha, em direcção de Vila Pouca de Aguiar, sendo acompanhado por Camilo até alturas de Vilarinho da Samardã. O general escocês, depois de cercado por um piquete da cavalaria do Visconde de Vinhaes, foi, com Ferreira Rangel, morto à espadeirada na Tapada do Ervedeiro, entre Vila Pouca de Aguiar, e as Pedras Salgadas. (Veja-se *Maria da Fonte*, 3.ª parte, e *Camilo Guerrilheiro*, do livro *Camilo de Perfil*, do Sr. António Cabral).

(1) Contou Ramalho Ortigão, no seu *Estudo Crítico*, que precede o *Amor de Perdição*, que Camilo, no seu tempo de boémia no Porto, partiu um braço a um cantor do teatro de S. João, um tal Gorin, que quisera bater num amigo do romancista, José Barbosa e Silva. Contou também que por ocasião de ser Camilo agredido na Rua de Santo António, o romancista, já por terra e com uma larga fenda na cabeça, desfechou um tiro ao

tratar das figuras concentradas, retraídas, hipócritas, mais o é nas enérgicas, nas que não refreiam os impulsos naturais, porque não podem, não sabem, nem querem fazê-lo. Mas nem sempre os voluntariosos, em Camilo, são impetuosos, arrebatados. Alguns, dos mais representativos, teem a calma, fria serenidade dos que, essencialmente fortes, tomam as grandes decisões irrevogáveis. A humanidade de Camilo é mais larga e profunda do que se tem dito. Hajam-se em vista as duas figuras, Teresa de Albuquerque e João da Cruz, dêsse romance em que há muito de realismo, de par com muito romantismo: *Amor de Perdição*. Num diálogo com Baltasar Coutinho, o primo, fidalgo de Castro-Daire, que a pretende convencer de que Simão não passa de um dissoluto, e num outro com o pai, já no convento, em que se recusa a acompanhá-lo e zomba das leis, se define Teresa. O ferrador João da Cruz, êsse, não há palavra que profira, nas diver-

---

peito do agressor. (Vejam-se os caps. *Os Duelos de Camilo* e *Camilo Polemista*, do livro *Camilo de Perfil*, do Sr. António Cabral, e os intitulados *Camilo Brigão* e *Pendências de Camilo*, do livro *Camilo Desconhecido*, do mesmo autor).

sas situações, que o não pinte, que nos não revele a sua alma, misto de virtudes, mais ou menos inconscientes, ou incultas, mas sólidas, inquebrantáveis, (1) e de facinorosos instintos. A scena do assassínio dos criados de Baltasar Coutinho, entre outras, demonstra tambêm a existência de dotes, já então superiormente apurados, e levados a um alto gráu, no romancista. O modo como João da Cruz explica o seu acto sinistro a

(1) Protegendo Simão, por gratidão a seu pai, tê-lo-ia também movido o interêsse? Talvez. Quando Mariana louva o pai por ter inventado a mentira, que levou Simão a acreditar ser sua mãe quem lhe mandara dinheiro, fruto, afinal, da venda dos bezerros daquela, João da Cruz exclama, dirigindo-se-lhe:

«— ... Anda lá, que ficaste sem os bezerros; mas lá virá tempo em que êle te dê bois a tróco de bezerros».

E, como Mariana atalhasse, ressentida, dizendo que tal não fizera por interêsse:

«— Olha o milagre! isso sei eu; mas, como diz lá o ditado: quem semeia colhe».

Já montada a filha na égua, para ir levar uma carta de Simão a Teresa, João da Cruz, no meio da estrada, profere alto estas palavras, sendo ouvido por Simão e porventura com êsse intuito:

«— Vales tu mais, rapariga, que quantas fidalgas tem Vizeu. Pela mais pintada não dava eu a

Simão faz avultar o bom-senso brutalíssimo dêsse homem. Em contraste, a delicadeza, a sensibilidade recolhida de Mariana não requeriam menor tacto no romancista. De facto, Camilo, ao compor o *Amor de Perdição,* já se revela tão hábil em interpretar e pintar os sentimentos distintos como os baixos, os quadros severos como os cómicos (atente-se no da vida íntima do convento de Vizeu).

Cabe agora a vez aos quadros de prisão, assalto, agressão, assassínio e tumultos, que

---

minha égua; e, se cá viesse o Miramolim de Marrocos pedir-me a filha, os diabos me levem se eu lha dava! Isto é que são mulheres e o mais é uma história!»

Mas, mais tarde, estando Simão já no cárcere, ouvindo-lhe João da Cruz dizer: « — Pudesse eu ser o marido de sua filha!» —, replica-lhe, «com os vidrados das primeiras lágrimas que Simão lhe vira»:

« — Qual marido!... Eu nunca me lembrei disso, nem ela!... Eu sei que sou um ferrador, e ela que pode ser uma criada, e mais nada, senhor Simão: mas sabe que mais? eu desejo que os meus amigos sejam desgraçados como havia de ser o senhor, se casasse com a pobre rapariga! Não falemos nisto, que eu por milagre choro: mas, quando pego a chorar sou um chafariz...»

são, como os anteriores, verdadeiros *documentos humanos vivos*. Se eu me não preocupasse, na apresentação dos passos documentais das obras de Camilo, com o escolher, de preferência, os menos divulgados e os mais representativos, se a todos quisesse dar acolhimento, por igual, êste meu estudo seria extenso demais, desproporcionado nas suas linhas, e porventura a prolixidade, que disso resultava, comprometeria a inteligência das conclusões fundamentais. A dificuldade está na escolha que fazer, entre tantos e tantos primores de engenho e arte. Para exemplificar os quadros mais violentos e sangùinários, ocorrem-me, a um tempo, scenas numerosas, de alta valia: a do assalto à casa de Casimiro de Bettencourt, em Coímbra, e da intervenção de Guilherme de Lira (em *O Bem e o Mal)*; a do café em que D. Alexandre é espalmado por Casimiro, e a da ponte em que D. Alexandre é ainda mais duramente castigado pelo mesmo (*Ibidem)*; as das mortes de D. José e de D. Mécia (em *O Santo da Montanha)*; a do assassínio de Caetano José Alves, por João Crisóstomo (em *A Filha do Doutor Negro)*, etc.

Limitar-me hei a apresentar três exemplos de insofismável mérito, dos romances

O Senhor do Paço de Ninães, *A Filha do Regicida* e *A Caveira da Mártir*, respectivamente: a morte de João Esteves, pelo negro Vasco; a de Roque da Cunha, por António Leite, na cavalariça do palácio do primeiro, em Lisboa; e a de Frei André Guilherme e Antónia, por Isaac Eliot.

«... João Esteves, espumejava de ira, e o negro estava sereno, encostado à esquadria da porta.

Lograram os lavradores retirar o fidalgo, desconfiados de que o preto era homem para lhe malhar um tiro, suspeita bem assentada nos precedentes de Vasco. O marido de Leonor Correia, apartando-se dos lavradores, desandou pelo mesmo caminho e entrou às hortas de Ninães. O escravo, distraído no trabalho de cavar, deu tento de João Esteves ao saltar por sôbre um baixo tapume de buxos, com um punhal na mão convulsa.

— Vem mal avisado, sr. fidalgo! — disse o preto — Olhe que está no sítio onde morre, se não muda de rumo!

Cresceu sôbre êle o raivoso agressor. Vasco assentou-lhe de leve a pá da enxada no peito, como para suspender-lhe o ímpeto do ferro, e disse-lhe:

— Fidalgo, não se atrigue, que eu não o

mato, porque não quero! Vá-se embora com Deus. As hortas não são de vossa mercê... Isto é dos herdeiros de meu amo, o sr. Rúi Gomes. Vossa mercê não é herdeiro dêle, que eu saiba...

Insistia o furioso nos arremessos com o ferro, e o preto seguia-lhe com a sua segura defesa os movimentos. De repente, Vasco deixou cair a enxada, e de um pulo o apanhou e levou debaixo, arrancando-lhe o punhal da mão.

Desfigurou-se. Era o tigre de Africa, piorado pelo que aí há para maior horror na fera humana assanhada. Deleitava-o infernalmente aquela prêsa que lhe escabujava debaixo dos joelhos de ferro. O sangue regolfava-lhe nas cavernas dos olhos esbugalhados. Cevava-se-lhe, a vê-lo espernear, a sua fome daquela vida que trouxera duas mortes à casa de seus amos. Via tudo, o negro, naqueles instantes. Via o seu amo a rir no berço e a chorar no cativeiro. Via sua madrinha a vender as árvores de seus avós e a chorar abraçada às que seu filho plantara. Via tudo como o veria um molosso: com as fauces na garganta do homem que lhe houvesse matado o amo. E parecia demorar-lhe a vida para sentir bem no joelho o des-

fazer-se do coração. Não tinha ainda ferido, queria feri-lo. O esmagá-lo era-lhe maiores delícias, mais longo o aspirar o acre do sangue. Não queria matá-lo, sem pensar no modo de lhe espremer entre os dedos recurvos uma por uma as fibras da vida... Não queria, mas João Esteves estava estrangulado.

Vasco levantou-se, olhou à volta de si e passou o punho da véstia pela fronte.»

«Entrou (Roque da Cunha) falando às bêstas e, pegando de uma vara, castigou-as; depois, relançando acaso a vista ao quarto do criado, entreviu o homem que dias antes vira. Acercou-se da porta e bradou:

— Estavas aí, bêsta, e não apartaste êstes cavalos! (1) Que fazes aqui! Põe-te já na rua, tratante!

— Eu vou sair, sr. Roque da Cunha; — disse o cuteleiro, saindo um pouco fora do quarto — mas devo primeiro dizer-te, infame,

(1) Dois cavalos haviam-se travado a dentadas, na cocheira. Depois do assassínio, o corpo de Roque da Cunha foi encontrado «deitado sôbre o dorso e com o rosto salpicado dos escrementos que os cavalos sacudiam das ferraduras nos ímpetos das pernadas...»

que o pai de Domingos Leite Pereira não pode ser teu criado de estrebaria.

E, ao proferir as últimas palavras, fez-lhe um pulo de tigre, remessou-lhe ao ventre a faca, e com tal impulso que venceu a distância que Roque da Cunha ganhara recuando. O moribundo levou as mãos ao ventre, rugiu um grito rouco, e caiu de borco, batendo com a cara no lamaçal que os cavalos escarvavam. O vingador, suspeitando ainda que a facada não fôsse fatal, repuxou-o para o ladrilho, sacudiu-o e voltou-o com prêsas de aço, dobrou o joelho, carregou-lho sôbre o estômago; e, como o ouvisse ainda resfolgar, e lhe visse o tremor das pupilas, bradou-lhe, curvando-se-lhe sôbre o rosto:

— A estas horas, faz hoje dois meses que meu filho morreu enforcado!

Roque da Cunha ringiu os dentes espumantes, e arrancou da vida, soluçando um suspiro estertoroso.»

«Quando se avizinhava da casa indicada, viu (Fr. André Guilherme), por entre uma cortina da janela de peitoril, a cabeça de Antónia, olhando para êle e logo debruçando-se muito agitada no peitoril.

Aproximou-se da porta e tirou pela campaínha.

Antónia pensava que êle ia passando; mas, ao vê-lo parar e bater, exclamou:

— Que será?...

E correu ao seu quarto, para se vestir com menos desalinho, porque sucedera estar tão negligentemente trajada que baixara as cortinas para não ser vista da vizinhança fronteira.

Antónia do Sacramento levou-lhe recado de que estava ali o sr. fr. André Guilherme, e que lhe abrira a porta da cozinha, porque não encontrara a chave da porta principal. Trespassou-se-lhe de terror a alma; a custo se tinha em pé; saíu como estava à porta da cozinha, e exclamou:

— Que motivo o traz aqui, sr. fr. André Guilherme?

E, sem dar tino do que fazia, encaminhou-se com êle para a sala de visitas.

— Que motivo me traz aqui? pregunta a sr.ª D. Antónia! pois não me escreveu a chamar-me?

— Eu!... O Virgem! socorrei-me! Não lhe escrevi! é uma traição que lhe fizeram... Estamos perdidos!...

E caiu quase esvaída de alento sôbre uma preguiceira.

E então o frade, sentando-se ao lado dela,

com a serenidade dos legendários mártires, pegou-lhe na mão e disse-lhe:

— Se é uma traição, vou ser... ou vamos ser assassinados... Deus se compadeça de nós, e não permita que a nossa memória seja caluniada! Antónia, levantemos as nossas almas ao Altíssimo, que vê a nossa inocência, roguemos-lhe que nos deixe ainda encontrar na sua divina presença!

— Se pudesse fugir!... fuja, fr. André!... — balbuciou ela, emergindo da atrofia com desesperado ímpeto.

— Os inocentes não fogem! — disse êle — e, quando a porta da sala se abria de repelão, acrescentou: — Adeus!

Era Isaac Eliot, empunhando duas pistolas; entrou e rodou a chave da porta. No patamar, da parte de fóra, ficara Henrique Rutier.

— Apanhei-vos! — bradou o francês.

E desfechou uma pistola ao peito de fr. André, que, após uma breve tremura, caíu sôbre o dorso.

Desfechou a outra ao peito da espôsa; mas errou o tiro. Antónia fugiu, gritando, para o interior da casa. O marido arrancou do bolso uma faca de amputações e cravou-a no peito do padre, até que a lâmina do ins-

trumento, esgarçando pelos ossos, se dobrou e partiu. Depois, correu em busca de Antónia, que quisera salvar-se pela porta da cozinha, que encontrou fechada. Eliot ferrou dela pelas madeixas desprendidas, levou-a de rôjo à sala de jantar, e aí, quando ela pedia a brados e de mãos postas que a não matasse inocente, a voz ia-lhe esmorecendo, e soltou o derradeiro gemido ao vigésimo sétimo golpe de espadim.»

A pintura da alma dos vis, perversos foi, desde cedo, cuidada, e constituiu ocupação predilecta do romancista. Já no romance *Onde está a felicidade?*, a figura do bacalhoeiro João Antunes da Mata ressalta, como modelar criação realística, apesar da simplificação dos traços psicológicos. Os transes de aflição, por que passou, desde que, aterrado pela aproximação dos franceses, decidiu, através dos tumultos populares e scenas sanguinárias das ruas, (1) ir ter com o

(1) Parece que a psicologia das multidões não escapou ao génio de Camilo. Os quadros de tumultos são por êle pintados com tintas que lhes dão o aspecto da mais perfeita realidade. Em *Onde está a felicidade?*, distingue-se êsse quadro do Porto a saque com a plebe, em massa, a vingar-se dos

chanceler em cuja casa tinha o seu dinheiro, não se esquecendo também de procurar a viúva do brigadeiro João da Cunha, para salvar cem moedas que emprestara a êste, são hábilmente tratados pelo romancista, artista já consumado, por igual, na apresentação realística dos tipos plebeus, como comprova também com o modo por que aviventa a figura de Ana do Mouro. E' não menos exemplar, dentro da criação psicológica camiliana, a figura do Padre Leonardo (do romance *O Retrato de Ricardina*), cujos conflitos de consciência foram versados com acertada diligência por Camilo, um pouco no gôsto da escola realística, pelo processo do descritivo do interior da alma, sobretudo na desesperadora situação em que aquele homem brutal, ferino, se vê abandonado pela mulher e pela filha. (1)

---

poderosos, aproveitando o alvoròço da invasão dos franceses. No romance *Luta de Gigantes*, é também admirável o quadro dos tumultos populares ocorridos em Lisboa, em 1663, no dia em que constou que o exército espanhol, comandado por D. João de Austria, tendo passado as fronteiras, talado a provincia alentejana e senhoreado Évora, já se encontrava em Alcácer-do-Sal.

(1) O romance *O Retrato de Ricardina* foi pu-

Os estados assinaladamente mórbidos, patológicos, de demência e de loucura, também tentaram o romancista, chamando a atenção de quanto havia nele de analista psicólogo. O espectáculo da loucura de Jorge, seu filho, solicitando-o a uma observação torturante, horrível, desenvolveu em Camilo a intuição e a sciência dessas pavorosas crises cerebrais. Tanto sofreu com êsse atroz espectáculo que chegou a crer-se demente, louco também, ou em via disso, numa autosugestão, terrívelmente doentia. Que admira

---

blicado em 1868. Camilo estava então ainda longe da perfeição que veio a atingir em vários dos seus processos artísticos. Mas já aquele magnífico episódio do incêndio revela dotes inexcedíveis de representação de verdade. Positivamente, o romancista não teve de esperar pela escola realística portuguesa para ser mestre na arte do descritivo. Os não menos admiráveis e famosos episódios do assalto à casa de Bento de Araújo, pela quadrilha de Luís Meirinho, e condução do pedreiro ao cabeço da serra de Vermuim, da morte do lobo e dos preparativos do Melro para o assassínio do Zeferino — respectivamente da novela *A Morgada de Romariz*, (das *Novelas do Minho*) e dos romances *Eusébio Macário* e *A Brasileira de Prazins* — não levam, a meu ver, vantagem, em côr, movimento e vida, ao episódio do incêndio.

que êsses males da humanidade tanto o preocupassem? (1)

A descrição do primeiro ataque, de loucura incurável, de que Nicolau de Almeida, em *O Sangue* (2), foi acometido, é digna do mais alto aprêço:

«Avermelhara-se súbitamente o rosto. Rutilavam-lhe as pupilas errantes em volta de si. Ergueram-se erriçadas as sobrancelhas, e avincou-se-lhe a fronte em profundos sulcos. Os beiços pareciam aligados entre si, como se os rebordos labiais se unissem. Contraíram-se as maxilas uma contra outra, premindo-se de tal modo que davam um som

---

(1) O mesmo sucedeu com as ameaças de cegueira, desde 1861, que o levaram a preocupar-se com êsse mal e a criar figuras nessas circunstâncias, com minuciosa observação de pormenores do facto, nomeadamente nos romances *Os Brilhantes do Brasileiro* e *O Cego de Landim* (das *Novelas do Minho*).

(2) *O Sangue* tem já primores de realismo muito de salientar. Aquela scena familiar em que Gervásio José de Barros, a mulher, o filho, de nome Inocêncio, as irmãs, a afilhada, a Tomazinha, e até a impagável figura de Custódia Porciúncula intervêm, todos para ver se o Inocêncio se dispõe ou não a casar com a Tomazinha, é um verdadeiro achado, de realidade flagrantíssima.

aspérrimo de ranger de dentes, As veias frontais e jugulares latejavam infladas. Depois, os espasmos dos músculos da face completavam o horror da desfiguração. Ao contraír das pupilas correspondia o arfar das cartilagens nasais. Passava a vista espamódica pelo filho que lhe estendia os braços, chamando-o clamorosamente, e não o via. Já a espôsa, caída no pavimento, levantava um alto pranto, e êle não ouvia. Os servos rodeavam os seus infelizes amos, chorando e clamando, e Nicolau ajuntava àquela dissonância dos gritos o estridor ríspido dos dentes. Morrera-lhe a razão. Era a demência que os especialistas denominam a das *paixões espasmódicas*».

O melhor do romance *O que fazem mulheres* é o estudo psicológico da demência do marido de Ludovina. São particularmente de notar o seu procedimento para com o sogro, para com António de Almeida, a sua vítima, as palavras que dirige a uns e a outros, e por fim a angustiada carta de despedida a Ludovina. O remorso do crime cometido, lançando-o no desespêro, foi a causa da sua insânia cerebral. O charuto, que foi a origem dos ciúmes e conseqüentemente do assassínio, acompanha-o por tôda a parte e faz-

lhe representar à mente as circunstâncias do seu opróbrio, da sua desgraça. Camilo tratou, com minúcia, das fases da loucura. Eis analisadas algumas das suas manifestações:

«... descaía de uma conversação atilada para a história do fantasma infesto, que aparecia na casa que fôra convento. Fechado e trancado no seu quarto, o infeliz maníaco recitava monólogos estirados, em tom cavernoso. O charuto andava sempre à baila nas apóstrofes descompostas... Eram decorridas setenta e duas horas de jejum estreme, quando o barão pediu de comer a altos brados... Qualquer sombra se lhe afigurava aventesma, ou avejão, como êle a denominava... Contava êle a tôda a gente a história do charuto que já trazia meio desenrolado num canudo de papel... Se, porèm, acontecia proferir o nome da sogra, vinham-lhe convulsões, e não acabava o conto. A história, como êle a contava, fazia rir os ouvintes. Aquele charuto fôra-lhe enviado pelo diabo em troca da sua alma. O charuto infernal obedecia à sua vontade, e despejava uma bala como uma clavina, em conseqüência do que, êle, barão, matara um homem, desfechando-lhe o charuto no peito. Acabada a história, entravam as larvas a

rodeá-lo, e êle a esconder-se de cócoras atrás dos circunstantes...»

A epilepsia de Marta, a sua alienação mental intermitente estão também maravilhosamente descritas, em *A Brasileira de Prazins*. Destacam-se as sessões dos exorcismos, realizadas em dois dias, durante horas de atroz suplício para Marta. No final da segunda sessão, a infeliz, acometida por um ataque epiléptico, que a pôs hirta, como empedernida, teve de ser conduzida em braços para fora da sala.

O romancista verberou igualmente o fanatismo, no romance *Vulcões de Lama*, em scenas onde, com mão de mestre, pôs em relêvo os efeitos da estupidez supersticiosa. A scena em que a Toqueriné fala a Balbina, como se fôra a alma do filho desta, é um modêlo de arte. A figura de Joana Toqueriné, da mais cínica perversidade, manifestada ainda nos conselhos a Dorotea, para que largue a filha e aceite o José Rato, é admirável, como construção realística, em que as palavras que o artista lhe faz proferir se distinguem, como processo dominante de expressão da realidade. A pintura do mal, da podridão da alma revela-se exemplar também, na apresentação de uma outra fi-

gura plebea, a Lemenha, sobretudo na scena em que dialoga com frei Joaquim que lhe vai visitar o antro, para inquirir das condições de vida da filha de Dorotea.

Os remorsos do adultério, a paixão pelo filho único, que julgava perdido, e a mania fanática produziram a demência de Balbina Cândida. A génese e desenvolvimento do mal incurável estão representados com uma arte perfeita. Há carinho no retrato da douda, um pouco dêsse carinho de pai amantíssimo que o romancista dedicava ao desditoso Jorge.

*

* *

Cultor da língua portuguesa, como raros escritores tem havido, pôs sempre todos os recursos do seu espírito em lhe dar todo o prestígio clássico, sem deixar de a adaptar plenamente às necessidades e exigências modernas do uso e da arte (1). Com a segura

(1) Camilo poderia ter dito o que, numa Advertência das *Obras Métricas*, consignou D. Francisco Manuel de Melo: «Hũa só cousa vos lembro, que me deveis hum grande desejo de resuscitar o grave estillo de nossos passados. Não aquelle, cuja

consciência de que imprimia assim o relêvo condigno, que os seus sentimentos de patriota e de escritor reclamavam, ao idioma nacional, como factor social de primeira grandeza, nunca engeitou êsses ideais que tanto o honram, antes os pôs em prática, cada vez com mais aprimorado disvelo, ainda quando a crítica menos inteligente apodava o seu estilo de arcaico. No Prefácio da 2.ª ed. do *Amor de Perdição*, declarou ter a preocupação do «valor da linguagem sã e ageitada à expressão de idéas, que pareciam estranhas, como de feito eram, e não se nos deparam nos escritos dos Sousas, Lucenas e Bernardes». Em carta a João Caetano da Silva Campos, Camilo escreveu, em 1877, referindo-se aos «substantivos ladeados de adjectivos», então muito em moda, e mesmo depois, por amor a falsos arrebiques de estilo: «Isto que me parece mais anglicismo que francesia não é nosso e sobretudo não se amalgama bem com as

---

aspereza já para muitos foi desagradavel, como no antigo Mena condena o grande Sá; mas aquelloutro, donde, como o diamante que reluz por entre os golpes de luva, vai cintillando por entre as frazis naturaes, engraçadas e facilissimas...»

locuções severamente portuguesas (do classicismo)...» (Visconde de Vila-Moura — *Camilo Inédito*) (1).

E, aludindo ao livro de versos *Lágrimas e Flores*, de Joaquim Pinto Ribeiro Júnior, dizia, aplaudindo-o, que, «apaixonado de Francisco Manuel do Nascimento», dêle «joeira com bom discernimento as velharias e latinismos desnecessários». (A. Teles — *Camilo na Cadeia da Relação do Porto*).

Dum vocabulário copiosíssimo, colhido no estudo freqüentíssimo dos clássicos e no falar familiar e popular, principalmente das províncias de Trás-os-Montes e Beira-Alta, e aumentado com a criação de neologismos,

---

(1) «A arte de bem falar, *ars bene dicendi* — acentuou Camilo, em *A Queda de um Anjo* — é o estudo da clareza no exprimir a idéa. Os afectos, as galas da linguagem, que lhe tolhem o mostrar-se e dar-se a conhecer dos rudos, não é arte, é tramoia, não é luz, é escuridade... Sou da velha clientela de Quintiliano... Com êle entendo que por demais se enganam aqueles que alcunham de popular o estilo vicioso e corruto, qual é o saltitante, agudo, o inchado, e o pueril, que o mestre denomina *prædulce dicendi genus*, todo afectação menineira de florinhas, bordadas de pechisbeque, recamos de fitas como bandeirolas de arraial»

dentro de processos vivos e das leis da linguagem, que conhecia a fundo (1), Camilo adaptou a sua prosa vernácula, duma contextura modelar, quanto à observância das regras da sintaxe, às necessidades, cada vez mais instantes e complexas, da sua produção estética, e, certo da riqueza intrínseca dêsse instrumento de expressão, soube dêle tirar conscientemente todo o partido, tornando-o duma opulência rara, duma fluência, movimentação e maleabilidade a tôda a prova, dum poder de vibração e sugestão extraordinário, duma capacidade de representação pinturesca, verdadeiramente admirável. Verdadeiro artista da prosa, o seu estilo identificou-se completamente com as exigências do realismo, sendo certo que há um paralelismo entre a evolução progressiva do realista e a do estilista. Camilo ajustou à sua sensibilidade artística, ao seu modo especial de concepção do real o es-

(1) O filólogo Júlio Moreira elaborou um estudo sôbre a linguagem de Camilo, de que saiu apenas um fragmento no vol. II dos *Estudos da Lingua Portuguesa*. Nele oferece uma série de 184 exemplos de palavras populares e neologismos, extraídos dos romances *A Brasileira de Prazins* e *Corja*, e da *Questão da Sebenta*.

tilo, em que via o mais forte e seguro dos meios de expressão e de sugestão ao seu serviço.

E assim, se é um facto que não são poucos os realistas que melhor hajam composto o conjunto, nenhum logrou todavia narrar melhor e descrever mais perfeitamente aspectos exteriores, fazer falar figuras mais naturalmente, com mais penetrante e exacta compreensão da realidade. A linguagem, em Camilo, é o maior, o mais imponente e prestigioso recurso do artista, e de tão cedo a utilizou com maestria, adornada já dos primores mais essenciais, dentro duma inteligência e gôsto que haveriam de persistir imutáveis, fundamentalmente, sem embargo do apuramento de certas modalidades, que se torna lícito propender a julgar que nessa linguagem, produto e reflexo fiel da sua alma e do seu espírito, há necessàriamente muito de espontâneo, consubstanciado com a *vis* natural criadora. O trabalho do estilo, em Camilo, terá sempre estado muito longe do que foi o de Flaubert.

Isto, porêm, não diminue o valor da prosa camiliana que constituìrá sempre, pela sua extrema vernaculidade e singular relêvo de expressão, uma poderosa sedução, quer para

a sensibilidade, quer, não menos intensamente, para a inteligência.

A franqueza, a rectidão, a ausência absoluta de artifícios contrafeitos é um dos mais insinuantes e belos entre os aspectos morais dessa prosa que viveu da criação estética e lhe deu vida.

De par com isto, o que há de lídimo, castiço, escorreitamente nacional no português de Camilo é um factor educativo duma importância enorme. No geral, as palavras que o escritor emprega são de significação perfeitamente acessível; mas, mesmo quando menos conhecidas, teem, por via de regra, uma tão íntima e ajustada combinação com os outros elementos da frase, que basta a lógica dos sentimentos e das ideas expressas para uma apreensão cabal. A prosa de Camilo é, pelo seu desartifício, pela pureza imperturbável da sua construção, sempre alheada do pretenciosismo e mau gôsto do escritor trivial, que põe as idéas ao serviço da linguagem, em vez desta ao daquelas, uma verdadeira escola prática de bem falar e escrever o idioma pátrio (1).

(1) Não devo ocultar o facto, que é muito para lamentar e a que cumpre dar remédio, de se es-

Se o escritor desentranhava dos clássicos termos em desuso, maneiras de dizer caídas no olvido, justo é reconhecer que ao seu

---

quecerem totalmente as obras de Camilo, através de cursos inteiros, secundários e superiores, lendo-as só incidentalmente, por desfastio, o aluno curioso, que disso toma a iniciativa, e não se escolhendo como livros de texto nas aulas, onde é o seu lugar, de direito. Há romances de Camilo, como *A Queda de um Anjo*, que são manancial ubérrimo de cultura lingüística. Neste romance, Sá de Miranda, Camões, António Ferreira, D. Francisco Manuel de Melo, Frei Luís de Sousa, P.e Manuel Bernardes, Filinto Elísio, e outros clássicos de nomeada, são citados a cada passo, e do influxo das preciosidades da sua linguagem está repleta a forma de expressão, actualizada com quantos termos e modos de dizer originais, extraídos da pura latinidade, ou compostos e derivados dentro da língua, ou ainda populares e familiares das províncias do norte, o autor julgou conveniente opulentá-la e reavivá-la. O tão criador processo da metáfora é também aplicado com freqüência e com a mais perfeita intuição da vida do nosso idioma.

Alguns exemplos darão uma idéa mais exacta. Figuram entre os mais típicos, de diversas espécies, na mencionada obra: «aguaceiro de escândalos»; «... desentalando-se dos suspiros»; «... afogar o riso»; «... despontar as ferroadas

perfeito conhecimento da língua, adquirido no trato com êsses escritores modelares e com o povo beirão e transmontano, se deve

---

do juízo»; «... pespontado espírito»; «... ventar rijo da paixão»; «... vida golpeada de desgostos»; «... os fósforos vingavam lampejar»; «... o pecado a fazer negaças e conjecturas»; «... romperia... os vesúvios da indignação»; «... expectorou um cacarejo de tosse seca»; «... ânimo iscado da peçonha da meia impiedade...»; «... desfechou-lhe na cara uma estralada de riso...»; «... pôr a pontaria aos vícios...»; «... a desgraça não derrete o aço dos peitos fortes...»; «... arrimado ao bordão de sua honra...»; «... êste exórdio abrupto invencilhou os espíritos de D. Bruno...»; «... aborrimentos que salteam as existências...»; «... a minha linguagem sêca e desordenada raspará nos ouvidos da câmara...»; «... atravessar represas à torrente caudal da índole de cada época...»; «... essas ruas estrondeam de carruagens...»; «... roía-me o abutre de um desejo vago...»; «... os olhos indiferentes de Ifigénia assetearam-lhe a pia alma...»; «... abrir do peito graves e doces vozes...»; «... uns *rr* lhe acalcanharam o orgulho...»; «... com a cara encavernada num chapéo de 1832...»; «... ênfalada de soluços...»; «... embrulhar o estômago...»; «... impar de zangado...»; «... estomagado da reprimenda...»; «... esteada no amparo da piedade...»; «... aquele caixote das peças que para ali estavam amuadas...»; «... escampou-lhe a fron-

o serem vocábulos e locuções investidas em funções novas, que, de ordinário, vão imprimir ao arcaismo aparentemente mais defi-

---

te...»; «... engarrafar lirismo...»; «...engulir as araras...»; «... flautear uma pitada...»; «... noite capeadora de assassinos...»; «... manhãs regorgeadas...»; «... senhora... apontada em amanho de casa...»; «prosperar a ôlho»; «tirar a limpo»; «dar pega»; «apegar»; «empecer»; «vozeamento»; «roufinhar»; «ficar passado»; «andar aporfiado»; «embicar»; «dar tino de...»; «dar trela»; «empossar-se»; «de tento»; «esmar»; «aprezigo»; «pogeas»; «selvatiqueza»; «abrir mão»; «ânimo martelado»; «complanar»; «às rebatinhas»; «bestidade»; «embarrar»; «arrazoamento»; «achanar»; «afeite»; «afeito» e «afecto»; «de foz em fora»; «destragar-se»; «levantar mão»; «entender com...»; «infuso»; «buscar azo»; «romper em...»; «puxado à fieira»; «ancianidade»; «parvolez»; «desmalicioso»; «farfalharia» e «farfalhoso»; «afigurar»; «achamboado»; «igualar-se barba por barba»; «ferócia»; «joguetear»; «fazer implicância»; «montar os óculos»; «ridiculoso»; «explosir»; «olhar em si»; «maridar-se»; «arrefentar-se»; «amiserar-se»; «mal-sorteado»; «muramento»; «infida»; «azulejar-se»; «despiciendo»; «esvurmar»; «empuxado» e «empuxão»; «de fora parte»; «fitar-se em...»; «testilhas» e «a testilhas»; «parelho»; «a bom recado»; «pervicácia»; «galanice»; «medrança»; «compartir»; «sobrancear», etc., etc.

É um verdadeiro tesouro.

nhado o mais vincado cunho de vida. O escritor alargou consideràvelmente o âmbito do falar português, deu aos seus conterrâneos uma consciência mais completa das riquezas do nosso idioma, apesar do forte concurso dos grandes dirigentes do romanticismo, e estou em crer que mais se aprende português com Camilo que com Castilho, e mesmo com Garrett ou com Herculano, porque a criação realística tem uma sugestão e um prestígio especiais, e o que não é realístico no autor do *Amor de Perdição* é, embora menos perdurável, duma vida mais permanente que a maior parte dos sentimentos e idéas dos puros românticos.

O estilo de Camilo, instituidor do romance realístico em Portugal, apresenta, como um cristal, cuja limpidez e transparência e brilho possue, múltiplas facetas. Simples, duma concisão lapidar, mas grave, solene, grandioso, duma sensibilidade máscula, nas grandes situações comoventes, nos transes dolorosíssimos; nobre, majestoso, vestindo galas, primorosamente esmaltado, no retratar das virtudes serenas, das alegrias suaves do coração; brusco, sacudido, incisivo, mais que nunca nervoso, vibrante e desartificioso,

nos episódios em que preponderam as paixões, nos arrebatamentos da cólera, em lances de vingança, repentes facinorosos; ágil, gracioso, levemente irónico, dum humorismo delicado e por vezes subtil, em quadros onde a verdade se exibe, em circunstâncias mais ou menos ridículas; duro, áspero, repleto de energia, entrecortado de expansões possoais, de brados de indignação e de protesto, na exposição ou comentário das injustiças sociais; minucioso, meticulosamente representativo de todas a tonalidades, como se o artista houvesse em vista atingir efeitos de ordem pictural, na descrição da natureza física ou de grupos de figuras.

Quando o romancista era dominado pela acção, e a *via* e às figuras, o estilo adquiria sempre, em qualquer dos seus cambiantes, uma vida soberana, um poder de expressão inultrapassável. Mas onde talvez o escritor mais se revela poderoso realista é na arte de fazer falar as figuras, sob o domínio de impulsos e paixões veementes, irrefreáveis. Não o conseguiria, de certo, sem um perfeito senso da realidade, sem a plena intuição da alma humana, através de tôdas as situações da vida. Em tais condições, não há, não pode haver *estilo;* há, deve haver, é indispensável

que haja *vida,* tão impressiva, tão exuberante quanto a verdade o exige. Ninguêm faria falar melhor que Balzac a Cibot ou M^me^ Marneffe. Camilo, atento à expressão da humanidade nas suas formas mais definidas e decisivas, terá cedo reconhecido e sentido no autor da *Comédie Humaine* o valor dêsse dom eminentíssimo, mais que o de quaisquer outros meios e processos artísticos.

Os exemplos, que poderia apresentar, como documentação, são qùase inumeráveis. Julgo, porêm, dever consignar aqui dois, muito característicos. São ambos extraídos da novela *A Viúva do Enforcado* (das *Novelas do Minho*).

Eis o primeiro, que é uma scena doméstica típica:

«Joaquim Pereira foi para a mesa, mas a comida só lhe passava da garganta, empurrada pelo vinho, assim que a mulher lhe contou com entusiasmo maternal que o ourives fizera o retrato de Teresa.

—Quem diabo lhe encomendou isso?—preguntava êle.—Eu quero saber o que lhe importa a êle a minha filha! Se cá o vejo em casa com o retrato, dou-lhe com êle nas ventas. Não quero retratos; não dou um pa-

taco por êle. Pedaço de asno! O troca-tintas, pelos modos, não tem que fazer. Por isso o pai anda sempre com a sela na barriga! Não me tornas a pôr o pé na rua sem eu ir contigo! — vociferou, voltado contra a filha, limpando com a toalha o queixo inundado de vinho do pichel. — Se eu te não levasse à Senhora da Oliveira, já o pelintrão não te via...

— E que tem que visse! — interrompeu a Teresa com os olhos afogueados e um ar de sobranceria petulante — Olhe lá que me não comesse algum bocado!

— Não me lavres fora do rego, Teresa! — redarguiu o pai — Essa cabeça já não governa. Tu andas a chocar alguma asneira. Cuidado comigo!

— Ora vá, ora vá! — atalhou a espôsa — Também tens um génio que é preciso paciência de santas para te aturar. Que mal te faz a tua filha? O homem lá disse que o costume dos pintores é fazerem isso.

— Isso quê? — ululou Joaquim.

— Êle como disse? — preguntou a senhora Feliciana à filha.

— Eu sei cá... — respondeu a menina com desabrimento.

— Que disse êle? — instou o pai — quero

saber o que êle disse, se não vai aqui tudo com mil diabos, — e esbofeteava a mesa, fazendo dançar os pratos e o pichel.

— Disse que os pintores, acho que foi isto, quando viam raparigas bonitas...

— O quê ? ! — cortou êle, esbugalhando os olhos — quando viam raparigas bonitas...

— Pintavam-nas para fazerem as santas — explicou a pobre senhora Feliciana, emquanto a filha enxugava os olhos, alagados em lágrimas.

— Pois que vá pintar santas a casa do diabo, êsse tratante ! — bradou o curtidor — A minha filha não quero que ela ande pintada em paineis ! — e, voltando-se para a espôsa, com um sorriso denegrido pelos dentes e pela raiva, rouquejou : — Tu és uma bêsta ! Não percebes nada ! Ainda não adivinhaste que êsse borra-botas te quer namorar a rapariga !

— Anjo bento ! ó língua danada ! cala-te, que estás a meter no inferno a tua alma ! Olha o pobre do homem que está sempre lá metido com a sua vida ; até por sinal me disse o sacristão que êle não queria saber de mulheres...

— E p'ra que foste tu preguntar isso ao sacristão ? que te importa a ti se...

— Foi a conversarmos a respeito de êle não querer casar com a Emília do Pascoal.

— Fias-te em boas! êle, que não tem onde caia morto, não quis casar com uma rapariga que há de ter os seus dez ou doze mil cruzados p'ra riba que não p'ra baixo! Sempre és muito tapada, Feliciana!

— É o que me contou o sacristão... Sabes tu que mais, Joaquim? — retorquiu enérgicamente a ofendida espôsa — Trata das bombas, que é ofício leve, e deixa-me em paz e sossêgo. Se a tua filha se meter no convento, depois queixa-te... Olha, eu aturar não te aturo. Pego em mim, e vou para onde ela fôr.

— Então achas direito — volveu êle, mais aplacado pela arrogância da ameaça — achas direito que o ourives te namore a filha?

— E êle a dar-lhe e a burra a fugir! Já te disse que o ourives não te namora a filha, e ela importa-se tanto com êle como com o tenente da cinta fina que tu dizias que a namorava; e mais fizeste à conta disso um escarceu, em terminos de querer mandar bater no homem. Olha, trata lá dos cortumes e não te metas nestas coisas. Eu cá estou. Não chores, Teresa. Come um boca-

dinho de marmelada, filha. Estás em jejum natural. Anda, come, menina.

— Não posso — soluçou ela, mais dolorida pelos afagos — O que eu quero é ir para um convento, quanto antes.

— Vês o que fazes? — dizia a mãe, voltada para o marido. — Vês? aí tens! Não tenho senão esta filha... e êste maldito homem quer-me dar cabo dela! — E pegou de chorar com grande berreiro.

Nisto, ouviu-se um gemer soluçante a distância.

Era a cozinheira que também levantara um pranto cheio de notas consternadas, formando tudo uma desarmonia lúgubre, que espavoriu Joaquim Pereira.Devia ser desabrida a sua dor, como cólera dos blasfemos, quando se ergueu de salto, e desceu para o armazem, vociferando:

— Má raios os partam!»

Agora, o outro exemplo, não menos frisante e apreciável:

«— Joaquim Pereira, voltando à noite, desforrou-se na ceia, e recolheu-se ao tálamo com a espôsa. Aí, amarrando na cabeça um lenço de paninho de Alcobaça, cruzou as pernas como um abencerragem no flácido colchão, e tirou do peito, à mistura com os

arrotos do alho do bacalhau, as seguintes expressões:

— Mulher, é preciso casar esta rapariga com o tio Manuel do Porto.

— Tomara eu, homem. Isso era uma pechincha, se ela quisesse — dizia a sr.ª Feliciana, espulgando uma meia.

— Sabes o que fiz esta tarde? Fui pedir ao confessor da pequena que a obrigasse a casar com o tio. E vai o tal fradinho da mão furada que me há de responder? Que não se metia nesses arranjos: que ninguêm devia aconselhar uma menina nova a casar com um velho, porque era desgraça, e tal, *et cœtera*. Vês tu que joia é o frade? E tu a mandares-lhe jeropiga e pasteis todos os meses! Se a rapariga lhe disser que quer casar com um menino bem maroto, isso então muda de figura... A religião foi-se, mulher! Já não há temor de Deus. Não quero que a Teresa se confesse mais ao franciscano, ouviste?

— O fradinho bom é, homem! — contradisse a espôsa insecticida. — A falar pelo direito, a nossa filha, que é uma lindeza, casada com teu irmão, não sei o que me parece! Ora faze de conta que ela pegava a doudejar com homens lá no Porto?

— O quê? a doudejar? — acudiu Joaquim, fazendo uma corveta na cama. — Doudejar com homens, ela! Meu irmão arrebentava-a com dois pontapés na barriga. Tu então estás a ler! Não sabes que fígados êle tem. Da primeira mulher deu êle cabo com uma tranca, por causa dum caixeiro. Moeu-a, e ela... esticou.

— Tu nunca me contaste isso! — disse a sr.ª Feliciana, com pavor.

— Pois sabe-o agora.

— Olha se eu dava a minha filha a êsse Herodes! Credo! que vá casar com o diabo que o leve, Deus me perdoe!

— Adeus, minha vida, que elas armam-se! —retrucou o marido iracundo.— Se me vens ralar p'ra cama, vai-te deitar com a filha, e deixa-me.

E coçava as pernas com frenesi, como se o sangue alvoroçado lhe fizesse brotoeja.

— Lá por isso não te aflijas que eu safo-me já — disse ela de repelão; e, levantando do sobrado a trouxa do vestido e do saiote, saíu com grande velocidade e um rijo bater de chinelas nos calcanhares.»

Que Camilo *via* o quadro da criação conclue-se do concerto minucioso dos episódios, sobretudo dos mais movimentados e im-

pressionantes, em que o narrador se afirma com uma consciência e inteligência artísticas, verdadeiramente inexcedíveis. Como exemplo de episódio dos da especialidade de Camilo, pode apontar-se o seguinte, da novela *O Degredado* (das *Novelas do Minho*): «— ... E despejaram o último quartilho. Depois, montaram nas suas possantes mulas, e saíram da feira pela estrada de Vila-Real.

A poucos passos, viram Manuel Baptista que levava a passo o seu cavalo adiante dêles.

— Êle lá vai — disse o Roixo.

— Já o vi; deixá-lo ir.

— Tens-lhe medo a valer, ó João!

— Tenho medo, mas é duma pinga a maior que me vai cá por dentro a queimar o coração. Eu não quero matá-lo, já to disse.

— Mas deixa andar o macho, não lhe puxes a rédea. O homem, se dá fé que vamos ficando, cuida que tens medo. Eu cá à minha beira não quero cobardes. Caía-me a cara, se um dragão de Chaves ficava à rectaguarda do cirurgião de Borbelinha. — E, dizendo, meteu as rosetas das esporas nos ilhais da mula que rompeu a galope. João do Couto trotava rente dêle, resmuneando:

— Qual medo nem qual diabo!

O cirurgião, ouvindo a tropeada das cavalgaduras, olhou para trás e, como reconhecesse os dois cavaleiros, desacolchetou os coldres, sofreou com firmeza e resguardo a rédea do potro alfário e deu-lhe de esporas, quando êle se descompunha corveteando e rinchando, ao aproximarem-se as mulas.

Joaquim Roixo, com o chapeu caído sôbre a nuca, páo de choupa debaixo da perna esquerda e braço pendido segundo a estardiota dos de sua laia, ia do lado do cirurgião. A estrada era larga; mas, quer fôsse propósito, quer a embriaguez desgovernasse o freio da mula, o páo ferrado do marchante roçou rijamente na perna do facultativo.

— A estrada é larga, seu bebado! — disse Manuel Baptista.

O Roixo sofreou a mula; e, qûase deitado na anca, deu um piparote na aba do chapeu e preguntou:

— A quem é que chama bebado?

— A você — respondeu lealmente Manuel Baptista.

— Anda daí!—bradou João do Couto, puxando-o pelo braço.

— Larga-me, João — disse o Roixo, atravessando-se na estrada, e endireitando sôbre o albardão com as dificuldades contingen-

tes ao desequilíbrio da cabeça com a cintura. —Larga-me, já te disse! —E, voltando-se para o cirurgião: — Conhece-me, ó patrãozinho?

— Conheço, mas não quero relações com tal conhecido. Desempache-me o caminho quanto antes, é o que tenho a dizer-lhe.

O marchante, arrancando o páo, desenroscou um canudo de cobre que escondia uma choupa de aço de mais de palmo.

Manuel Baptista sacou dum dos coldres uma pistola, e esperou sem lhe erguer o cão; o destemido ébrio, floreando o longo páo de lodão, fez-lhe uma pontuada ao peito, da qual o salvou o cavalo, empinando-se. O cirurgião engatilhou e disparou à cabeça de Joaquim Roixo, que instantâneamente caíu de borco sôbre o pesçoço da mula.

Neste conflito, João do Couto apeou de um salto, abriu uma navalha espanhola e cresceu sôbre o cirurgião, exclamando:

— Você mata-me o meu amigo, ó seu alma do diabo!

O agredido respondeu com segundo tiro; mas as upas do potro não lhe consentiram aproveitar a bala com o seu costumado escrúpulo. O almocreve caíu sôbre o joelho direito, por onde a bala superficialmente resvalara.

Havia já ao pé dos lutadores muito povo que vinha da feira, e entre a turba estavam alguns que conheciam o marchante, e por isso gritaram à del-rei contra o cirurgião, agarrando-lhe as rédeas do cavalo, e dando voz de prêso.»

É modêlo de narrativa êste trecho, em que há implícito um estudo psicológico:

— «Na cozinha, não estava ninguêm, quando ela atravessou de passagem para o quinteiro. Olhou para a lareira a ver se acharia um pouco de caldo. Não o queria para si; era para o converter no leite da sua filha. Pousou o berço no escano; ia levantar o testo do púcaro; mas neste instante ouviu os brados da mãe, cuja cama era na tulha, no mesmo plano da cozinha. Estremeceu, cuidando que fôsse apanhada; pegou da criança, e fugiu, lançando a saia de pano azul pela cabeça, e apertando o berço contra o peito. O seu destino era o abrigo que o pai de sua filha lhe dera. Da parte de àlêm-Tâmega, logo à ourela do rio, pediria que a fôssem guiar no mau caminho da grande légua que a distanciava da quinta do Enxertado. Lembrou-se de José da Mónica, o pastorinho que lhe era muito afeiçoado; mas, ao atravessar o quinteiro, ouviu a voz do

pai a praguejar contra o rapaz, que perdera a cabra. A Brites do Eiró reconheceu-a a saltar para o campo da Lagôa ; o pescador da chumbeira ouviu-a chorar na Cangosta do Estêvão, quando amamentava a criança, e lhe parecia que a filha, não achando leite, se lhe estirava hirta nos braços como morta. Atormentavam-na dores outra vez e sentia-se turvada, desfalecida e sem fôrças para transpôr as poldras que não estavam perto. Havia de atravessar o ervaçal que o moleiro e o pastor percorreram um quarto de hora depois. Quando ouviu vozes, ao longe, no alto da barroca, ergueu-se cambaleando, saltou a vala, invocando o auxílio das almas bemditas. Era o Luís moleiro que vinha descendo com o rapaz. Ao avistar as poldras que alvejavam poídas e resvaladiças ao lume d'água, teve vertigens e disse entre si: «Eu vou morrer». Pôs o berço à cabeça, esfregou os olhos turvos de pavor, e esperou que as pancadas do coração sossegassem. Depois, benzendo-se, pisou com firmeza as quatro primeiras pedras, mas de aí em diante ia como cega; a corrente parecia-lhe caudal e negra. Quis sentar-se em uma das poldras; e, na precipitação com que o fez para não caír, escorregou ao rio. A água

era pouca, e a queda de nenhum perigo; mas o berço caíu na veia da corrente que era bastante forte para o derivar. Quando ela estendeu o braço, já o não alcançou. Arremessou-se então ao rio; mas os altos choupos da margem, encobrindo a baça claridade das estrêlas, escureceram o berço. Neste lance, perdido o tino, a desgraçada cortou de través para a margem, onde um claro de areia se lhe afigurou o berço. Quando aí chegou, caíu; e, na queda, agarrou-se ao esgalho do salgueiro em que o pastor e o Luís moleiro a encontraram moribunda.» (*Maria Moisés*).

De descritivo do interior das almas escassos exemplos ocorrem em Camilo. É em *A Filha do Regicida* que se nos deparam talvez maior número de exemplos de tentativas bastante felizes (ou simples intuições ocasionais do processo de escola) de análise psicológica. Perante António de Cavide que a pretende convencer da necessidade absoluta de se recolher a um mosteiro, a mulher de Domingos Leite e ex-concubina de D. João IV sente-se desonrada, perdida. «Não derivava uma lágrima sequer nas faces de Maria Isabel. O terror não chora. Como as gotas de peçonha que lhe caíam

na alma, espremidas dos lábios do ministro, não achavam fibra de coração nobre onde tocassem e se diluíssem em lágrimas suavizadoras, a agonia daquela mulher era um espasmo, sem expressão exterior; mas lá dentro bravejava um complexo de horrentes frenesis, entre os quais era o remorso o menos dilacerante. Maldita, desonrada, desprezada, perdida, morta, mas a sobreviver-se, a contemplar-se infame. Não saberemos descrever todos os volvulos da serpente que ali a tinham amarrado naquela estúpida imobilidade diante do ministro, que poucos meses antes a argùira de não saber compreender a mulher que tôdas as fidalgas da côrte invejavam! Ei-la ali — a amante de D. João IV — ali! com a filha amada nos braços; a imagem de um patíbulo diante de seus olhos; o pai dessa criança a subir-lhe os degráos: a imagem do homem que, nove dias antes, lhe encostara a fronte no regaço, êsse amante desfigurado agora em juíz, pelo resplendor da realeza, covarde, porque era rei; desamparando-a, quando o afecto do amante, ou sequer a piedade do homem lhe eram tão precisos! E, depois, o patíbulo dela tambêm ali em seus braços! A filha, que ela, três meses antes, levara a repelões,

porque chorava de saùdades de seu pai, porque pedia que a levassem para êle, e que ali estava a pesar-lhe no seio, como lhe pesaria a lousa de uma campa, se a sepultassem viva!»

Noutro ponto, o romancista volta a dizer-nos o que ia na consciência de Maria Isabel por D. João IV, de quem «apenas se lembrava... para lhe dar a primasia no rol dos infames que a perderam...» «Amá-lo? Porquê? Ela despira-o das insígnias reais: vira-lhe a alma na desnudez da sua ignorância, na esterilidade da educação grosseira, poída no atrito de paixões carnalíssimas, em que o duque, no paço de Vila Viçosa, não levava a palma na nobreza aos seus eguariços e azemeis: ouvira lhe as confidências de baixos conúbios com as actrizes espanholas que D. Luísa de Gusmão expulsara do recesso do seu palácio: pressentia que o devasso, já ferido da gota e queixoso da ruim secreção dos rins, aguçava os estímulos da lascívia com as histórias lúbricas dos seus trinta anos; sentia se nos braços dêle tão matéria, tão despoetizada, que nem pelo coração, nem pelos sentidos, nem pelas pompas se dava por paga de serviço a tal amante. Amá-lo! porquê? Não a mandou êle

saír de sua casa, por um emissário de catadura ameaçadora, dentro em duas horas, como quem despede uma criada já paga de antemão pela honra de servir ao sêvo de um cerdo, enroupado de escarlata e arminhos! E expulsá-la da sua presença, sem uma expressão de dó, sequer hipócrita, sem uma promessa, sem uma dissimulação de piedade. Ingolfá-la nas estranhezas horríveis de um mosteiro, rodeada de curiosidades insultantes; sobpô-la às fúrias daquele frade, mais desamparada que a derradeira meretriz de um lacaio! E, por fim, matar-lhe o marido, e dizer ao mundo: «Aí tens a viúva e a filha do enforcado! Não a mates, mas cospe-lhe na cara a infâmia do marido; não lhe mutiles as mãos, mas consente que ela se despedace com as próprias unhas; não lhe amputes a cabeça em estrado alto, mas subverte-a sob as abóbadas negras e unidas de um mosteiro, e deixa-a morrer para aí, fibra a fibra; e, se ela, no escabujar do delírio, estrangular a filha, aplaude tu, ó sociedade, a justiça de Deus, que unge os reis, e colabora com êles!» Amá-lo? Como poderia amá-lo a viúva de Domingos Leite, se aquela criança, cravando-lhe os seus grandes olhos regorgitados de lágrimas, lhe

preguntara duas vezes se seu pai fôra enforcado!»

Um outro curioso documento de análise psicológica, extraído também de *A Filha do Regicida*, é o que se segue. António Leite, de uma adufa da taverna, onde se alojara, cravava os olhos em Roque da Cunha, o traidor denunciante do seu Domingos Leite, que assomara à janela da sua casa. «O velho encarava-o com o coração a trancos dolorosos debaixo das mãos que o comprimiam. E, emquanto o viu, figurou-se-lhe ver o filho, ao lado dêle, como em Madrid, quando Domingos lho apresentara com estas palavras: «Êste é o meu amigo Roque» e o infame dissera: «E amigo como poucos, amigo como nenhum, amigo como só eu sei ser, quando os homens cá me chegam ao coração.» E o velho, a recordar isto, via e ouvia o filho, e, por isso, os seus olhos se afogueavam em lágrimas, e o coração se lhe estorcia no peito. E, depois, apertando a fronte nas mãos, dizia entre si: Foi êle que induziu meu filho a tentar contra a vida do rei; e o desgraçado não meditou que o seu crime era imperdoável! Porque havia meu filho de querer matar o rei a quem tantas mercês devia?... Mas... se meu filho ten-

tava tão grave crime, porque mandou êle Bernardo a dizer-me que morria honrado?... Quem me há de dizer êste segrêdo antes que a morte me colha? Quem me dera saber, meu Deus, se o meu Domingos morreu inocente! se era justo o castigo, ainda mesmo que Roque o não entregasse...»

Aduzirei aqui, em complemento da documentação, neste aspecto capital do trabalho do artista realista, um exemplo mais, que comprova preocupações psicológicas e que é mais que um simples ensáio. O romancista põe a nu o que vai no íntimo de Bernardo Rodrigues, depois que soube do adultério da mulher.

«Êle já não podia duvidar do adultério. Daquela negra caverna já não havia saída para a luz que, horas antes, ainda lhe alumiava a sua alegria honrada; nem réstea de esperança de ver aquela mulher desassombrada da calúnia, e a sua dignidade restabelecida. Tudo cerrado. Confrontava a cara do padre Hilário com as feições de Artur. Espantava-se como agora notava a semelhança que nunca lhe surpreendera o espírito! Ocorriam-lhe muitas recordações que lhe rasgavam o coração e o endoudeciam. A familiaridade do padre em sua casa. Ficava horas

sózinho com Balbina, quando êle ia às feiras. O seu amor ao afilhado, e a teima de levá-lo para a sua reitoria, onde esteve oito anos gratuitamente. Os legados que lhe deixou, e o propósito de o doutorar à sua custa. Afora isto, as outras mulheres casadas, de quem o padre tinha sido amante, vinham em grupos, e com ar de escárneo, testemunhar a desonra da sua. Apareciam-lhe agora luminosos na escuridão do quarto, com todo o fel do sarcasmo, os sorrisos dos vizinhos, quando êle defendia o compadre das aleivosias que lhe assacavam, e se gabava de ter uma virtuosa companheira que dispensava de ser guardada. Depois, subindo às regiões mais problemáticas da psicologia, interrogava-se sôbre a aversão que ganhara ao Artur desde certo tempo; e convencia-se que nunca lhe notara o amor que os pais teem aos filhos. Jámais ouvira dentro de si a «voz do sangue.» Parecia-lhe que, se fôsse pai, o coração lhe estalaria de dor, vendo-o desaparecer, sem lhe saber o destino, sem esperança de tornar a vê-lo, vivo ou morto. O Artur estivera oito anos ausente; a mãe sempre a chorar com saùdades do filho, e êle nem sequer sentira grande vontade de o trazer para casa. Pelo contrário, logo que chegou com

uns ares abandalhados de janota, entrou a aborrecê-lo, a detestá-lo, por fim, como se adivinhasse que aquele devasso vadio não era, não podia ser seu filho. Por último, detinha-se a analisar o procedimento de Balbina, desde certa época. O beatério, as confissões, os medos da morte, as suas humildades e carícias, candonguices a que êle não estava afeito, eram remorsos — dizia o scismador atribulado, com a penetrante convicção — eram remorsos, terror de Deus, e da minha vingança, se eu viesse a dar na malhoada. — A maneira como ela lhe respondera, de joelhos: «Mata-me, que eu perdoo-te a morte!», foi o golpe de misericórdia que lhe cortou o último fio de esperança. Se ela se revoltasse e exigisse altivamente explicações daquelas palavras incompreensíveis pelo horror da injúria, se fingisse grande espanto de as ouvir, pode ser que Roberto vacilasse em aceitar as conclusões que tirara de dez horas de meditação no seu quarto. Mas não. A resposta dela foi como se dissesse: «Sou criminosa, sou adúltera. Artur não era teu filho; mata-me, que eu desejo morrer: não posso com o remorso.» (*Vulcões de Lama*).

De descritivos de exterior de figuras, — muitas vezes caricaturais, geralmente sumá-

rios,—há numerosos exemplos. Já de interiores domésticos, pelo contrário, é raro podê-los notar. Quanto aos da natureza física, comprazia-se neles com freqüência; o seu sentimento do belo impelia-o a empregar, por vezes, na reprodução dela, mais ou menos idealizada, as melhores tintas do seu estilo. (1)

---

(1) O seu modo de ver a natureza e de a tratar era normalmente como expôs nestas interessantes confidências: «Eu tenho grandes tendências para o pinturesco, grande paixão pelo idílio, e devoção idólatra das florestas e das serranias alcantiladas. Gosto de tudo isto muito, extasio-me nos arroubos de Teócrito e Delille; mas hei de estar em casa, com as janelas bem calafetadas, resguardado das brisas, fomentadoras de catarros, espreitando a natureza pela vidraça. A paisagem gosto dela nas litografias da *Ilustração* francesa. No quadro da *Primavera*, de Callet, respiro o aroma das flores, amplio com a imaginação o horizonte do céo côr de ametista, ouço os trinos da calhandra que ramalha na copa da avelanzeira, vejo o belo que está e não está no quadro. Se, porêm, cáio na inocência de procurar as delícias do original, fujo para casa a tiritar de frio.

No quadro do *Estio*, de Durameau, acho encantadora a abóbada viridente das matas, o braço enlaçado das vergônteas dos parques, as dríades vertendo jorros de água limpida das orvalhadas auroras, os regatos serpeando por entre a madres-

Pode considerar-se exemplo esmerado, de consumada perícia, como descritivo de exterior de figura, o seguinte, que é um verdadeiro retrato, dum colorido soberbo.

«Custódia... tinha os braços arqueados na cintura, e o pé direito, calçado no seu tamanquinho de verniz com ponteira pespon-

---

silva e o rosmaninho, as messes ondulando beijadas pelos zéfiros brincões, o tentilhão saltitando de franja para franja, os arvoredos rumorejando uma soidosa toada, o rouxinol cantando aos salgueiros as suas tristezas. Tudo isto vejo no quadro, vivendo, movendo-se, falando; mas, se a tenção de ver a realidade me vence, vem pó, e cega-me; vem o calor, reduz-me a manteiga; uma farpa de silva rasga-me o casaco; o chapeu fica-me espetado em um galho, outro fura-me um ôlho; e um porco, picado pelas vespas, bufa-me às pernas enraivecido. Oh! como é deleitoso o estío!

No quadro do *Outono*, de Taraval, há um cordeirinho que ouço balar, assustado do som das águas; uma pastora, toucada de malmequeres, com uma arregaçada de apetitosos pomos; o vale, pejado de frutas, suavizando, como contraste, a agrura da montanha fragosa; Pomona e Ceres, portiando fecundidades; as rochas tapetadas de musgo; os passarinhos, mal emplumados ainda, trinando os primeiros cantos da sua liberdade, emquanto a mãe chilrea sôbre a moita, acareando-os com o cibo; a abrigada à sombra do freixo onde não côa

tada de escarlate, posto à faia, para fóra, com a saia um pouco espipada no joelho desviado, por maneira que o tornozelo se lhe via torneado na meia aberta de linho de Guimarães, com quadradinhos e ramagens por onde vermelhavam tons de epiderme rosada. Ves-

---

o raio do sol; o salgueiro debruçado para ver a truta que faz piruetas no rio de fina prata; o sardão de côr de esmeralda, logrando-se da sombra entre çarças e codêços. Isto é bom: disto viveram Bernardes, Rodrigues Lobo, Fernão de Álvarez e Sá de Miranda. Todavia, a natureza mudou, penso eu. Os rebanhos tascam na ervagem com o maís desconsolador prosaísmo; as pegureiras trazem a camisa suja e fiam estopa; os zagais nem tangem flauta nem entalham no cortix dos álamos as iniciais da pastora revel; o que êles fazem é comer o seu naco de bròa, e atirar sua pedra ao cabrito que se tresmalha. As árvores, lourejantes de frutos, teem uma sentinela à vista, que vos assula um cão lobeiro, se lhes tocais. As çarças e os carrascos picam que teem coisa má. O eremitério rural, visto ao pé, tôda a sua poesia é a égua do abade, e a ama de cujos filhos êle é padrinho. E, depois, às duas por três, se vos não percatais, a viração da tarde pode encher-vos o coração de deleite; mas, no dia seguinte, tendes sôbre o peito um emplasto de pês de borgonha, por causa duma bronquite. Ora aí está porque eu sou um grande bucólico de estufa.» *(Duas Horas de Leitura)*.

tia jaqué de pano azul claro, chanfrado na cintura, com dous renques de botões amarelos, rutilantes, em que espelhava lampejos alaranjados a última radiação do sol poente. A saia exterior, de crepe, um pouco apanhada de um lado, mostrava outra branca, de tomadinhos tesos de goma, encanudados, e, por baixo, o debrum de veludilho preto do saiote de flanela carmezim. As mangas das roupinhas, amplas à proporção da musculatura do braço, estreitavam-se no pulso torneado, apresilhado num botão de linha sôbre o punho bordado da camisa. Por debaixo do cós do jaqué, sobressaíam realces, uns fôfos de camisa aderente aos refêgos da carne mole, apertada pelas camadas de saias que levantavam saliências boleadas dos qùadris. Cruzavam-lhe a curva opulenta dos seios as pontas franjadas dum chale de cachemira amarelo, com festões de flores rubras, que atavam atrás da cintura, dando um destaque às ancas, muito reparado dos sensualistas das feiras e das romagens. No pescoço, redondo, com maciezas e tons alvos de leite, até à raiz dos peitos, tinha uma gargantilha de ouro e mais três cordões, com um crucifixo de uma esculturação antiga e rebelde às devoções sinceras, espiritualistas,

por estar posto num calvário de enormes glândulas hemisféricas, mais tentadoras que as visões lúbricas dos anacoretas. Na cabeça, penteada em bandós de grossas madeixas alouradas, alvejava um lenço de cambraieta, bordado a torçal, de muitas côres, com corações transpassados de frechas. Ria-lhe no rosto uma alegre saúde que lhe carminava os beiços, e punha nos olhos scintilações de mordente desenvoltura. Parecia uma cara feita de frescas folhas de camélias brancas e vermelhas. Sentiam-se-lhe de longe os perfumes das lestras, do rosmaninho, das camoezas, das moitas floridas, em que zumbem abelhas». *(Eusébio Macário).*

A descrição da sociedade de Braga, em quadro a que não falta movimento e vida, documenta também a perfeita visão do exterior e os recursos artísticos de que o romancista dispôs para o efeito: «O Campo de Santa Ana parecia um arraial. Aglomeravam-se ali as duas Bragas — a fiel, a caipira, pletórica de fidalgos, de grandes proprietários, cónegos, de chapeleiros e de clerezia miúda; — a liberal, muito anémica, encostada ao 8 de infantaria, tôda de bachareis e empregados públicos, o Manso, o Melo, o Cavacão, o Mota, o Rocha Veiga, o

Alves Vicente; negociantes de tendas mesquinhas, professores muito rètóricos, o Capela, que ensinava francês, o Pereira Caldas, soneteiro e polígrafo, o velho Abreu bibliotecário, lacrimoso, o Pinheiro, muito grande, filósofo sensualista, mas bom vizinho, todos à volta do Mont'Alverne, um cónego muito assanhado que foi, meses depois, comandante da brigada dos Seresinos. Craveiro Lobato impunha e dominava com as suas barbas, o trajar aceado com muito lustro, e o bater metálico, patarata, das esporas. Abriram-lhe passagem, rodeavam-no cavalheiros da primeira plana, os Vasconcelos do Tanque, os Magalhães, o Freire Barata, o Cunha das Travessas, a gema daquele enorme ovo realista, chocado no seio da religião da Carlota Joaquina, do Conde de Bastos e de Teles Jordão... Os janotas acercavam-se, disfrutadores, do Cerveira. Eram Russel, o António Gaspar, os de Infias, o Bento Miguel de Maximino, o Paiva Brandão, o D. Manuel da Prelada, o D. João da Tapada, o António Luís de Vilhena, um loiro, muito enamorado, com uma rosa-chá na lapela da casaca azul, com botões amarelos». (*A Brasileira de Prazins*).

Eis agora um dos raríssimos exemplos

de descrição de interior doméstico, na parte material:

«Era um quadrado irregular, com duas janelas sacadas. Da cornija interior de cada uma, pendia de dourado cilindro uma sanefa com franjas de damasco e prata. Desta, descia uma cortina bicolor, branca e escarlate, de cassa da Índia lavrada, com seus cordões rematados em borlas de seda amarela. Entre as duas janelas, estava uma mesa de três pés, primorosamente lavrados, que dirieis ser de invento moderno, se não soubesseis que as mesas douradas e rendilhadas sucederam, no reinado luxuoso de D. João V, aos graves e tristes bufetes de pau preto, esculturados com magnífico capricho. Sôbre ela, pousadas em tapetes bordados por mão primorosa, viam-se duas jarras orientais, bojudas como ânforas, e perfeitíssimas, no ressalto das tintas primitivas, como se, naquele instante, saíssem das mãos do oleiro de Pekim. Dálias, lágrimas, queluzas, martírios, melindres e açucenas encarnadas coroavam com matizada copa as jarras corpulentas. Ao longo das paredes, quatro mesas iguais àquela cortavam a monotonia das cadeiras baixas, estofadas de seda amarela, com pés e braços também

dourados e uniformes com as mesas. Ao fundo, estava um tremó de esmerado engenho, quase tocando o tecto com os rendilhados da cúpula, entre os quais se via esculpido a côres um brasão de família. No centro, sôbre uma banqueta de pé de galo, cem anos mais nova que as suas companheiras, via-se um livro aberto, um quarto de papel escrito a lápis, e uma pequena jarra de porcelana com um botão de camélia». (*Vingança*).

Mais completo e mais vivo se afigura êste outro, em que o romancista, na fase da plena consciência realística, pinta uma das divisões principais da residência do abade Marques Rebelo, em S. Gens de Calvos:

«Na saleta caiada, muito escrementícia de moscaria, com tecto de castanho esfumaçado e o pavimento lurado do caruncho, havia a um lado duas caixas de cereais, no outro algumas cadeiras velhas de nogueira e de diversos feitios, esfarpeladas no assento; nas paredes, duas litografias — o retrato de D. João VI, com o ôlho velhaco e o beiço belfo, e o marquês de Pombal, sentado, com o decreto da expulsão dos jesuítas, apontando parlapatonamente para a barra onde alvejam panos de navios que levam os expulsos. Na velha cal esburacada e emporca-

lhada de escarros secos de antigos catarrais, destacavam molduras de carvalho com dois paineis a óleo, cheios de grêtas: S. Jerónimo no deserto, com uma cara aflita, de tic doloroso, e Santo António de Pádua, num sadío *en bon point*, um bom sorriso ingénuo, com o Menino-Jesus sentado, muito nutrido, em uma bola que os agiólogos diziam ser o globo terráqueo. No centro do quarto, estava uma banca de pinho, pintada a ocre, com uma coberta de cama, de chita vermelha, com araras, franjada de requifes de lã variegada. Ao lado da banca, uma cadeira de sola, com espaldar em relêvo, e pregaria amarela com verdete; do outro lado, havia um fogareiro de ferro com brasas e uma cesta de verga, cheia de carvão. Entre as duas pequenas janelas, de rótulas interiores e cachorros de pedra, trabalhava estrondosamente um relójio de parede, com os frisos do mostrador sem vidro cheios de moscas mortas, penduradas por uma perna, de ventres brancos muito inchados e as asas abertas». (*A Brasileira de Prazins*).

São, por vezes, admiráveis, inigualáveis as descrições da natureza, em Camilo. Eis duas delas, perfeitamente típicas.

«A ramada, suspensa em esteios de pe-

dra, formava o enfolhado docel do tanque. Pendiam, já dourados, os enormes cachos de ferral. Alguma folha escarlate, outra amarelecida pelo queimar do sol realçavam, variegando as côres, a abóbada afestoada. Nos rebordos da bica rústica, por onde a água deriva, gorgolejando nas algas, verdejavam vegetações filamentosas, pendentes como meadas de esmeraldas, e miniaturas de relvedos, onde os insectos se pousavam num ruflar deleitoso de asas, no regalo da frescura, oscilando as antenas. Duas galinhas com as suas ninhadas esgaravatavam na leiva úmida, a cacarejarem a cada grânulo ou insecto que bicavam, e deixavam cair, e retomavam de novo, com umas negaças, para ensinar os pintaínhos que se disputavam a posse do cibato, em corrimaças impetuosas, azoratadas. De vez em quando, à tona d'água, rente com o combro da cantaria, afofado de musgos verdes, emergia a cabeça glauca de uma rã, que pinchava para a alfombra, coaxava o seu diálogo interrompido com outra rã do beiral fronteiro, e ambas a um tempo mergulhavam de pincho, quando Cacilda batia a roupa na pedra esconsa do lavadouro. Estava o sol a pino; mas, pela densidade fo-

lhuda do parreiral, apenas coavam umas lucilações a laminarem trémulamente a água ondulosa e escumada do sabão». (*Serões de S. Miguel de Seide*).

«... Havia grande calor enervante. O sol punha nas paredes clareiras faíscantes, cruas. Moscas zumbiam, com asas lampejantes, em giros idiotas; gatos, agachados como velhos sicários, pinchavam com muitas perfídias, à caça dos pássaros, nas densas verduras desbotadas dos arvoredos; carros chiavam, nas terras baixas, barrentas, com grandes grêtas das calcinações do grande sol; os lentos bois nostálgicos vergastavam com as caudas ásperas os moscardos que os atacavam de entre tapumes, com grandes sêdes impetuosas de frescores de sangue. Havia moleza e estonteamentos abafadiços no ar, cheio de sensualidades mordentes. Levandiscas esvoaçavam nas ourelas úmidas dos regatos, muito garbosas, com pipilações joviais; bezouros azúis, de tons metálicos luzentes, rodopiavam em volteios curtos e muito sonoros; pardais abandados infestavam as painçadas, dando pios hilariantes de bandidos canalhas; cerejas bicais vermelhavam as suas provocações sorridentes, como beiços rubros de mulheres,

vitalizadas de lascívias aquecidas de bom sangue; pêssegos abeberados, de sucos doces, penujavam; varas de porcos, com grunhidos regalados, esfoçavam nas esterqueiras, banhando-se com grandes espalhafatos, como odaliscas epilépticas, de volúpias escandecidas; raparigas esguedelhadas, de narizes arrebitados, com as caras fuliginosas do suor e poeira, muito escaneladas, com os olhos espantadiços, de secreções amarelas, saias de estôpa suja, frangalhona, a trapejar nos canêlos esburgados, guardavam bácoros, e davam gritos dum timbre muito agudo que punham écos nas colinas, batidas do largo sol; galinhas cacarejavam; galos de cristas escarlates e recortadas arrastavam a asa, com arremetidas parlapatonas de sultões. A natureza estava cheia de mistérios amorosos e duma grande espiritualização sensual». (*Eusébio Macário*).

Finalmente, oferece um interêsse particular, como descrição dum grupo de figuras, bem reveladora do carinho que o artista punha até em pormenores da sua criação, o seguinte trecho, de pintor e de poeta, a um tempo:

«Anoitecera. Padre João, que era o vigário da freguesia, andava discretamente passeando no adro, e entretendo os sobrinhos

para não interromperem a prática, cujo assunto êle adivinhara. D. Antónia ergueu-se, tomou a mão do filho, e saíu da igreja. No adro, estavam brincando as três irmãs de Jorge, a mais velha das quais tinha nove anos, e o irmão mais novo que nascera depois da morte de seu pai. Saltaram as mais novas aos abraços à mãe, e as duas meninas ao pescoço de Jorge, com grande alarido. Sentou-se êle nos degraus do cruzeiro do adro, e tomou para sôbre os joelhos as duas meninas, que, à fina força, queriam ennastrar-lhe nos cabelos as suas rosas brancas. D. Antónia contemplava o grupo, com o semblante banhado de alegria. O egresso, debruçado sôbre a parede baixa que contornava o adro, falava com o mordomo da festa de S. Sebastião, àcêrca do número de padres e do prègador que devia chamar. Os meninos mais novos já tinham largado a mãe para apedrejarem as andorinhas que chilreavam em redor do campanário, cuja sineta única era movida debaixo por um cordel que os pequenos a muito custo respeitavam por ali estar o tio padre. Resolvido o negócio da festividade do orago, padre João tirou pela corda, e tocou as nove badaladas das Avè-Marias. Todos ergueram

as mãos, e rezaram em voz alta. «Ora Deus nos dê boas noites» — disse o padre. Rodearam-no os meninos a beijar-lhe a mão, e Jorge também, depois que sua mãe lhe deu a fronte». (*Anos de Prosa*) (1).

Sempre o mesmo idealismo doce e casto,

---

(1) Mais duas telas, que encontro nos meus apontamentos:

«Profundo silêncio. Ouvia-se apenas o zumbido das moscas que se esvoaçavam do tecto, atraídas pelo calor da luz única, e pousavam na fronte chagada de Cristo. O recinto era espaçoso e quase em trevas. A vela, encoberta pelas curvas laterais do oratório, não alumiava senão o curto espaço de projecção em que Marta, retraída num terror, tinha os dedos das mãos postas, chegadas aos lábios, como se quisesse abafar os suspiros». (*A Brasileira de Prazins*).

«Estavam Inês e Duarte sentados no degrau de pedra bruta que forma o pedestal de uma cruz, no ponto mais elevado da aldeia. A mãe de Duarte acabava de rezar as *Avé-Marias*, e ficara em mudo extasis, com as mãos cruzadas sôbre o regaço, contemplando a estrêla vésper. O abade afagava entre os joelhos um corpulento mastim, que forcejava por lamber-lhe o rosto. À beira do venerando benedítino, estava o breviário, que êle folheara pouco antes, concluída a reza de vésperas. Profundo era o silêncio do céo e da terra...» (*Doze Casamentos Felizes*, 4.º casamento).

em que a imaginação intervem como um bálsamo e em cujo espírito há vislumbres de nostalgia mística!

O escritor foi um poeta e um homem de coração. Sentiu, como nenhum outro mais, os encantos recatados, as sugestões misteriosas das cousas eternamente belas, imaculadas.

A alma da nossa raça, com a sua suave tristeza, a ternura compadecida, a indecisão sonhadora, a resignação perante a fatalidade viveu na alma de Camilo, de par com os ardores dos temperamentos insofridos ou revoltados que na desgraça ou na defesa do bem e da justiça encontram a justificação dos seus excessos.

Camilo foi um escritor português, de inspiração tôda portuguesa, fundada na observação da nossa humanidade, da nossa terra, do nosso céo.

Nas obras do romancista fulguram joias preciosas, muitas delas duma grandeza e pureza tais que não teem igual na nossa literatura.

INDICE

I — O Homem 7
II — O Artista 97

C 11

BINDING SECT. DEC 16 1969

PQ 9261 C3Z6435
Coelho, Antonio Diogo do Prado Camilo

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 05 04 01 006 0